D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#12

NOVEMBRO - 2020



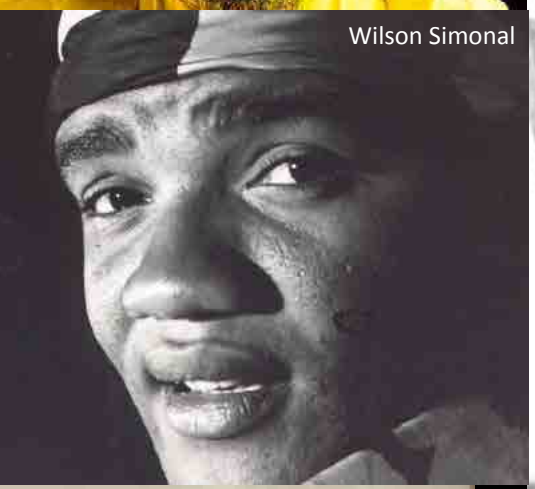

Cartola


Elza Soares


Chico Cézar


Jovelina Pérola Negra


Seu Jorge


Wilson Simonal

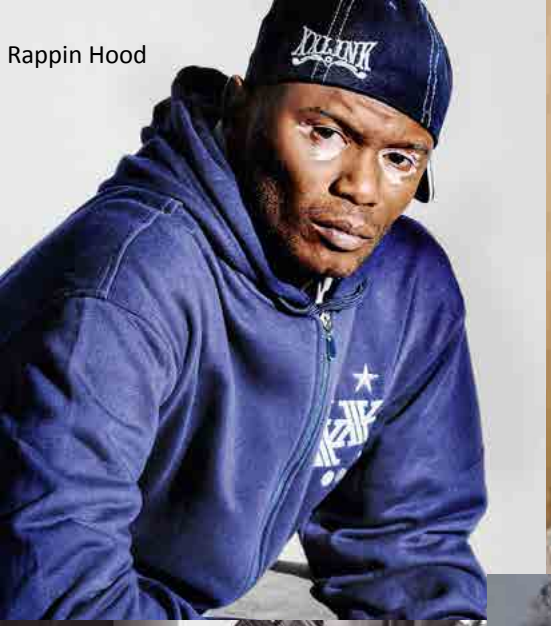

Mussum


Ataulfo Alves

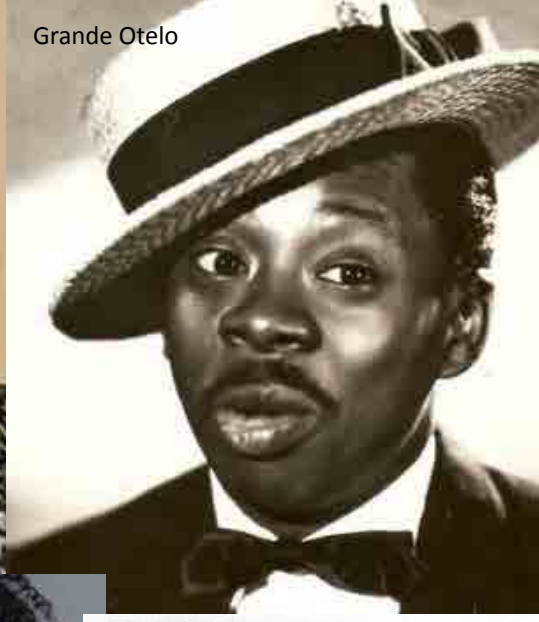

Piximguinha

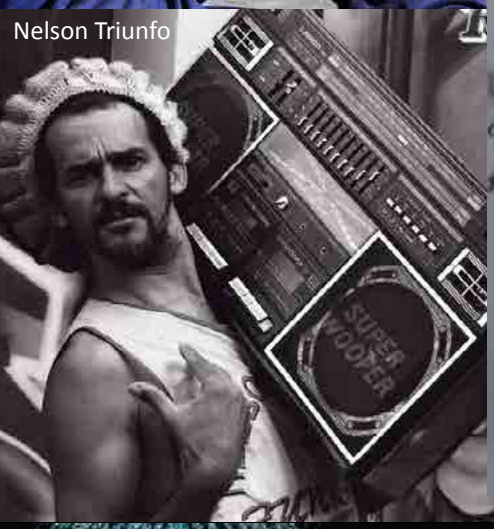

Luiz Gonzaga


Crioulo


Rappin Hood


Martinho da Vila


Grande Otelo


Nelson Triunfo


Negra Li


Jackson do Pandeiro


Milton Nascimento


Taide
DJ-HUM


Emicida

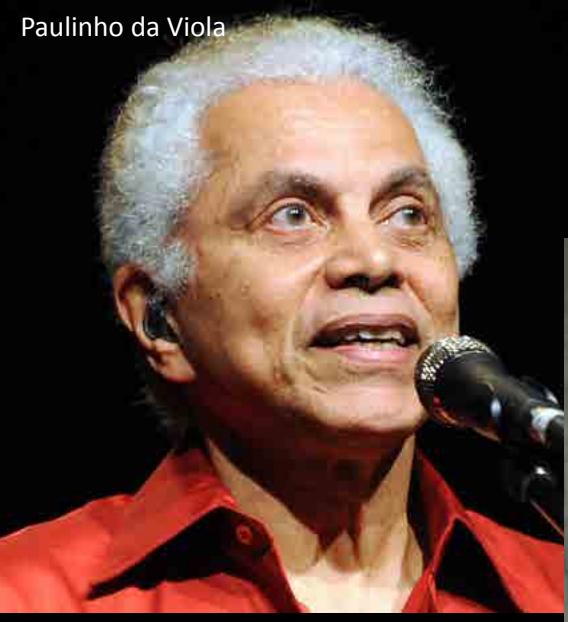

Minton Gonçalvez


Gilberto Gil


Gerson King Combo


Dona Ivone Lara


Djavan


Paulinho da Viola


Zezé Motta


MV Bill

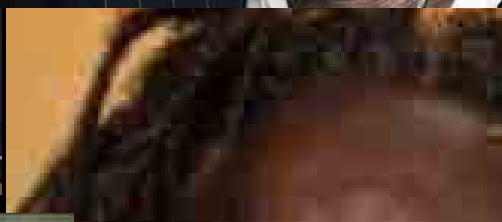

Luiz Melodia


Ice Blue

Mano Brown

Edi Rock

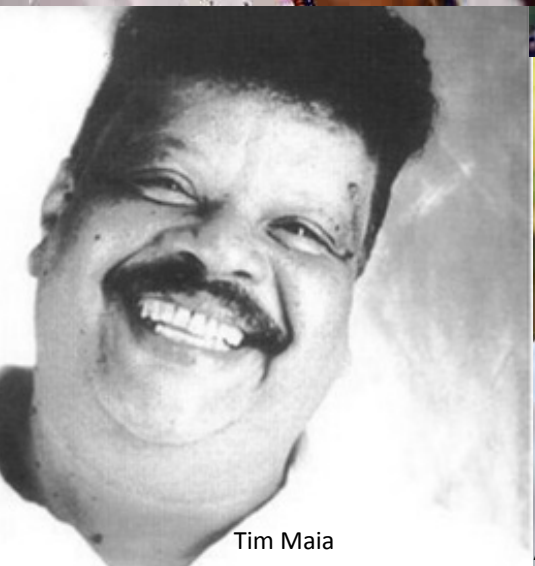
DJ KLJ




Leci Brandão


Bezerra da Silva


Itamar Assumpção


Tim Maia

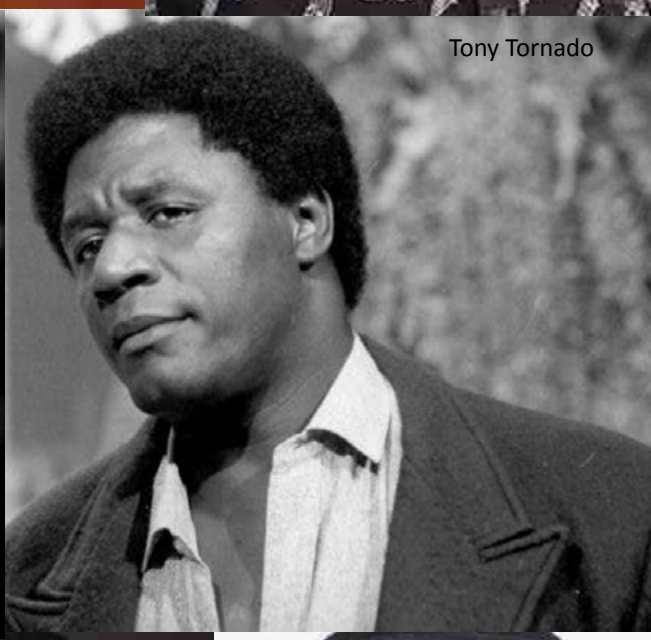

Almir Guineto


Riachão


Sandra de Sá

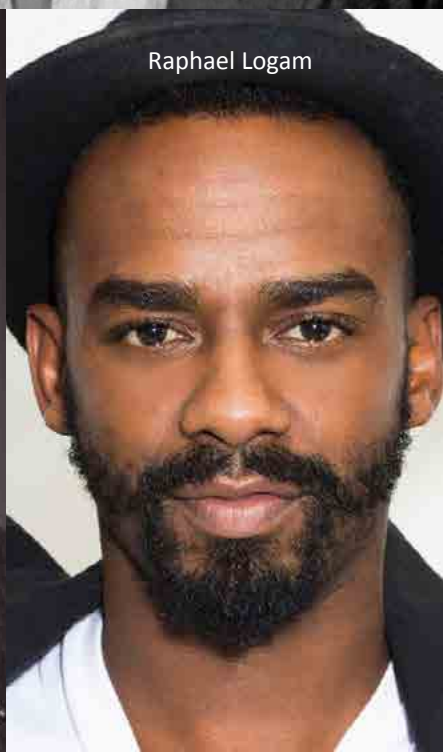

Babu Santana

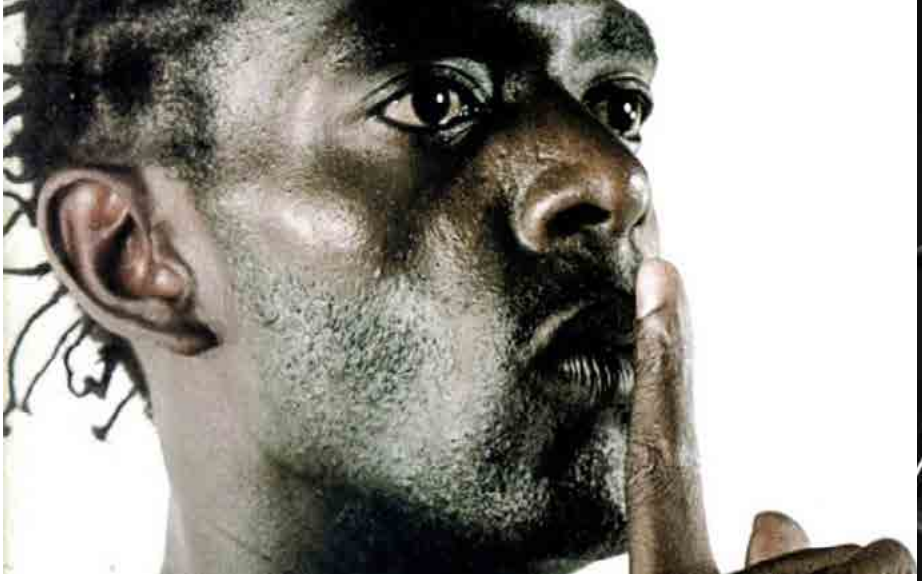

Ruth de Souza


Tony Tornado


Leandro Firmino


Lázzaro Ramos


Raphael Logam





Jorge Ben Jor

SABOTAGE
ASSASSINADO EM
24 de janeiro de 2003,
São Paulo



"Um país que deixa
a cultura se perder,
nunca será uma nação"

Candeia

Fotos dos artistas - internet/Divulgação







“Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

(Da autobiografia “O longo caminho para a liberdade”, 1994).



Around the World



#12

BRAZIL - 2020

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Agradecemos aos nossos leitores, artistas, colaboradores e a todos os demais... que de alguma forma fizeram parte dessa trajetória.

Chegamos ao nosso primeiro ano de existência, foram mais de 1.200 páginas publicadas, com muita Arte, Cultura e informação.



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design

Ronilson Rony

Apoio cultural

BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

Saudações! Apresentamos nossa 12ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

Nossas publicações operam de forma independente e, para mantermos o trabalho, disponibilizamos o projeto em financiamento coletivo. Interessados em colaborar financeiramente com esta empreitada podem fazer doações no link

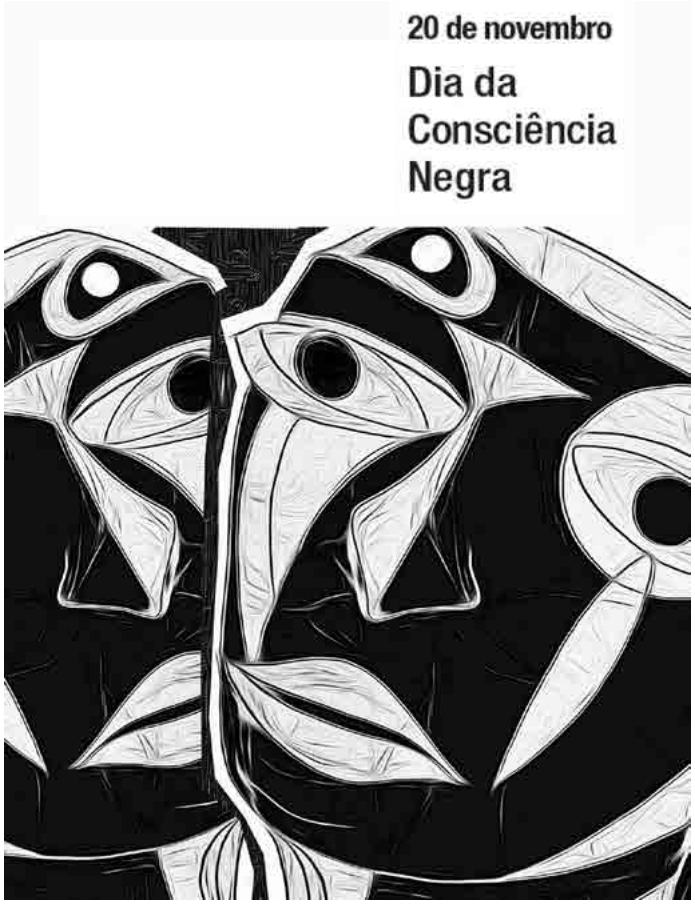
Catarse

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para digulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/



Art. 220 - Constituição brasileira de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade




financiado com
catarse
CAMPANHA
ADOTE
UMA PÁGINA
D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA
R$ 10,00
(MENSAIS)

click aqui

Enquanto escreviam frases estúpidas, assinavam a própria ignorância



As pichações são em instituições de ensino em Lisboa, Capital portuguesa. Certamente, os autores nos demonstram a falta de conhecimento histórico sobre o seu próprio país e, consequentemente, a de outros que se tranformaram, a partir do século XVI, em frutos da expansão extrativista portuguesa como: Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial e Brasil.

Como se isso já não bastasse, nos mostram ainda, a incapacidade de compreensão, sobre as próprias questões filosóficas e ideológicas da instituição de ensiso que frequentam (no caso da católica).
Então, vamos aos fatos, muito resumidamente.

Os negros em sua luta e resistência, estão preocupados com questões que vão, muito além da pigmentação da sua pele. Buscam por palavras como: dignidade, cidadania, igualdade, liberdade de crença, de fala ... com consciência que somos todos uma raça única... a raça humana.



Questões que não deveriam ser complexas, mais o são, pelo fato de muitas pessoas não atingirem a capacidade cognitiva, pra compreender a própria dimensão do ser humano.

Pessoas que não percebem o quão mediocres se tornam, ao não perceberem que estão usando a cor preta em seu spray.

Não gostam de pretos? Então não usem mais a cor preta pra escrever bobagens. Problema Resolvido.

As favelas brasileiras, são o resultado de um Brasil das “capitanias hereditarias” e séculos de escravidão; do período colonial (1500 a 1822). Mesmo sendo uma herança indesejada, as comunidades pobres encontram em seu sofrimento diário, o antídoto que formula a própria sobrevivência... construida dentro de muita dificuldade e adversidades sim... o mais surpreendente que: de todo esse sofrimento acumulado, lá na favela, os habitantes, seja o negro ou o branco, ainda encontram tempo para sorrir, cantar e celebrar a vida, com toda a sua Arte e Cultura.

Diante desta atitude repugnante, deixo aqui um alerta... da próxima vez que sentar num banco escolar, preste muito bem atenção, se for de madeira... pode ser um pedaço da nossa amada amazônial. Sobre o ouro, falamos outra hora.

Wilson Inacio

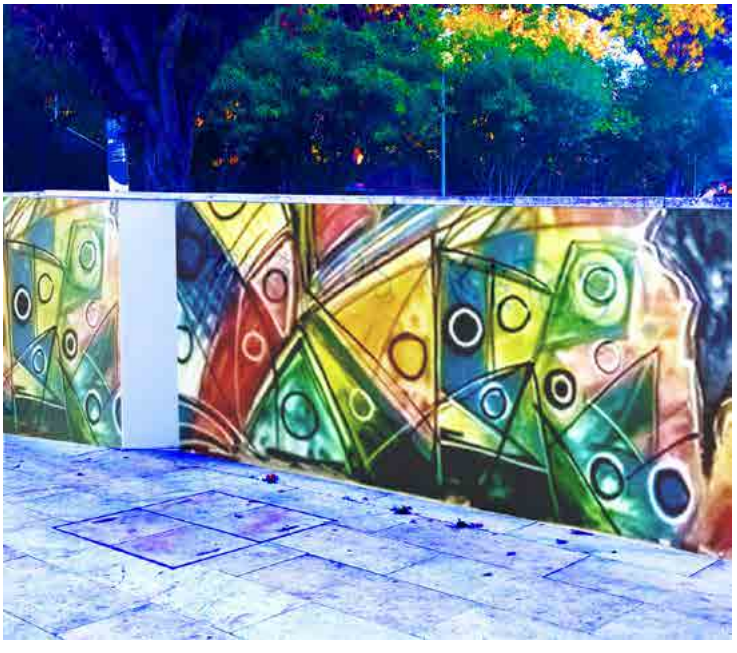
Seja camaleão, adapte-se a todas as cores



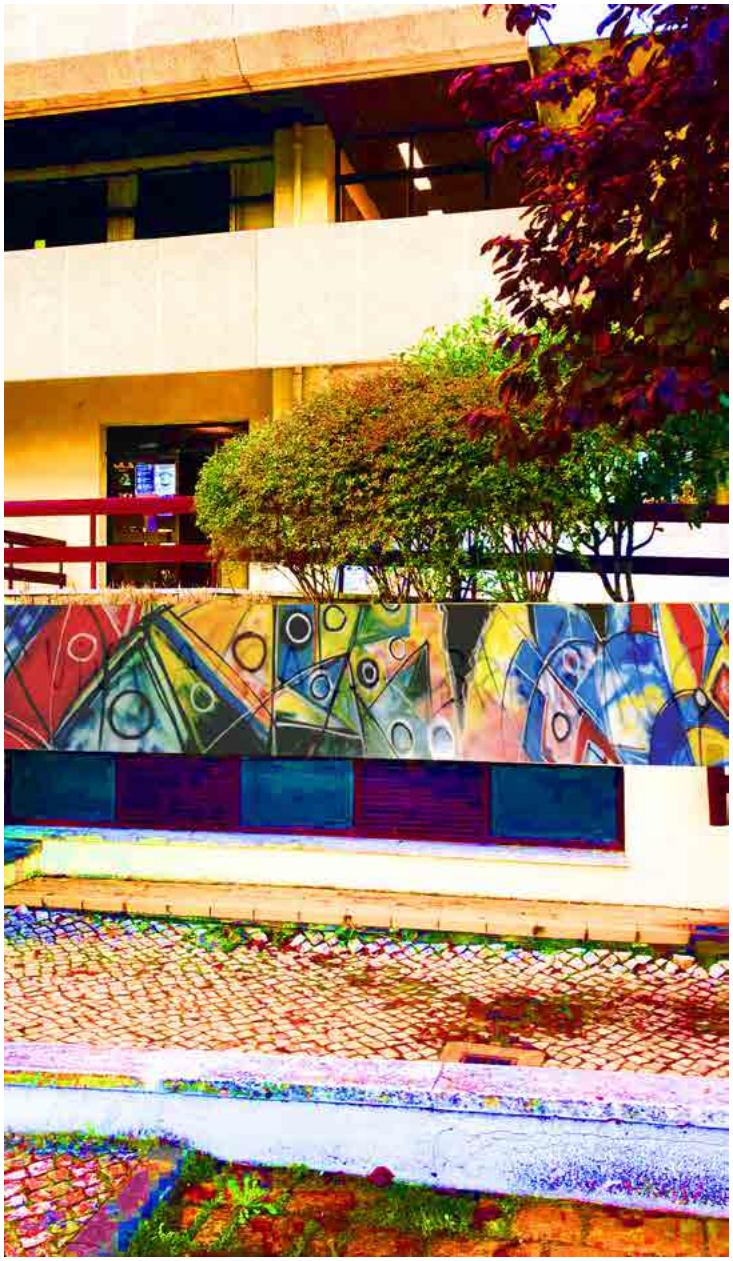




Porque escrevestesu de preto?



“Pintando sobre a vergonha” - Grafite Virtual







https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/10/30/universidade-catolica-escola-secundaria-portugal-racistas.htm



INFLUÊNCIA DO NEGRO NA LÍNGUA FALADA NO BRASIL

Por cerca de três séculos, estima-se que mais de 5 milhões de homens, mulheres e até crianças africanas foram retirados à força de suas famílias, atravessaram o Oceano Atlântico em navios negreiros e viraram escravos em solo brasileiro. Oficialmente, a escravidão só terminou quando a Lei Áurea foi publicada, no dia 13 de maio de 1888. A imigração forçada obrigou os africanos a adotarem o Brasil como sua nação.

A proveniência dos escravos percorria toda a costa oeste da África, passando por Cabo Verde, Congo, Quíloa e Zimbábue. Dividiam-se em três grupos: sudaneses**,** guinenos-sudaneses muçulmanos e bantus**.** Os sudaneses dividiam-se em três subgrupos: iorubas, gegês e fanti-ashantis e seu destino geralmente era a Bahia.

Já os bantus, grupo mais numeroso, dividiam-se em dois subgrupos: angola-congoleses e moçambiques e tinha como destino Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo. Os guineanos-sudaneses muçulmanos dividiam-se em quatro subgrupos: fula, mandinga, haussas e tapas. Também tinham a Bahia como destino.

Assim em constantes atos de resistência e adaptação, o negro foi preservando e fundindo sua tradição religiosa, cultural e hábitos sociais com a dos portugueses e dos indígenas e com isso muito contribuiu com a língua falada no Brasil, com a culinária, a música, a dança e a religiosidade. De Norte a Sul do país, o uso cotidiano da língua mostra que a influência africana é muito presente e ao mesmo tempo natural.

Para se ter uma idéia sobre o reconhecimento desta contribuição, em 1789, no primeiro dicionário do idioma português, o autor Antônio Morais e Silva já identificava várias palavras de origem africana, como batucar, cafuné, malungo e quiabo, então de uso corrente entre os brasileiros.

Em 1933, um jovem chamado Renato Mendonça publica A influência africana no português do Brasil que surpreende por



examinar 350 palavras de origem africana no uso da língua portuguesa falada no Brasil. Hoje sabemos que a influência africana enriqueceu a fonética, a semântica, a morfologia e o ritmo das frases e que foi fundamental para uma língua genuinamente brasileira. Ao longo do século XX, a sociologia fundamentou o alcance do africano na vida brasileira e o livro Casa Grande e senzala (Gilberto Freyre) é um bom exemplo disso.

Reconhecidos hoje como pratos deliciosos e típicos da culinária nacional: abará, vatapá (ambos de origem iorubá), acarajé (No continente africano é conhecido como akara, e especificamente no norte da Nigéria é também chamado de kosai. No Gana, por sua vez, a iguaria é mais conhecida como koose), angu (vem da palavra àgun do idioma africano fon da África Ocidental, onde a palavra se referia a uma papa de inhame sem tempero) e caruru, considerado um prato afro-indígena pois "Caruru" procederia do termo africano kalalu. E outra possibilidade é que seja substantivo de etimologia tupi, caá-riru, a erva de comer.

Termos tão utilizados na música nacional como agogô (sino em iorubá); atabaque; batuque (termo africano do landim batchuque); berimbau (de origem bantu); ganzá ou canzá valorizam nossa identidade cultural, seja na lingüista como em nossos ritmos.

Outras palavras e expressões tão comuns no dia a dia como canga, bunda, cachimbo (do quimbundo kixima), caçula (do quimbundo kazuli, o último da família), quitanda; samba, xingar, zebra e moleque (do abundo muleque, menino) são de origem africana e mostram como a influência negra foi decisiva quando ao se integrar aos vocábulos português e indígena, ajudou a formar a imensa diversidade e riqueza cultural do Brasil.

Aldo Moraes
Músico, poeta e jornalista (MTB 10993/PR)
Ex-Secretário de Cultura de Londrina/PR
Presidente do Instituto Cultural Arte Brasil



A Importância da Dança Afro



As danças de matrizes africanas, são manifestações artísticas que transcendem, e vão além de oferecer uma concepção estética de sons, movimentos e expressão corporal. Representam também, a resistência desses povos, desde o período colonial, na preservação e ressignificação de suas tradições, dos seus modos de conviver e de interpretar o mundo, através de um olhar voltado às suas raízes, suas origens, seus antepassados e sem deixar de ser uma expressão da contemporaneidade.

Isso nos mostra que a cultura popular, de uma maneira geral, está longe se ser uma uma cultura menor. Sua representatividade é um meio de reconhecimento da identidade brasileira, de uma leitura crítica da realidade, de valorização das diferenças e da diversidade humana.

Isso nos garante o direito de sermos diferentes, sem deixarmos de nos colocar em posição de igualdade, na construção de conhecimento ou de saberes voltados ao avanço de uma sociedade mais justa e igualitária.



Wilson Inacio



A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".

Wilson Inacio





Rubens Pillegi
Série “Bem bolado”



Hiperconteúdo - Sutiã - manta de algodão, coco e alumínio



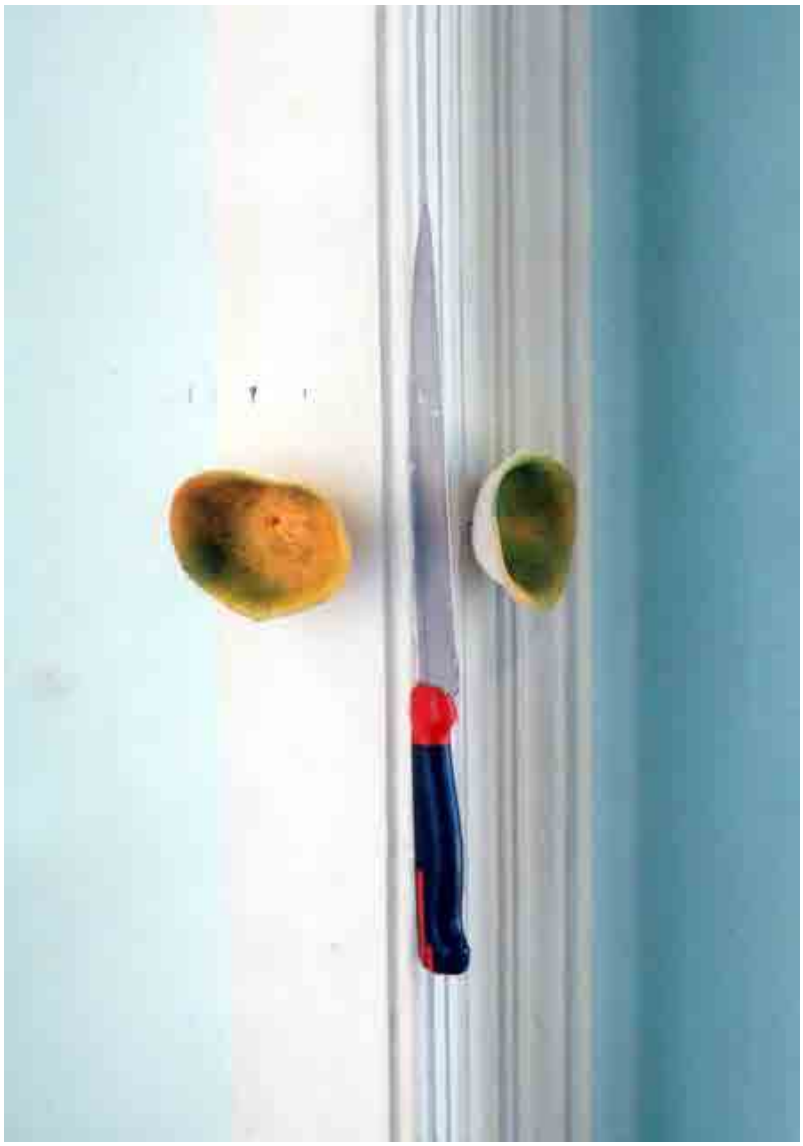
Apoiado - Peso de metal, corda e furador de papel

O peso de metal observa o furador fazer sua “arte”, mas o artista depende do “espectador” para manter seu equilíbrio.



Bebendo o Rio de canudinho

canudinho, cartão telefônico (ou postal) com paisagem carioca, furado, água do mar e garrafa pet.



Fatiado - escultura para quina de parede
faca e casaca de laranja



Vida em gota

BEM BOLADOS é uma série de trabalhos feitos com materiais, produtos e embalagens industriais, misturados ou não com elementos manufaturados. Além disso, o título pode ser parte componente da obra, ampliando as camadas de significação dos trabalhos. Assim como os ready-mades duchampianos, podem ser pensados combinações entre objetos que, deslocados de sua função e relacionados uns aos outros, criam uma espécie de paradoxo visual humorado e lúdico, ao mesmo tempo. Funcionam como trocadilhos visuais ou piadas de duplo sentido que afirmam sua presença pelo desconcerto e pela imprevisibilidade como estão organizadas. Desenvolvo esse tipo de trabalho há anos, mas não fico empenhado procurando objetos e materiais que possam servir aos meus propósitos estéticos. Não é, vamos dizer, uma pesquisa plástica, no sentido de debruçar-se sobre um tema e todo dia ir ao atelier para construir uma obra a partir de uma ideia. É mais um acontecimento. Distraído, sou subitamente tomado por uma espécie de epifania e crio relações entre produtos, objetos e materiais, quando menos estou pensando em "fazer arte". Acontece que, com o passar dos anos, o olhar vai se afiando e se afinando, tornando-se cada vez mais seletivo e mais preciso na elaboração dessas criaturas.

Em todo caso, é preciso estar aberto para o que está acontecendo ao redor, sem querer julgar ou ordenar o cotidiano, mas participando dele como uma espécie de observador despretensioso. É aí que pode ocorrer uma transformação que faz o ordinário se apresentar como possibilidade para se tornar extraordinário. E, assim, basta nomeá-lo de forma a contrariar o sentido que ele aponta, ou exagerar sua evidência, com um ou outro detalhe, que algo surpreendente surge.

Outra relação possível, é que os Bem Bolados, partindo de objetos banais do cotidiano, apontam para uma realidade que se desdobra em ficção, preenchendo de sentidos simbólicos e metafóricos aquilo que antes pertenciam ao mundo do indiferenciado. Assim, alongam a existência do que nasceu para o consumo e o descarte imediato, uma vez que nascem rotulados e se tornam, depois de usados, lixo. Apesar de sabermos que um Bem Bolado pode ser feito de um pneu de carro, um cigarro ou uma boneca de plástico, há uma reconfiguração semântica em que os elementos passam a narrar uma delicada histórica, uma fantasia, produzindo sensações, através da linguagem plástica, despertando a imaginação. Há um jogo. E se há o jogo, há regras. Só que essas regras são para sair do senso comum. E não para reafirmá-lo.

Esses seres "anônimos", portanto, quando reconfigurados, tratam de uma questão colocada por Ranciére em A Partilha do Sensível, quando escreve sobre a assunção do comum. Mas, esse "comum" não se desfaz no informe do caldo cultural enquanto uma visibilidade que se equivale ao seu semelhante, exposto em uma gôndola de supermercado. Ao contrário, o Bem bolado celebra a vitória da singularidade sobre o mesmo, sobre o sempre igual, sobre o mainstrean de ocasião, a padronização do gosto e a repetição monocórdica da repetição sem ritmo.

Outra ideia embutida nesses trabalhos é que eles podem ser entendidos, também, como um "retardador" de tempo. Isto é, como se fossem, esses objetos, "máquinas de atraso", areia no motor do relógio de ponto, exceções à regra, como dirá o cineasta Godard na relação da arte com a cultura. São, por isso mesmo, índices de corpos que se atraem e se f(r)iccional. Coisas que sabemos ter acontecido por sinais esparsos, aqui e ali, dos quais precisamos juntar as partes e tirar, como faz um detetive, nossas próprias conclusões.

Sobre o modo de tornar visível esses trabalhos, percebi que esses objetos eram imagens 'rápidas', consumíveis, descartáveis, em certo sentido. Quer dizer, cumprem sua função de despertar nossa imaginação e, logo após visualizadas, partimos para outro post. Descobri, além disso, que elas são fotogênicas, como se posassem para as fotos que tiro delas e, depois disso, se deixassem desmanchar, como uma modelo que retira a maquilagem e a peruca depois de uma sessão, voltando a ser alguém comum no meio de outras pessoas. No caso, a cigarra volta para o potinho e o cigarro é usado como antifungicida em plantas. Sabemos o que vemos não são as obras, mas nesse mundo virtual onde o impacto visual vale mais do que mil palavras, satisfazemos com as fotos, como se essa segunda realidade das obras substituísse a experiência de vê-las em sua dimensão original. Todavia, quando esses Bem bolados são expostos, presencialmente, a cigarra só sai do potinho para tornar-se "arte" já no espaço reservado para ela e o cigarro – atestando que a banalidade também pode ser transformada em arte – pode ser qualquer um.

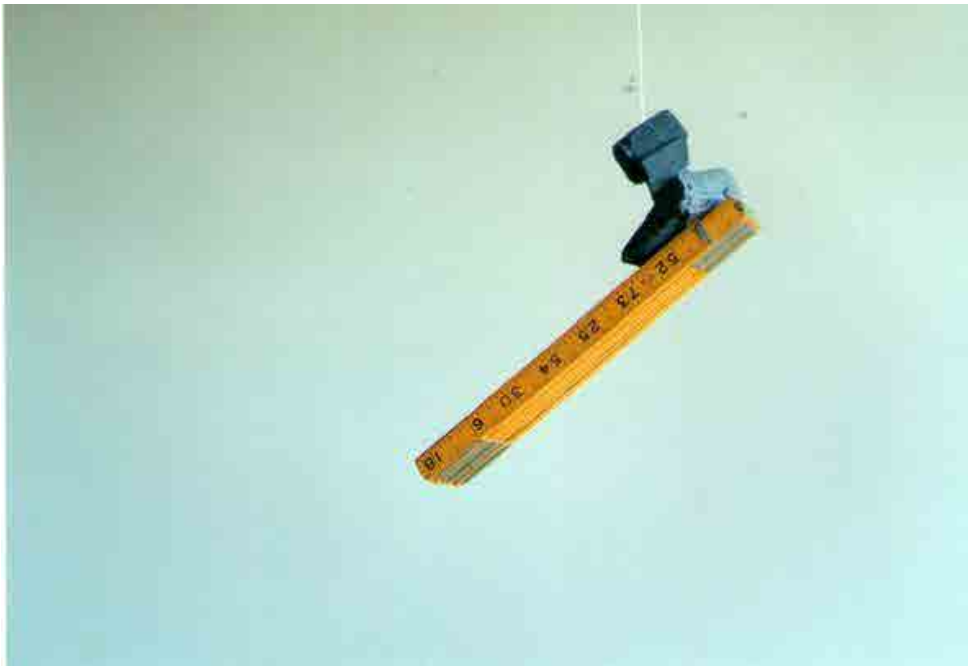


Grávida de vento - escultura para quina de parede - pano de algodão moldado com parafina

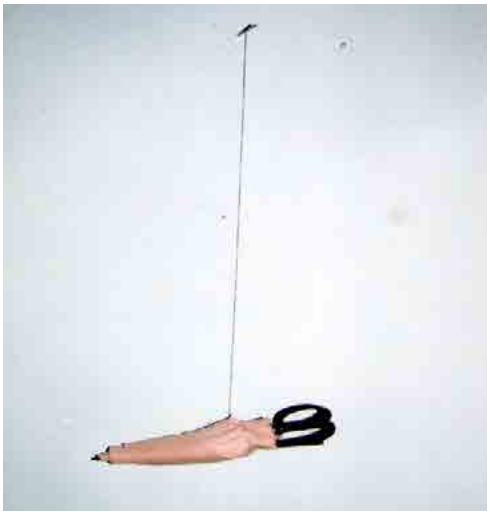


Midas - mãos, pedra e purpurina - (tentativa frustrada de pintar uma pedra e ela ficar parecendo ouro)





Pescando tubarões - Trena do trabalho Fontes, de Cildo Meireles, Imã do tacape do Tunga, modus operandi da Jac Leirner, em Corpus Delicti.



Paradoxo limitante (anulação por adição) - tesoura, pano, linha e agulha



Casal - Cigarro e cigarra



Colocando a zumbizada para trabalhar - grafite e carrinho de mão encontrados ao acaso



Super santos protetores - Caixa de velas



Ipanema Beach - frasco de perfume, rórulo, areia e água do mar



Fo Deus q me deu - Fotografia



Momento único

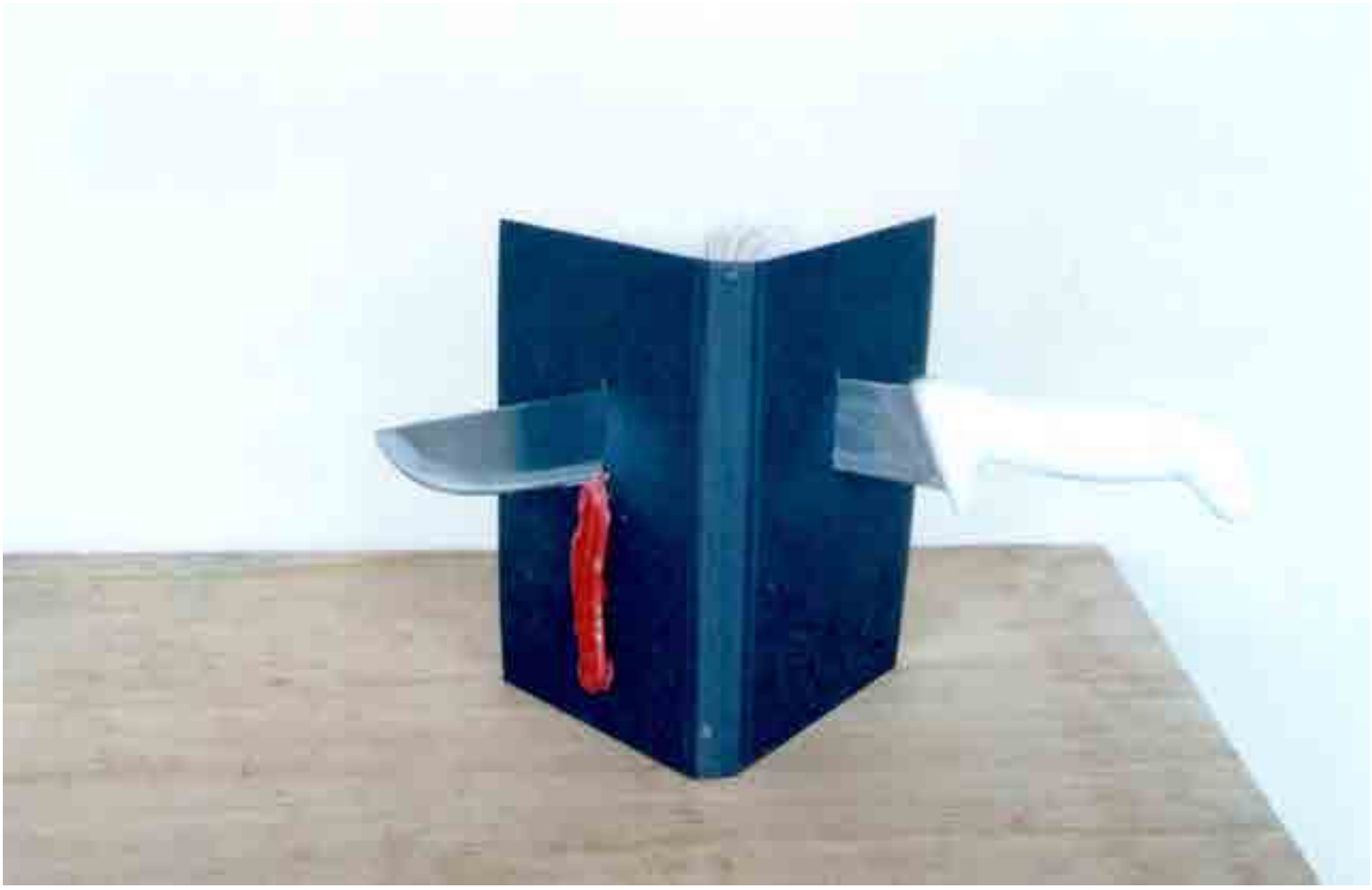
Caixa com uma unidade de chocolate Bis



Pneuma - Pedaço de pneu de automóvel, cano de bronze



extravasando - copo, pano, elástico e precipício



Livro de terror



Paradoxo aceitável (anulação por acordo) - prego, parede, martelo

Hiperconteúdo 2 - equilibrando - garrafa, copos, cerâmica



suicídio - boneca, pedra, água, areia, garrafa de gin (na foto é uma garrafa pet de água)



Sexo entre bigornas



Estalos Bope

Caixa de estalhinhos de pólvora



Frases Feitas

Embalagem com vidro e tirar de papel com frases



Super santos protetores

Embalagens, rótulos e velas

“Ocupar espaço: espantar a caretice: tomar o lugar: manter o arco: os pés no chão: um dia depois do outro”.

Torquato Neto



Divulgação

https://www.torquatoneto.com.br/

O universo fantástico das casas que andam





Em "Casas Novas não Têm Fantasmas", espectador verá obras que utilizam a alegoria da casa para falar da relação do homem com o meio ambiente

Casas que andam pelas matas, igrejas que flutuam nas águas de rios, seres que vagam pelas florestas. Criaturas carregadas de mistérios e significados povoam a exposição virtual "Casas Novas não Têm Fantasmas", do artista plástico londrinense Chico Santos. Programada inicialmente para acontecer em ambientes naturais, abertos ao público, a mostra dos trabalhos de Santos teve que migrar para o ambiente virtual da internet por causa da pandemia do novo coronavírus. Com isso, as obras podem ser vistas, gratuitamente, por todos que tenham acesso à rede mundial de computadores, em qualquer lugar do mundo, no site www.artenomato.com

A galeria virtual criada por Chico Santos reúne uma série de oito vídeos, que mostram as obras do artista, feitas em madeira reciclada, terra cota, fios de algodão, entre outros materiais. Para manter ao máximo a ideia original, que era levar o público a contemplar as peças em um lugar florestado, os vídeos com as obras foram gravados no Jardim Botânico de Londrina.

Os vídeos presentes nesta exposição virtual levam o espectador a conhecer os mitos e lendas criados por Chico Santos a partir de suas inquietações a respeito das relações do homem com a natureza. As obras apresentadas pelo artista plástico foram concebidas originalmente no projeto "Mitos Paranaenses", em que Chico Santos cria uma de lendas e "causos" a partir de histórias verídicas para reforçar a urgência de se preservar o meio ambiente. Em tempos de "fake news", o artista plástico se vale desse artifício para criar suas obras e por meio de uma história inventada chamar a atenção para um problema verdadeiro: o descaso com o meio ambiente.

A série de vídeos, apresentada pela professora de artes, Suellen Stanislau, é aberta pelo episódio "Arte no Mato", que traz ao espectador uma espécie de guia que o conduzirá pelas obras apresentadas nos episódios seguintes, bem como faz uma apresentação do artista Chico Santos e sua trajetória. Na sequência, os vídeos, todos captados pelo cinegrafista Marcos Assi, apresentam as obras e os contextos em que foram concebidas, a partir das lendas e mitos paranaenses.

Entre os episódios que compõe a exposição virtual também estão o registro de um cortejo conduzido por guardiões da mata, com a participação de índios Kaigangs, que também aparecem em outro vídeo da série, desta vez narrado em sua língua materna,



Digulgação

uma instalação artística gravada em toda a bacia do Rio Tibagi.

Chico Santos também convidou para integrar a exposição virtual "Casas Novas não Têm Fantasmas", o artista Guilherme Gerais. Em sua participação, Gerais leva o espectador a percorrer uma exposição virtual dentro da exposição virtual.

MITOS PARANAENSES

Os trabalhos apresentados nesta exposição virtual foram concebidos e desenvolvidos por Chico Santos a partir de uma série de atividades desenvolvidas, antes da pandemia, em quatro municípios do Paraná: Primeiro de Maio, Jataizinho, Telêmaco Borba e Ortigueira. Esses municípios têm em comum o Rio Tibagi, que nessas regiões acabou sendo afetado pelas Usinas Hidrelétricas de Mauá e Capivara (na divisa do Paraná com São Paulo).

O trabalho nessas localidades se valeu, além das lendas, da participação ativa dos moradores das cidades, das populações ribeirinhas e das tribos indígenas que habitam essas regiões. O artista plástico realizou uma pesquisa em cada um dos municípios envolvidos que serviram de base para a criação de esculturas e vídeo-arte que dão forma e materialidade aos "causos".

Para isso, Santos, acompanhado de uma equipe de gravação de imagens e áudio, colheu depoimentos de moradores sobre essas histórias e suas diferentes versões. A produção ainda incluiu a realização de um cortejo-performance com os "Guardiões da Floresta", criados por Chico, que representam as casas e igrejas que andam ou navegam. Os resultados dessas intervenções resultaram em obras de artes de diferentes formatos que estarão expostas no site www.artenomato.com

As histórias de cada região

Na região de Primeiro de Maio e de Jataizinho, a história que alimenta o trabalho de Chico Santos é a de uma igreja que é vista flutuando pelo rio Tibagi em diferentes pontos. A construção de madeira teria pertencido à uma comunidade que vivia às margens do Rio Tibagi extraindo argila para fabricação de cerâmica. Com o represamento das águas que formam o reservatório da Usina Capivara, as casas e a igreja da comunidade foram encobertas pelas águas. Mas a igreja 'sobreviveu' e agora navega rio abaixo rio acima. Moradores antigos dizem que a construção de madeira flutua em busca de um novo local para se instalar.

Já na região de Ortigueira e Telêmaco Borba, a história que se conta é a de uma casa que tem sido avistada flutuando pelo rio Tibagi. A construção começou a aparecer após a formação do lago que alimenta a Usina de Mauá. Dizem que tal casa pertencia a um ermitão que vivia em uma das ilhas do Tibagi que foi encoberta com o seu represamento. Os moradores da região dizem que o ermitão se recusou a deixar o local, mesmo tendo sido alertado que as águas o encobririam. Ele representa a resistência contra a construção da usina, que houve por parte da população das cidades da região e principalmente da tribo indígena que habitava o lugar, que foi submerso.

O projeto "Casas Novas não Têm Fantasmas" foi aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura (PROFICE) da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, Governo do Paraná, e conta com apoio da COPEL.

Jornalista Guto Rocha

londrinense Chico Santos desenvolve seu trabalho artístico com intuito de utilizar a alegoria da casa para alertar as pessoas sobre problemas ambientais provocados pela expansão das ocupações urbanas. No projeto "Mitos Paranaenses", Chico Santos cria uma série de lendas e "causos" para reforçar a urgência de se preservar o meio ambiente. Em tempos de "fake news", o artista plástico se vale desse artifício para criar suas obras e por meio de uma história inventada chamar a atenção para um problema verdadeiro: o descaso com o meio ambiente.

As obras foram concebidas para serem expostas em lugares ao ar livre, no meio de áreas florestadas. Mas com a pandemia do novo coronavírus, a mostra precisou ser adaptada aos novos tempos e ficará hospedada em um site na internet. A galeria virtual reunirá uma série de nove vídeos, em que os trabalhos de Chico Santos poderão serão vistos, acompanhados da apresentação feita pela professora de artes Suellen Stanislau. Os vídeos, captados pelo cinegrafista Marcos Assi, foram gravados recentemente no Jardim Botânico de Londrina e procuram preservar a

ideia original do artista de levar objetos de arte e o público para contemplá-los no meio da floresta. A exposição virtual conta ainda com uma obra do artista plástico Guilherme Gerais, convidado por Chico para integrar este seu mais novo trabalho. A exposição virtual poderá ser acessada a partir do dia 08 de outubro, no site www.artenomato.com

A ideia é direcionar o trabalho para os professores e estudantes do Ensino Médio...

Historias verídicas que inspiram criação de lendas que moldaram os trabalhos

Projeto aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura | PROFICE da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura | Governo do Estado do Paraná


Digulgação

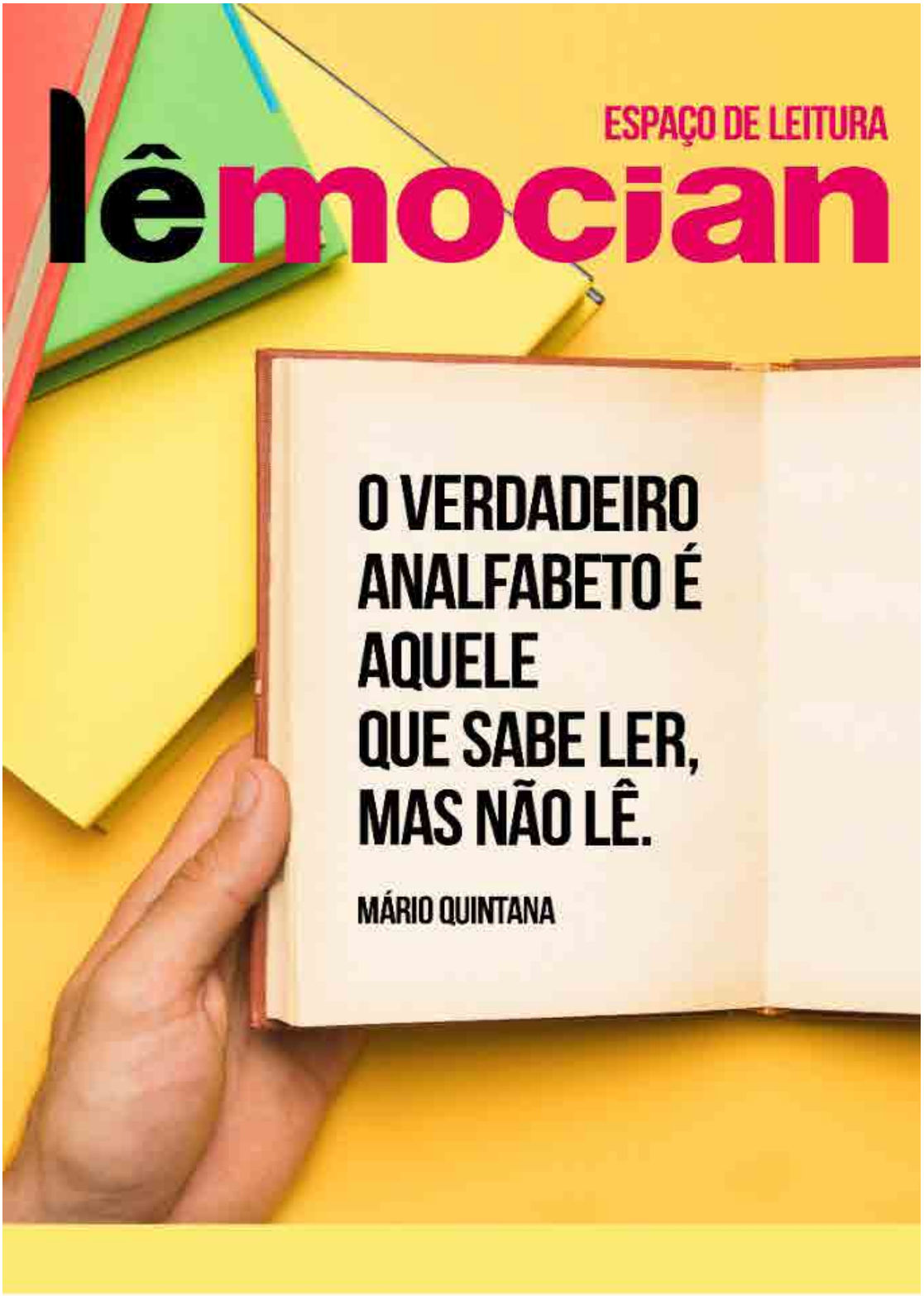

Digulgação


Digulgação

Digulgação



A empresa Mocian cedeu um local no refeitório para montar o Espaço Lê Mocian em parceria com o Instituto Cultural Arte Brasil, Conexão Brindes e a Revista D-Arte. Neste espaço serão disponibilizado livros para leitura e empréstimo e em breve com o fim da pandemia será um espaço para receber autores, palestras e outras atividades artísticas. .



Apoio Cultural

Brindes Marketing Promocional

BATUQUE NA CAIXA
I.C.A.B Instituto Cultural Arte Brasil

mocian SINTA A BELEZA

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Sérgio Gaviolli

Bordando Sonhos



Digulgação

O renomado costureiro nos contou um pouco sobre o seu ínico de carreira e sobre seu processo de criação.





Sergio Gaviolli – Antigamente, em Londrina, os jornais publicavam propagandas das lojas de tecidos e vestuário , nesses anúncios, vinham desenhados modelos ou “croquis”, esta foi a sua principal referência no estudo do desenho, repetidos até ficar feliz com o resultado. Tempos depois, buscou os primeiros cursos para o aperfeiçoamento dos seus próprios modelos.

Apesar de não se considerar um estilista, mas sim, um costureiro, ele nos revela algumas etapas de todo esse processo de preparação e meses para que aquele dia esteja tudo perfeito.

“Hoje a grande maioria das noivas, chegam com suas referências... chegam sabendo tudo que elas querem” Sergio define seu estilo como clássico” pois, a grande maioria do seu o público, são as pessoas que almejam o tradicional e, a partir das referências, vou me adequando as necessidades de cada noiva, com um atendimento personalizado.

Do momento da prova de tela (um algodão cru onde as bases do vestido são moldadas), além das provas e medidas, o seu trabalho se destaca com os bordados, como o grande diferencial, um trabalho todo artesanal,

“Eu crio todo o meu bordado, tudo feito em linhas, para depois repor as pedrarias, é um trabalho artesanal ”

São várias etapas até o risco do bordado que é criado em tamanho real, num papel de seda, entre outas provas, medidas, infinitos retoques.”

“As pessoas se encantam muito com o mundo da moda, acham que o mundo da moda é só *glamour* e badalação... é aquele um minuto... pra tantas horas de trabalho.”

“Você tem que amar a moda, sem pensar numa grande recompensa... quem vai fazer moda hoje, vai ter que trabalhar muito e, a concorrencia, é um bolo fatiado, em finissimas fatias. Moda é ralação, é tenta superar suas próprias expectaticas todos os dias...12, 13, 14 horas por dia de dedicação”

“O *glamour* não existe pra quem faz moda, *glamour* existe para quem vai usar o trabalho que você projetou pra ela... então, tudo que eu for fazer, eu tenho que fazer com excelência, com maestria e todas as pessoam deveriam ter isso em mente, enquanto desenvolvem o seu trabalho.



Digulgação



Digulgação



Digulgação



Digulgação



Digulgação

ALMALONDRINA
rádio web

#ouça
RÁDIO
ONLINE

https://almalondrina.com.br/

Cultura930
PORTAL DE CULTURA

https://www.radios.com.br/aovivo/radio-cultura-930-am/12410

12 Volts

CUSTOM TATTOO

(43) 3334-2648

Rua João Cândido 344, sala 307 - Londrina



Digulgação

O dadaísmo e o Artista R. F. Bongarten

O Dadaísmo

Tudo aconteceu em 1916, na cidade de Zurique na Europa, inaugurou-se o Cabaret Voltaire, um clube fundado por Hugo Ball, poeta, escritor e filósofo alemão, e Emmy Hennings, escritora e performer alemã, com o intuito de produzir uma nova linguagem artística, algo que chocasse a burguesia da época e que fosse capaz de ajudar as pessoas a esquecerem dos horrores da Primeira Guerra Mundial. Com ele nasceu o dadaísmo, um movimento artístico para expressar as decepções em relação à incapacidade das ciências, religião e filosofia que se revelaram pouco eficazes em evitar a destruição da Europa e questionar os padrões de arte estabelecidos na época. O movimento surge com um caráter antirracional, como reflexo das consequências emocionais deixadas pela Primeira Guerra: a indignação, instabilidade, revolta.

As explicações para se entender o nome empregado a este movimento "dadaísmo", são diversas mas alguns pesquisadores dizem que a palavra "dada" foi encontrada por Hugo Ball e Tristan Tzara por acaso em um dicionário alemão-francês significando "cavalo de pau" o que sinaliza uma escolha aleatória, contrariando qualquer tipo de sentido racional. Outros apontam a palavra como sendo um nada, sem significado algum, como as primeiras palavras ditas por uma criança que ainda não fala "gugu, dada" marcando assim um nonsense ou a falta de sentido que pode ter a linguagem...

O movimento se expandiu e alcançou outros lugares como Paris, o centro mais importante na época, ponto de convergência de artistas provenientes de todas as partes do mundo. Hannover, cidade natal de Kurt Schwitters, artista plástico, poeta, pintor e escultor alemão, muito próximo do movimento dadaísta. Berlim, sede do grupo dadaísta mais diretamente empenhado no campo político. E Nova Iorque, onde Man Ray, pintor, fotógrafo teve seus primeiros resultados.

Como características do dadaísmo tem-se a ruptura da linguagem artística tradicional (destruição dos sistemas e códigos estabelecidos no mundo da arte), a ironia, a reinvenção da relação entre objetos e palavras adequadas para sua definição, a casualidade, o inconsciente para a criação artística e o non-sense (a falta de sentido). Promovendo a mudança, a espontaneidade, a liberdade, contradição, defendendo o absurdo, a incoerência, o escândalo e o caos, rejeitando toda e qualquer convenção ou tipo de tradição.

Por tentar recriar um conceito de arte, incentivando um protesto de antiarte baseado na ruptura das antigas formas tradicionais afirmou-se muitas vezes que a origem do pensamento dadaísta tenha vindo do niilismo (descrença absoluta).

Para muitos artistas o dadaísmo foi uma etapa fundamental para outras experiências, como o surrealismo e o pop art, movimentos que contam entre os seus fundadores artistas anteriormente ligados ao dadaísmo.

O Artista R. F. Bongarten

É Artista plástico, artista digital e escritor dadaísta, De Assis/SP – Brasil.

Iniciou sua carreira em 2009. De lá para cá, tem construído bases solidas do dadaísmo em seus textos e criações.

Recentemente lançou seu livro " Brainstorming de Textos Psicodélicos" – pela Editora Autografia, são textos irreverentes e nonsense misturados com crítica aos padrões artísticos.

Trata em poucas palavras de criar desordem ao formato natural da escrita de poemas e poesias juntamente com uma crítica a obras abstratas que as vezes lindamente pífias são milionárias ao mesmo tempo incompreendidas.

O contraponto nisso é o artista olhar essas obras e extraio em palavras o que ele vê, misturando o Dadaísmo a um leve cotidiano sai os textos chamados "Pensares - Pensamentos nos Ares" ou uma chuva de ideias malucas.

Ou seja, Dadaísmo puro.

E na arte como forma de observar o mundo ele tenta deturpar a simetria, o ser humano quer padrões em tudo, até iniciando com um certo padrão e depois tira fora do centro propositalmente tentando não ser 100% simétrico e isso pode incomodar, mas realmente é este o sentido, já que obras abstratas algumas impactam tanto que valem milhões.

Em segundo plano a tantos recursos de pintura e o artista resolveu apenas utilizar a arte digital para questionar.

Arte digital vale menos que a arte em tela?

A sensibilidade na tela é melhor que a arte digital?

O Dadaísmo

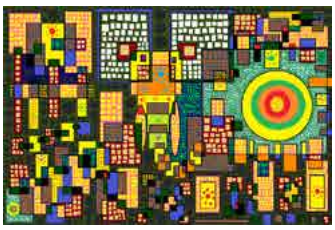
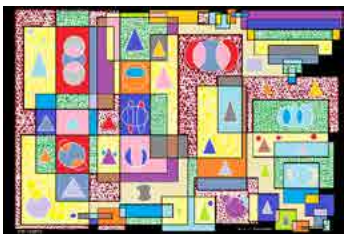
Tudo aconteceu em 1916, na cidade de Zurique na Europa, inaugurou-se o Cabaret Voltaire, um clube fundado por Hugo Ball, poeta, escritor e filósofo alemão, e Emmy Hennings, escritora e performer alemã, com o intuito de produzir uma nova linguagem artística, algo que chocasse a burguesia da época e que fosse capaz de ajudar as pessoas a esquecerem dos horrores da Primeira Guerra Mundial. Com ele nasceu o dadaísmo, um movimento artístico para expressar as decepções em relação à incapacidade das ciências, religião e filosofia que se revelaram pouco eficazes em evitar a destruição da Europa e questionar os padrões de arte estabelecidos na época. O movimento surge com um caráter antirracional, como reflexo das consequências emocionais deixadas pela Primeira Guerra: a indignação, instabilidade, revolta.

As explicações para se entender o nome empregado a este movimento "dadaísmo", são diversas mas alguns pesquisadores dizem que a palavra "dada" foi encontrada por Hugo Ball e Tristan Tzara por acaso em um dicionário alemão-francês significando "cavalo de pau" o que sinaliza uma escolha aleatória, contrariando qualquer tipo de sentido racional. Outros apontam a palavra como sendo um nada, sem significado algum, como as primeiras palavras ditas por uma criança que ainda não fala "gugu, dada" marcando assim um nonsense ou a falta de sentido que pode ter a linguagem...

O movimento se expandiu e alcançou outros lugares como Paris, o centro mais importante na época, ponto de convergência de artistas provenientes de todas as partes do mundo. Hannover, cidade natal de Kurt Schwitters, artista plástico, poeta, pintor e escultor alemão, muito próximo do movimento dadaísta. Berlim, sede do grupo dadaísta mais diretamente empenhado no campo político. E Nova Iorque, onde Man Ray, pintor, fotógrafo teve seus primeiros resultados.

Como características do dadaísmo tem-se a ruptura da linguagem artística tradicional (destruição dos sistemas e códigos estabelecidos no mundo da arte), a ironia, a reinvenção da relação entre objetos e palavras adequadas para sua definição, a casualidade, o inconsciente para a criação artística e o non-sense (a falta de sentido). Promovendo a mudança, a espontaneidade, a liberdade, contradição, defendendo o absurdo, a incoerência, o escândalo e o caos, rejeitando toda e






Para saber mais entre no site: www.fabricapoetica.com.br

Acesse nosso instagram: www.instagram.com/fabricapoetica.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Wilson Inacio

#12
Literatura

EM DEFESA DO IMAGINÁRIO – Parte 2

Sueli Bortolin

Rovilson José da Silva

Solange Bortolin

Na nossa conversa em defesa do imaginário no número anterior dessa publicação, incluímos o texto *A respeito dos contos de fadas*, que foi escrito por P.J. Stahl e esperamos que o leitor tenha gostado e ficado com alguns cris-cris na alma, pois os grilos que trouxeram sorte para a mãe do menino de bom coração, podem trazer para nós também.

Esse mês a toada da nossa conversa será diferente, pois está voltada para um acontecimento real brasileiro, especificamente o Projeto *Conta pra Mim*, do Ministério da Educação. Precisamos dizer que este Ministério, não sabemos em que bases, alterou o enredo de histórias tradicionais, os chamados Contos de Fadas que há séculos alimentam a imaginação de crianças e adultos. Contos que são transmitidos de geração em geração, de forma oral ou escrita, e trazem os dilemas existenciais inerentes ao ser humano, com altos e baixos, como é a vida.

Nos parece evidente que este projeto governamental, ideologicamente construído, considerou que os livros que devem ser lidos em família, em especial, os contos de fadas não eram adequados, pois não possuíam personagens “perfeitos”. Possivelmente, para os gestores do MEC é crueldade constar em livros infantis que há pais e mães que abandonam os filhos, como na história de João e Maria.

Aflitos com a essa situação, questionamos: será que o que passa pela cabeça dos atuais gestores do MEC é que os contos de fadas são uma invenção para destruir a família? Se sim, por que ao longo de dezenas de séculos não foram “destrutivos” e agora são?

Se pararmos para pensar muitos discursos construídos atualmente apresentam certa contradição, mas considerar os contos de fadas alienantes parece um despropósito cruel. Não temos dúvida de que em um Projeto como esse, há uma tendência em aniquilar um recurso indispensável para a saúde mental e o desenvolvimento humano que é o pensamento simbólico. Vale destacar que diferentes profissionais pesquisam os contos de fadas e os defendem como possibilidade de levar a criança a compreender a vida e a enfrentar diferentes medos, dentre eles, o abandono, a morte, a solidão etc.

Empobrecer histórias com a intenção de transmitir modos rígidos de conduta é uma violação ao direito do leitor de ter acesso à literatura, ao uso estético da palavra. Para nós uma boa literatura é aquela que não está carregada de verdades absolutas, que leva o leitor a leituras diversificadas, sem uma padronização do entendimento e, de forma saudável, pois há muito tempo “o maravilhoso, o imaginário, o onírico, o fantástico...deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratados como *portas que se abrem* para determinadas verdades humanas.” (COELHO, 1987, p.9).

Muitos aspectos dos livros postados pelo MEC para leitura em família poderiam ser aqui abor-

dados, porém por estarmos no espaço de uma Revista de Arte, nos limitaremos a falar das ilustrações dos mais de 40 livros recomendados por este Ministério que consideramos empobrecidas, sem chances de colaborarem para o enriquecimento cultural do leitor.

Talvez as pessoas que frequentam livrarias e bibliotecas possam dizer que é comum encontrar os contos de fadas publicados de forma reduzida e por editoras de renome, porém aqui estamos tratando do comportamento do MEC, principal órgão de Educação brasileiro, ao dar chancela e postar em seu site uma coleção que está longe de ser educativa.

Assim, acreditamos que MEC não precisava ter se dado ao trabalho de publicar os clássicos de forma tão desidratada. Bastava utilizar as inúmeras versões espalhadas no mercado editorial.

Para o órgão que deveria primar pela qualidade de texto e imagem, é entristecedor ver histórias que se originam do imaginário popular, contadas no mundo todo, fazendo parte de diversos trabalhos dissertativos da área da Psicologia, Psiquiatria, Pedagogia e Letras, serem tratadas com pouca elaboração artística. Nossa conclusão é que fizeram uma maquiagem ruim e estão acreditando que as crianças são “bobinhas”. Mudar os contos por não querer expor realidades duras para as crianças é ingênuo e inútil.

Com tantos ilustradores infantis brasileiros premiados internacionalmente há muitos anos, vem o MEC e utiliza ilustrações no *Projeto Conta Pra Mim* que parecem retiradas dos sites de imagens para colorir.

A equipe do MEC está distante das atuais discussões sobre o papel da ilustração na história. É como se voltássemos há 40, 50 anos onde a imagem era usada para ocupar o espaço no papel porque o texto para crianças era curto. Nesses anos todos, a nossa relação com a imagem se ampliou de tal forma que elas falam por si só. Hoje as ilustrações também são textos e não apenas “papagueiam” um texto.

Para finalizar extraímos da Introdução do livro *Contos de Perrault* referida no nosso texto anterior o trecho que P.J. Stahl questiona: qual seria o valor de uma história que aborda o imaginário na introdução de livro? Para ele, “Servirá para responder por um fato – por insignificante que seja – a essa categoria de espíritos positivos demais que pretendem hoje, em nome da razão, banir o maravilhoso do repertório da infância.” Acreditamos que essa resposta é um alento na atualidade.

Ah, Brasil! O mundo caminhando em direção ao futuro e você querendo fazer o sentido inverso.

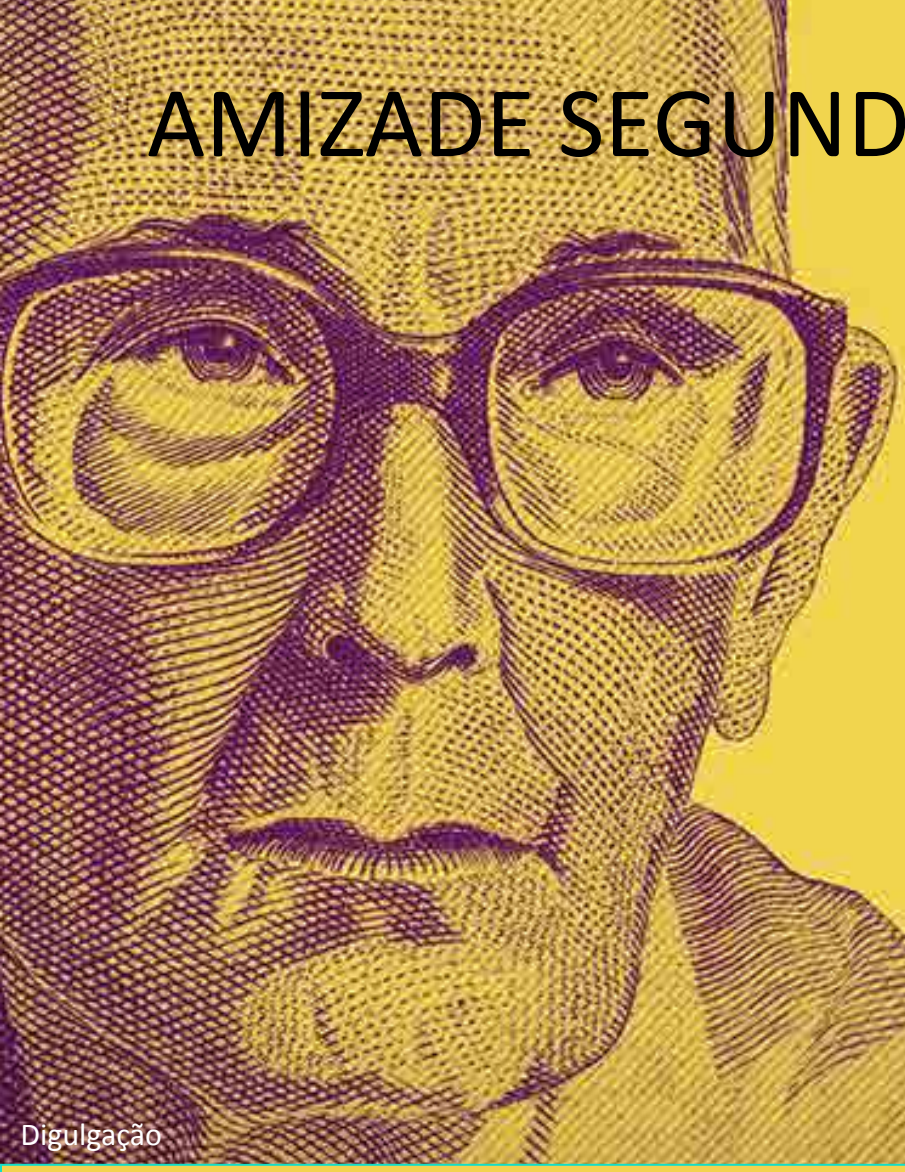
Sugestões de leitura:

BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto Conta Pra mim.** Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim. Acesso em: 31 out. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.

AMIZADE SEGUNDO DRUMMOND



Digulgação

Convidado pelo amigo Marcos Caldeira Mendonça para falar da minha amizade com Carlos Drummond de Andrade vislumbro, de cara, uma pedra no meio caminho: como fazê-lo sem trinados de ópera, quando muitos que também o amaram jamais tiveram sequer a oportunidade de vê-lo de perto ?

Meu primeiro contato com Drummond deu-se quando cheguei para trabalhar na Agência Copacabana do Banco do Brasil, em 1975, onde ele era cliente e recebia seus proventos de aposentado do Ministério da Cultura.

Desde o início estabelecemos uma relação de camaradagem curiosa e original. Ele conhecia da última gíria dos surfistas cariocas ao dernier cri da moda de Paris, gostava de cinema e achava Chaplin sua maior figura, era buquinador de livros e revistas antigas, nunca teve nem dirigiu automóvel e locomovia-se de ônibus, flertando com a vida vertiginosa da cidade em seus poemas e crônicas. Além disso, era solidário e amava nossos cartunistas e músicos e, por essa razão, descobri nele uma alma fascinante a ser conquistada, o que parecia, até então, algo além do horizonte do provável. Mas com o tempo e meus desenhos, fui me achegando ao coração do poeta.

Assinante e fã confesso d'O PASQUIM, várias vezes levei seu exemplar em mãos, a pedido da d. Nelma Quadros, secretária do semanário. Certa vez, no intuito de surpreendê-lo, ao anunciar a compra de um apê no edifício Itabira, em Copacabana, Drummond passou-me uma rasteira esperta: "Consulte o volume Viola de Bolso, onde você vai encontrar um poema sobre o seu prédio".

Se até nosso maestro soberano Tom Jobim já declarou "como é bom ser amigo de Drummond", como não me sentir um desses privilegiados, se dele guardo, além de lembrança de muitos encontros, telefonemas e papos informais, cerca de quarenta breves correspondências, e até alguns versos, incluídos no seu livro póstumo Poesia Errante? Em todas essas mensagens, a constante é o incentivo e a gratidão do poeta, sempre se entregando sem reticências, chegando, por vezes, ao exagero de generosidade de atribuir-me qualidades que sei não possuir, e virtudes perto das quais nunca estive. Na verdade, para ele, o que importava era a sinceridade, o gesto honesto e espontâneo, enfim, a linguagem da cordialidade. Se assim não fosse, como explicar, dentre tantas histórias surpreendentes, um telefonema, em setembro de 1982, pedindo-me o obséquio de representá-lo junto aos formandos da Faculdade de Arquitetura Sílvio e Souza, no Rio, onde fora escolhido paraninfo e também seria homenageado pelos seus 80 anos ?

Impossibilitado de comparecer, devido à idade e ao fato de a cerimônia ser à noite e bem distante de Copacabana, Drummond me acionava por saber que eu lá iria fazer uma palestra sobre o Rio de Janeiro de Lima Barreto. Fazia apenas uma ressalva: que eu não me esquecesse de dizer aos formandos como se sentia sensibilizado pela escolha do seu nome e, ao mesmo tempo, triste por lá não poder estar pessoalmente. Claro que executei essa missão, como se tivesse sido ungido pelo Papa.

Para retribuir um pouco desse carinho e amizade, disponibilizei meu acervo pessoal, no Centenário de Drummond, em 2002, para que a FUNALFA montasse a Exposição "Fragmentos do amigo Drummond", uma homenagem ao querido mestre itabirano, em Juiz de Fora (MG).

A propósito, em 1982 passei por experiência semelhante, graças ao incentivo e forte colaboração de Drummond para a realização de uma grande Exposição Iconográfica em homenagem a Lima Barreto, em Blumenau (SC). Generoso, o poeta sugeriu-me, na ocasião, mostrar essa mesma Exposição no Rio, indicando o nome de Hermínio Bello de Carvalho, então dirigente da FUNARTE, para fornecer-me as "dicas" de como e onde realizá-la. Se a fizesse, prometeu-me não só apresentá-la, como dedicar-lhe uma de suas crônicas no Jornal do Brasil. Infelizmente, por um desses inexplicáveis mecanismos de autodefesa, nunca procurei o Hermínio nem jamais montei essa Exposição no Rio, o que hoje muito lamento.

Mas se ali preferi ficar na sombra, quem sabe para não comprometer a biografia de Drummond, isso nem de longe se compara ao temperamento tímido e reservado do poeta, como ocorreu uma vez em Buenos Aires, onde estava em visita à filha e foi a um encontro organizado pelo célebre escritor portenho Jorge Luiz Borges, mas bateu em retirada antes de ser a ele apresentado, por absoluto acanhamento.
Igualmente, Drummond também podia surpreender, como em maio de 1981, quando veio me trazer um livro de presente. Era o "after day" do Dia do Trabalho, ocasião do frustrado atentado do Riocentro, quando subia ao palco Gonzaguinha, num show roteirizado por Chico Buarque e Roberto Freire. Todo o Brasil estava atônito com o ocorrido, mas Drummond, antenado como sempre, me fez uma pergunta que já vinha com a resposta engatilhada: "Você não acha que esse frustrado atentado só pode ter sido praticado pelos militares?" Noutra ocasião, Drummond, fugindo um pouco de sua prudência habitual, no meio de uma conversa telefônica, perguntou-me o que eu achava do resultado de uma eleição na Academia Brasileira de Letras, havida naquela tarde, sem vencedor no primeiro escrutínio, entre José Guilherme Merquior e Arnaldo Niskier, quando afirmou: "Você não acha que o Merquior é muito mais escritor do que o Niskier?" Claro que aquiesci.
De outra feita, no meu local de trabalho, atendendo a Drummond e sabedor de que mantinha guardados a sete chaves seus até ali misteriosos poemas eróticos, tive a ousadia de perguntar-lhe por que não os publicava: "Você quer que esses caras me chamem de velho bandalho?", respondeu convicto.
Sempre gentil e prestimoso, como esquecer a generosidade de Drummond em tantos momentos da minha vida, quando me dava "dicas" por telefone a respeito de alguma pergunta sobre literatura, livros ou revistas antigas, ou me enviava pelo correio matérias publicadas, no Brasil e no exterior, sobre Lima Barreto?

Drummond também foi um amigo solidário em momentos difíceis, como num episódio de cartas anônimas enviadas a uma pessoa das nossas relações, fato que chegou, por vias tortuosas, ao conhecimento do poeta. Descoberto quem as enviava, telefonou-me entristecido, confidenciando haver passado pela mesma aflitiva situação, anos antes, quando missivas do mesmo jaez tentavam jogá-lo contra sua própria filha.
Igualmente, o escritor e tradutor de Drummond e de inúmeros escritores e poetas brasileiros na Inglaterra, o prof. Giovanni Pontiero, da Manchester University – meu velho amigo e hóspede contumaz –, sempre elogiava a forma cortês e amável com que Drummond o recebia, quando vinha ao Brasil.
Entre tantas coisas curiosas que cercam a biografia do poeta registramos que Drummond, ao longo da sua extensa vida, foi traduzido em doze idiomas, recusou prêmios importantes como o Juca Pato de Intelectual do Ano de 1983, teve oito carteiras de identidade e fez uso de cerca de sessenta pseudônimos, como revelado pelo crítico e ensaísta Fernando Py. Também graças às pesquisas de Py, velho amigo do poeta, ficamos inteirados de que seu nome original era CARLOS DRUMMOND ANDRADE, assim escrito em seus documentos oficiais (Certificado de Reservista, Título de Eleitor, etc.). Portanto, não tinha esse "DE", que só foi acrescido oficialmente pelo poeta muito mais tarde, por questão de eufonia. Aliás, até seu notável Poema de Sete Faces, originalmente publicado no Diário de Minas de 25 de dezembro de 1928, tem uma gênese bem curiosa: foi assinado por um trivial Carlos Alberto. Também outros fatos interessantes têm forte conexão intelectual que nos remetem à figura de Drummond: quem criou o neologismo Sabadoyle foi Raul Bopp, em 1974, nome dado às reuniões de escritores e intelectuais aos sábados, em Ipanema, na residência e, mais tarde, num apartamento vizinho de Plínio Doyle. Iniciadas involuntariamente por Drummond, quando foi buscar uma informação na biblioteca do amigo Plínio, elas duraram de 1964 a 1998. A propósito, o bibliófilo também foi a mais estreita ligação afetiva de Drummond, nas últimas três décadas da vida do poeta. Dessa forma, Plínio também foi a única pessoa a possuir, em sua monumental biblioteca de 30.000 livros, revistas, fotos e documentos raros, dedicatórias de Drummond nas mais variadas edições dos livros do poeta. Hoje, esse riquíssimo material está incorporado ao acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa, no Rio, criado por sugestão de Drummond e dirigido pelo bibliófilo. Por coincidência, Plínio Doyle também havia sido por trinta anos advogado da José Olympio Editora e de Drummond. Nessa função, cuidou da documentação, em 1962, da venda da antiga



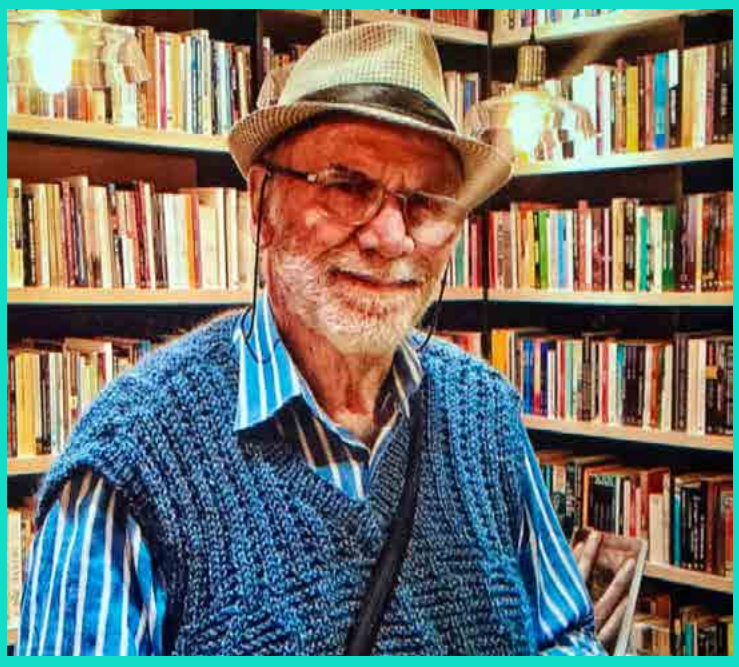
Digulgação


Digulgação

casa do poeta, no número 81 da Rua Joaquim Nabuco, em Copacabana, bem como, na sequência, dos papéis alusivos à aquisição do seu novo apartamento, na Rua Conselheiro Lafayete, 60, onde este passaria a residir nos últimos 25 anos de vida, e que visitei, recentemente, sendo lá recebido pelo amigo Pedro Augusto, seu neto.
A propósito, quando Drummond vivia na casa da Rua Joaquim Nabuco, gostava de caminhar à noite pelas imediações, para espairecer. Por vezes, encontrava seu amigo João Guimarães Rosa, diplomata na Alemanha, e se deliciava ouvindo "causos" e frases pitorescas do autor de Sagarana.
Ali na esquina da Conselheiro Lafayete, num círculo cercado de flores, o Prefeito Marcelo Alencar quis homenageá-lo pelos seus 80 anos com uma placa alusiva à data e o nome do poeta pintado no chão, na esquina da Av. Rainha Elizabeth (da Bélgica), que passa ao lado. Drummond reagiu a esse rapapé com dialética e bom humor, escrevendo: "A lei proíbe homenagem a pessoas vivas para identificação de logradouros públicos. Entendo que precise ser respeitada. Além do mais o lugar pertence de justiça ao Rei Alberto, muito mais herói do que este velho escriba..." Hoje, a placa e o nome de Drummond lá estão, é bem verdade, mas só foram colocados após sua morte. No dia 31 de outubro de 1982, o Rio amanheceu cheio de outdoors celebrando seus 80 anos. Mas essa homenagem, por motivos óbvios, Drummond não conseguiu impedir.
De música ele sempre gostou e conseguiu conciliar evidências sonoras tão opostas, mas igualmente sublimes, como Mozart e Cartola. Sem falar que atingiu a proeza – involuntária – de ser o poeta brasileiro que mais teve obras musicadas por nomes de prestígio como Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Edino Krieger, Ernst Mahle, Ricardo Tacuchian e Kilza Setti, dentre outros. Igualmente, inspirou vários filmes e performances teatrais Brasil afora, gravou discos, etc.
A propósito, por contingência do destino, em 1948, quando Drummond acompanhava o sepultamento de sua mãe em Itabira, à mesma hora o "Poema de Itabira", de Villa-Lobos, composto a partir do seu poema "Viagem na Família", era executado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, uma coincidência que talvez só a espiritualidade pudesse explicar.
Se Drummond nunca disputou uma pelada de futebol, embora tenha escrito bastante sobre o tema, foi amigo íntimo do escritor Aníbal Machado, no Rio. Aníbal entrou para a história do Clube Atlético Mineiro, onde atuou por três anos, com a alcunha de Pingo, ao marcar o primeiro gol da história do Galo em 1909, em jogo vencido por 3 a 0 contra o Sport, também de BH. Mais tarde, Aníbal se formaria em Direito e seria diretor do Atlético. Depois, no Rio, sua casa nos finais de semana tornar-se-ia o reduto de confraternização de escritores e intelectuais, uma prévia do Sabadoyle.
Por outro lado, quem pensa que a caminhada do poeta foi só flores, não sabe da missa o introito. Embora dotado de dois requisitos que transcendem o material – a sabedoria e a prudência –, nem isso o isentaria das chateações e aborrecimentos que a todos nós afligem. A começar pelo estranhamento provocado pelo seu célebre poema No meio do Caminho, que o fez sofrer o diabo. Com ele, as pedradas recebidas foram tantas que resolveu colecioná-las e exibi-las em livro (Uma Pedra no Meio do Caminho – Biografia de Um Poema, Editora do Autor, 1967), agora primorosamente reeditado e ampliado pelo poeta Eucanaã Ferraz, sob a égide do Instituto Moreira Salles. Além disso, teve uma meia dúzia de jornalistas desafetos que lhe causaram dissabores durante a vida. Ainda: Drummond foi, certa vez, chamado para depor pela Ditadura, em junho de 1964, num inquérito administrativo da Rádio MEC, que tentava enquadrar como subversiva, sua antiga diretora Maria Ieda Linhares.
Até seu amigo e grande jornalista Alberto Dines, quando editor do JB, nos anos de 1970, enviou-lhe, constrangido, correspondência esclarecendo que não poderia deixar de publicar duas cartas de leitores do jornal, contestando suas crônicas.
O poeta mexicano Octavio Paz escreveu frase profética e desconcertante, ao afirmar que "há sempre uma criança enterrada em cada homem". Essa assertiva pode ser confirmada em cada passo da poesia drummondiana, onde seu olhar de menino antigo vagueia pelas paisagens e cidades históricas de Minas, quiçá flertando amorosamente com os deliciosos "souvenirs d'enfance" de Marc Chagall (artista attaché a Bernanos), bem como com os flagrantes líricos de crianças brincando mundo afora, captados pelas lentes mágicas de Henri Cartier-Bresson, o "papa da fotografia", ele mesmo uma figura "gauche" como Drummond.
Em 1963, a revista americana Life convidou-o para escrever uma matéria sobre o Rio de Janeiro, dirigindo-lhe um "psiu" sedutor: "O senhor será o primeiro escritor brasileiro a colaborar em Life, e será lido por seis milhões de pessoas." Nosso grande poeta social registrou com ironia: "Vou mandar imprimir isso em meu cartão de visita."

Nos anos de 1980, quem lhe passou duas "cantadas" tentadoras foi a revista Playboy, solicitando poemas eróticos inéditos para publicação, fato que também não foi levado a sério pelo poeta.
Mas se Drummond tabelou com notáveis como Villa-Lobos, Neruda, Bandeira, Cecília Meirelles, Oscar Niemeyer, Vinicius, Millôr, Ziraldo e mais uma arca de Noé de estrelas, registre-se que seu conhecimento de gente importante iniciou-se em 1924, no Grande Hotel de BH, quando foi apresentado, junto com seus jovens colegas mineiros que se iniciavam nas letras, a Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Estes chegavam de uma visita às cidades históricas de Minas. O encontro com Mário daria início a uma amizade importantíssima para Drummond, catapultando-o para novos horizontes literários, quando passou a cartear frequentemente com seu ídolo e mestre paulista. Curioso é que na opinião inicial de Mário, foi Pedro Nava, dentre os jovens talentos mineiros que aqui despontavam, quem mais o impressionou.
É certo que dos 121 acervos de escritores brasileiros abrigados no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, verifica-se facilmente que Drummond foi um dos que mais se corresponderam com seus contemporâneos, quase nunca deixando uma carta sem resposta, fosse a de um Ministro de Estado ou de uma anônima professorinha do interior. O Inventário abarca missivas dos familiares, amigos, admiradores, desafetos, editores, instituições oficiais – do Brasil e do exterior –, além de fotos, livros, desenhos e documentos pessoais do poeta, tudo amorosamente organizado pela diretora do AMLB, Eliane Vasconcelos.
A exemplo da influência de Drummond em nossas vidas, o amigo Ricardo Cravo Albin disse-me dever a Drummond uma "dica" muito importante: quando presidia o MIS, Museu da Imagem e do Som em 1966, o poeta alertou-o com um providencial telefonema para gravar, sem perda de tempo e por sabê-lo doente, o depoimento do compositor Heitor dos Prazeres, subordinado do itabirano no Ministério da Cultura. A propósito, o sambista morreria dali a dois meses, desfalcando o samba e a pintura brasileira de um talento original.
Embora amigo e admirador de tantos pintores, ilustradores e cartunistas, a maior frustração de Drummond foi não ter conhecido pessoalmente nem ter sido ilustrado por J. Carlos (1884-1950) por descuido pessoal confesso, fato que sempre lamentou. Anos depois, foi com tristeza que registrou o fim da revista Careta (1908-1960), a maior expressão da nossa caricatura política e mundana, da época onde pontificaram J. Carlos e outros geniais artistas do traço.
Curioso é que Drummond refugou todas as tentativas dos acadêmicos da ABL para torná-lo imortal – "certamente é uma forma simpática de assinalar o ano internacional do idoso" – reagiu com bom humor, numa dessas investidas. O inverso aconteceria com seu antigo chefe no Ministério da Cultura, o ex-Ministro Gustavo Capanema que, já octogenário, concorreu à Academia em 1980, perdendo para Dinah Silveira de Queiróz. Aliás, sobre a ABL, Drummond conhecia muitas histórias engraçadas, como a de um competidor e proprietário de uma mineradora, que ofereceu aos acadêmicos, cheio de "boas intenções", ações da sua empresa.
E quando houve um movimento oficial para que o poeta se candidatasse ao Nobel de Literatura, declarou com nonchalance: "Não vou nem a Niterói, quanto mais a Estocolmo". Aliás, deve-se ao poeta e crítico Sérgio Alcides o mérito de haver descoberto uma carta no The New York Review of Books, descartando essa articulação, pois Drummond sabia que não há compensação financeira nem glória mundana que valha a perda da paz e da privacidade.
No sepultamento do seu grande amigo Pedro Nava, que deu fim à própria vida, na noite de 13 de maio de 1984, Drummond chegou com a filha Maria Julieta e o neto Pedro Augusto, no cemitério do Caju, Zona Norte do Rio, na tórrida manhã do dia seguinte, apressado, de táxi. E foi amparado em meu braço que o poeta seguiu o enterro em passos lentos, cabisbaixo e abatido. Finda a cerimônia, retornamos à entrada do Caju, onde seus familiares o aguardavam na sombra (sua filha já estava em adiantado tratamento de um câncer). Ali, sem condução para deixar o cemitério, tive que literalmente sequestrar um táxi (já ocupado), para que Drummond e seus familiares retornassem sem sobressaltos para casa, em Copacabana. Isso faria com que o poeta, surpreendentemente me telefonasse à noite. Embora ainda muito abatido pela perda inesperada de seu amigo, pedia-me mil perdões por não ter podido, segundo ele, me agradecer convenientemente pelo meu gesto protetor daquela manhã, não sem antes acrescentar: "Parece que toda vez que eu preciso de você, você está ao meu lado", o que demonstra sua infinita humildade e grandeza. Desconversei, falei que aquilo fora uma bobagem de nada, nos despedimos e fui dormir.
Num dos meus últimos encontros com Drummond, numa sessão do Sabadoyle, o poeta falou-me que a velhice era uma coisa chata, pois a gente vai perdendo muito, a começar pela vista, que começa a fraquejar. E o mais incrível é que no seu sepultamento, por essas misteriosas contingências do destino, fui a única pessoa a passar a noite inteira velando o querido amigo, privilégio até hoje inexplicável, como se ele me tivesse feito essa distinção tão pessoal, por escolha voluntária.

Nelson Bravo





Agnes Izumi Nagashima

Inventário

Rogério José da Silva

Não reclamem os bens do poeta.
A ele só coube a Poesia, o soneto cantado no escuro
e a certeza do dia em que reunirão seus pertences,
inventário infalível de um ser inalcançável:
maços de cigarro, um cinzeiro, cartas de amor
inviáveis,
alguns trocados e cartões de crédito,
impublicáveis poemas de uma noite sem lua
e amores que jamais serão vividos.
Neste dia, doem tudo! Ou melhor, ateiem fogo!
Inclusive no seu corpo;
a fim de evitar ressuscitações no terceiro dia
e mais poemas escritos a preço de sangue, transpiração e sêmen.
Ateiem fogo e dancem sobre as cinzas para que o Poema,
esse patrimônio único,
não se espalhe sobre a terra e faça reviver o desejo ardente
no coração dos miseráveis.

Muitos dizem que o Dom de ser poeta cada um de nós temos um pouco, de poeta LÍRICO o Cantor apaixonado à poeta LOUCO o louco alienado

Mas poucos reconhecem quão eloquente é quem expõe em palavras todo seu sentimento; saído do próprio peito que abrazas em fulgor, é quando em desalento sua alma interpreta a pura realidade do seu “EU INTERIOR”

Em harmonia proferes lamentos seus sentimentos vive a expressar é quando sua história começa e nasce um poeta.
Um poeta pronto à declamar

Apesar de sofrer zombarias muitos ouvem o que um poeta diz ÉS elemento desencadiador de sentimentos, ÉS o mestre em palavras sem vocação de ser aprendiz.

Angelica Basilio

Deu Meia Noite o Galo já Cantou

Plumagem tece mosaico

Carijós e índios ruflam

Garnizés e caipiras tatalam

Espírito das Roupas

Rabo de galo

Instante das formas

Crista e esporões

Cavaleiro medieval

Barbela rubro sacerdotal

Bico flecheiro

Mares infinitos

Cocoricó

Progressões geométricas sonoras

Fia manta estrelada

Madrugada

Fronteira de cantos

Encantação de profecias

Abre os fios raios do dia

Relógio vivo

Senhor do Tempo

Cocoricó

Casa das Pretas

Germinando Identidades

Resistências

Aconchego Chegadas e Partidas

Encontros Coloridos e Saborosos

Os atabaques curam as feridas

O canto floresce no coração

As falas das Pretas me fortalecem

As mãos tecem redes de sororidade

Olhos trocam vivências e confidências

No silêncio traçam estratégias

A sabedoria dos mestres nos irmanam

Ancestralidade nos guia

O poder da ervas e rezas protege

Saberes e conhecimentos reverberam

Artes sacraliza e universaliza

Potências Pretas

Gilda Portella

DETALHES

A boca pode até descrever momentos
Mas, nada... nada se compara aos olhos
Mesmo sendo multicoloridos, de formas variadas
Ou enraizados nos diversos semblantes...
Conduzem e dissertam sentimentos!
Nada se compara ao toque
Pois, mesmo entre aqueles que não vêem...
Transmitem e evoluem
Aguçam, retardam e encontram
Detalhes invisíveis...
Um simples arrepio
Ou sensações energéticas
Escrevem, reescrevem e descrevem momentos!
Coisas da vida... que palavras
Ensaios...
São incapazes de narrar!

Karine Dias Oliveira
(Nova Friburgo/ Rio de Janeiro)

Fatalidade

Pela primeira vez saída de casa depois de um ano trancada. Havia contraído uma doença grave e a família recusou atendimento médico no hospital. Tinham medo de infecção.

Eram religiosos, preocupados, temerosos. Mesmo depois de curada, a menina seguia sendo acompanhada todos os dias, como um bibelô. Acabou desenvolvendo também muito medo: da violência, do trânsito, de ficar doente, da morte.

Até que um dia resolveu ir ao cinema. Um passeio inocente, que mal traria.

Logo nos primeiros passos, vozes obsessivas que a perseguiam disseram para voltar. Ela espantou com firmeza: não! E reuniu a maior energia que conseguia ter para seguir em frente.

A vontade de ver a tela enorme, com seus artistas preferidos, a conduzia. Atravessou o primeiro quarteirão estranhando o barulho da rua. Não estava mais acostumada.

No segundo a incomodou a correria das pessoas, que mal se olhavam. No terceiro percebeu tanta sujeira na rua, e tanta gente humilde precisando de um pão…

E pensou no egoísmo que era ficar trancada em casa, com todo o conforto, sentindo medo do lado de fora, enquanto lá tinham tantas pessoas, com motivos para isso.

“O medo tem muito mais a ver com nossas questões internas que com a própria fatalidade”, pensou.

E subiu o primeiro degrau de acesso ao cinema.

Foi quando começou o tiroteio. Um dos seus piores pesadelos. Tentou num reflexo se abaixar, esconder-se. O terror era visível em seu rosto. Suas mãos tremiam. Ao colocá-las contra o peito, sentiu o sangue escorrer. Era para ser o primeiro dia de sua tentativa de viver uma nova vida e terminar assim!

Não era justo, não era justo…

“Meu Deus, me salva. Por um ano me tratei de uma doença que por pouco não me mata e sobrevivi. Agora, na chance que tenho de recomeçar, é isso que me resta”.

Doía da bala no peito, do espanto e da revolta. E doía mais e mais. Depois de alguns minutos tudo o que sentia nada mais era que: desespero.

Ao fundo, o barulho de uma ambulância. Aproximei-me da jovem e era como se pudesse sentir seu pânico. Não havia tempo para mais que um abraço. E foi o que eu fiz. E ali ficamos, apertados, pensando em como deve ser do outro lado. Até que ela descobriu.

E eu pensei, chorando: quanto mais fugimos do que tememos, mais parece que o destino, sorrateiro, nos encontra.

Insônia

Olhou-se no espelho. Já passava de meia-noite. Precisava acordar cedo no dia seguinte, mas algo não deixava.

Insônia.

Olhava na direção do vidro, mas não se via. Em vez de olhos azuis, enxergava oceano. Em vez de negros cabelos, via a noite que a cercava. No lugar de boca, ecos profundos de uma natureza desconhecida.

Insônia

Do mar caiu uma gota, amparada suave pela mão pequena, quase infantil. E se lembrou que quando era criança adorava pintura. Pegou um lápis, apontou com esmero, e contornou o olhar. Como se brincasse com purpurina, fez brilhar as pálpebras. Nas maçãs do rosto, colocou de leve pó rosado. E nos lábios, ah, que lábios, de leve usou tinta lilás.

Insônia

Abraçando sua própria tristeza inquieta, fez dos cabelos um tear. Trançou as mechas escuras em longa trama. E finalizou tudo com um aroma suave de rosas.

Insônia

Queria viver, sentir, amar, parir. Queria adrenalina circulando em suas veias. O velho espelho já não servia mais. Desejava dentro de si, sua imagem refletida em outros olhos. E a insônia a lançava.

Lançava

Cansada de tudo, saiu.

Deixou a rua a levar.

Por entre estradas tortas. Viu luzes, sentiu cheiros, ouviu sons, soltou-se sozinha a dançar.

Insônia… insanaaa….

--

Carolina Pessôa Mulatinho

HELENA
(saudade eterna)

Saudemos a vida
Saudemos ao mundo chegou HELENA: primogênita... primeira!
Inteligente e bonita
menina pequena

(H)oje, 1944 no jardim do mundo
Nasceu uma flor, essa menina bonita só plantara' amor

(E)la é firme , corajosa e forte sua virtude foi crescer assim.
Semeou sementes não deixou a Própria sorte. Cuidou , regou e ...
Quatro florzinhas brotou em Seu Jardim

(L)inda ... Maravilhosa Helena ; você é !
amiga, as vezes manhosa; mas tenho mesmo é muito orgulho de ser , FILHA desta grande mulher

(E)nquanto eu existir agradeço a Deus por este presente ; de tê-la sempre a meu lado. Na ALEGRIA ou na DOR "nunca esteve auxente".

(N)ão como resposta. "Não merece ganhar" por dividir sua vida, sem se permitir sonhar, suas florzinhas cresceram e seis raminhos vieram a brotar, para retribuir o carinho e o amor a você Helena !
"MENINA MULHER , MULHER PEQUENA" Que só soube amar

(A)ssim como poesia uma mensagem veio trazer, ensinou a todas nós a lição em sobreviver às calamidades na vida que não podemos mudar e com ela todas juntas e unidas encontramos forças para superar.

ANGELICA BASILIO/

BIQUINHO DE LACRE

À LUTA

Raimundo Nogueira Soares
Curitiba-PR

Poetas, maricas, mulheres e homens desse Brasil brasileiro, correi!
Vamos à luta. Saiu a convocação e, sim, Alberto Klein, José Maschio e Márcia Buzalaf, todos nós habitantes desta parte da terra plana, de todas as cores, gostos e credos, agora temos que ressuscitar o certificado de reservista e enfrentar o Tio Sam.

O comandante, ainda com pelos do inquilino da casa branca no rosto, está a nos falar: - Se minha saliva e minha língua não funcionam, o negócio é na bala. É hora de levantar a arminha e fazer o consagrado gesto. Jamais aceitaremos, eu, Vladimir Putin, López Obrador, Xi Jinping e Kim Jong-Un, nós, chefes de estado e legítimos democratas, jamais aceitaremos a vitória de ninguém que retire o poder de Donald Trump.
Inspirados no ideal da junta militar argentina chefiada por Leopoldo Galtieri, que sabiamente fez eclodir a Guerra das Malvinas contra o Reino Unido em 1982, nós vamos resolver esse problema é com a pólvora. Saiam da frente os diplomatas, pois aqui temos homens de verdade e não vamos nos curvar à velha democracia norte-americana.

Que venham os fuzileiros navais dos Estados Unidos! Que venham os mísseis, a marinha e a aeronáutica ianques. Nós temos o ódio, a bancada da bala e a experiência da Guerra do Paraguai e dos valorosos pracinhas na Segunda Guerra Mundial. E a proteção de Deus, claro.
Nós, homens e atletas, já enfrentamos a COVID e as vacinas comunistas que causam morte, invalidez e anomalia. (Ganhei mais uma!) Derrotamos até ministros da saúde e o pessoal da OMS, um bando de comunistas. E somos um sucesso contra a pandemia, na verdade uma gripezinha boba. Hoje são só 5.701.283 casos e parcos 162.842 óbitos no país. Uma ninharia, algo perto de 11% do total de contaminados no mundo e ridículos 12,77% dos mortos no planeta. A população brasileira totaliza 2,8% da humanidade atual. Então, aí estão os números para quem quiser discutir.
Seresteiros, poetas, maricas ou não, é chegada a hora. Correi todos a empunhar as armas e saudar a pólvora. Contra os Estados Unidos da América, talvez a derradeira noite de luar. Um dia nós vamos morrer mesmo!

A vida é um jardim

Nossa vida é um jardim.
Cabe a cada um de nós,
plantarmos coisas boas,
para colhermos bem.

Ela é bela.
Mas só posso olhar pela janela.
Isso porque apareceu esse tal de COVID,
para assim nos trancarmos em casa somente assistindo vídeos.

Enjaulados estamos,
para o bem de quem amamos,
também daqueles que não conhecemos.
E assim lendo um bom livro,
viajo e me livro do perigo.

Temos que dar valor a vida,
colocar a frente do dinheiro.
Mas sem trabalho entra o desespero!
Como conseguir o dinheiro,
para assim comprar o pão e o arroz também.

União e caridade,
são as palavras da vez.
Pensar em mim e no próximo,
para assim vencermos essa crise.

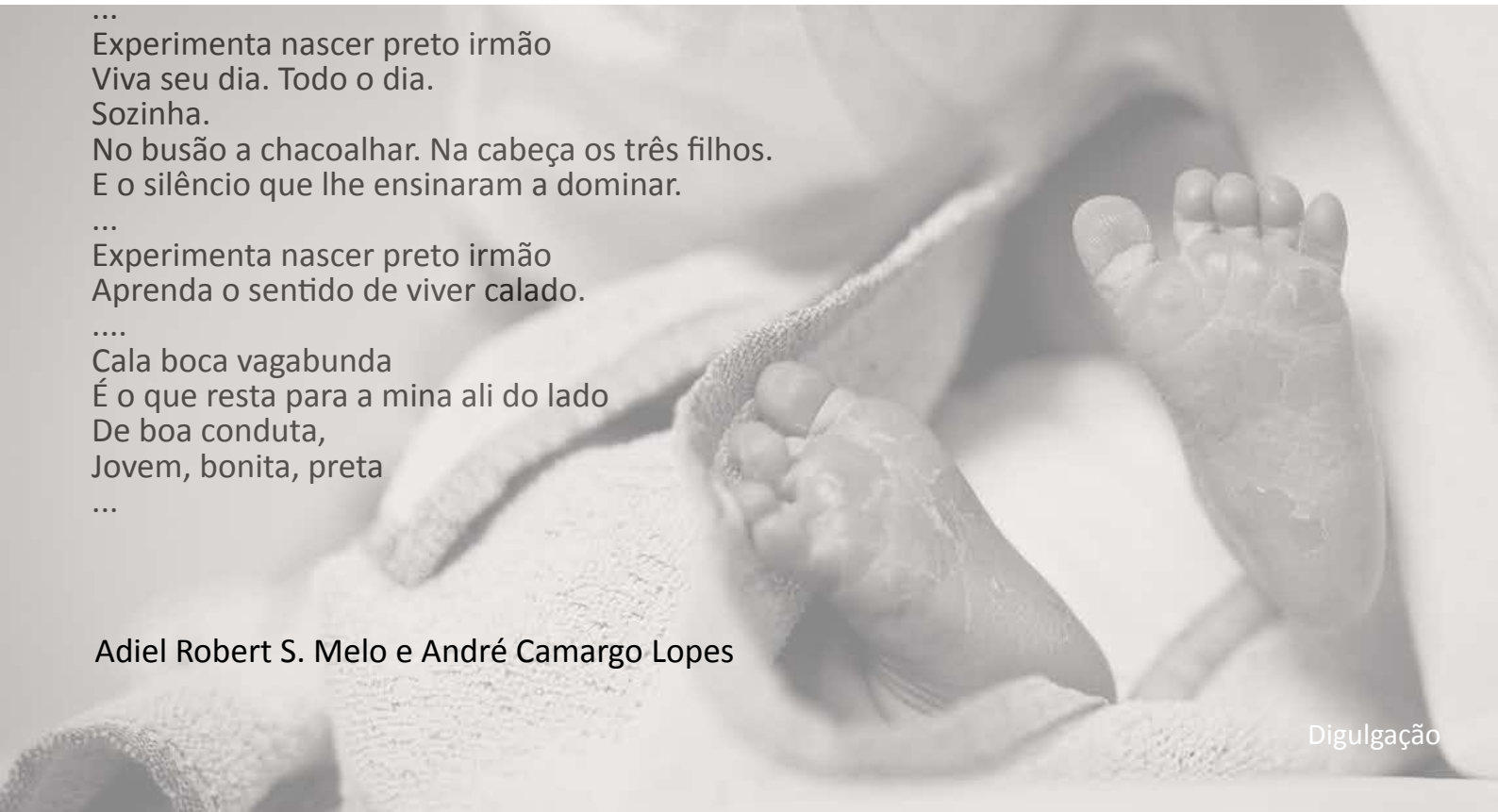
Marcos Pontal

EXPERIMENTA NASCER PRETO

Experimenta nascer preto irmão
Pra ver como tudo é diferente
Oportunidades?
Hum!
Café minguado
Dona Maria tem o direito de acordar cedo todo dia
Pegar busão lotado para limpar o apê de madame lá no centro da cidade
...
Preto em faculdade é ato de coragem
De encarar
Levantar a cabeça e ver
O ódio no olhar
É ódio histórico.
...

Temos que fazer algo para que isso mude!
Mas não.
Experimenta nascer preto irmão
Para escutar que seu lugar não é na USP.
...
Experimenta nascer preto. Vai.
Aprende desde cedo o seu lugar.
Ouvir que lugar tia negra é na pia.
Aquela tia que sequer aprendemos o nome
Que rala
Rala
Rala
Todo dia.
Invisível, parece não ter orgulho.

É tia.
Vive de pouco em pouco.
Quase sem pressa.
Quase sem ar.
...
Experimenta nascer preto irmão
Viva seu dia. Todo o dia.
Sozinha.
No busão a chacoalhar. Na cabeça os três filhos.
E o silêncio que lhe ensinaram a dominar.
...
Experimenta nascer preto irmão
Aprenda o sentido de viver calado.
....
Cala boca vagabunda
É o que resta para a mina ali do lado
De boa conduta,
Jovem, bonita, preta
...



Adiel Robert S. Melo e André Camargo Lopes

Digulgação

PUTA

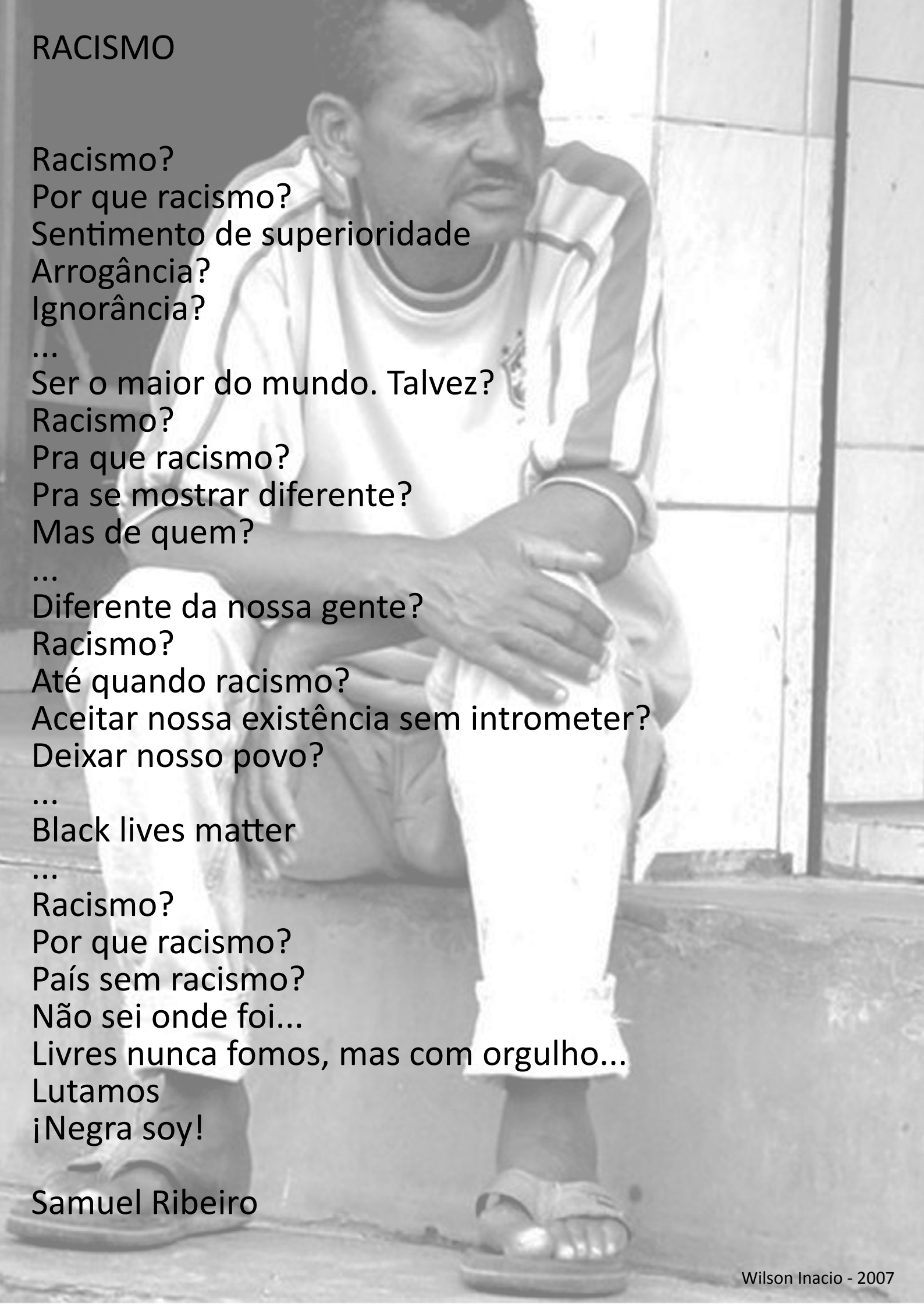
Corpo taxado.
Estigmatizado.
Mas experimenta nascer preto irmão.
Que seja apenas por um dia.
Se nascer mulher!?
Está fu...
Estará sempre errada.
...
Preto de quebrada.
Oxigenado de periferia.
Com alvo no peito.

Experimenta nascer preto irmão
...
É bala na testa e flagrante na mão.
Mãe de preto sofre.
...
Experimenta nascer preto irmão.
...
Só um dia.

Adiel Robert S. Melo e André Camargo Lopes



Wilson Inacio - 2007



RACISMO

Racismo?
Por que racismo?
Sentimento de superioridade
Arrogância?
Ignorância?
...
Ser o maior do mundo. Talvez?
Racismo?
Pra que racismo?
Pra se mostrar diferente?
Mas de quem?
...
Diferente da nossa gente?
Racismo?
Até quando racismo?
Aceitar nossa existência sem intrometer?
Deixar nosso povo?
...
Black lives matter
...
Racismo?
Por que racismo?
País sem racismo?
Não sei onde foi...
Livres nunca fomos, mas com orgulho...
Lutamos
¡Negra soy!

Samuel Ribeiro

Wilson Inacio - 2007

Carta a um Destinatário do Futuro

Em algum ponto do Brasil, em um certo momento de 2020.

Caro destinatário desconhecido do futuro,

Espero encontrá-lo bem, espero encontrar nosso planeta bem, espero encontrar os seres vivos que habitam este planeta bem e, esperançoso em encontrar a humanidade bem.

É com o coração cheio de dúvidas que debruço-me por sobre este papel, ou melhor, quero dizer defronte deste monitor, deste teclado por sobre o qual deito os meus dedos, deste equipamento que utilizo para compartilhar meus anseios e, esperanças e, dúvidas e, medos e, medos e, medos, medos, medos...

Imagino que no onde e no quando você se encontras, tenhas conhecimento dos tormentos que assolam os seres viventes deste tempo no qual e do qual estou falando, além das mazelas normais do nosso cotidiano, nossa humanidade está enfrentando um inimigo quase comum, um conjunto de seres invisíveis que adentram nossa carcaça, entram por nossas narinas, embrenham-se por nossa corrente sanguínea, chegam até nossos pulmões e levam-nos aos milhares até a morada do além.

Quando digo inimigo quase comum chego a ver meu nível de medo que nestes últimos tempos está em alta, aumentar. Quando digo quase comum meu rubro fluido parece estabelecer uma velocidade bem abaixo do normal, parece correr de forma mais lenta, levando meu carcomido corpo a uma incômoda temperatura, mais gelada, bem mais gelada que o habitual. Quando digo quase comum refiro-me a um certo alienado que com sua faixa deságua sandices sobre esse inimigo quase tão comum a todos.

O Alienado com sua faixa conclama seus caliginosos seguidores a invadirem as avenidas, as alamedas, as ruas, as praças, as vielas e num conclave ensandecido elegem a morte da razão como a razão primordial de seguirem, ignoram o hálito frio de Thanatos e, dançam noite adentro com Hella e, abraçam Anúbis com ternura e, andam lado a lado com Ah Puch e, brincam como crianças com Anhangá e, bebem do cálice de Yama e, encantam-se com os cânticos de Shinigame e, caminham sorridentes para Di Yu e, ignoram os conselhos de Exu e partem com os falsos Egungun.

Neste incerto tempo no qual e do qual estou a escrever vemos no centro do país nossa carta de direitos ser atacada, nosso porvir ameaçado, constroem-se trincheiras invisíveis para uma batalha silenciosa na qual esperam travar sem oponentes, aproveitam da penumbra levantada pelo ser silenciosa que nos leva aos milhares, para dizimar direitos, para derrubar florestas, para escrachar diferenças. Querem levar a todos para senzalas translúcidas.

Destinatário desconhecido do futuro, espero que os ventos da razão calem o Alienado com sua faixa, espero que seus caliginosos seguidores encontrem a razão e possamos todos juntos combatermos este inimigo comum e, todos juntos salvarmos vidas e, todos juntos livres de rancores e, livres de preconceitos e, livres enfim em um domingo qualquer abraçados em uma praça qualquer celebrarmos a vida quando este inimigo comum não mais existir e quando a razão se faça a razão da nossa ventura.

Abraços e até quando todos estivermos em seu tempo.

Do seu amigo do passado

Alexandre Morais Paulino

http://paulinoalexandreletraseverbos.blogspot.com/

https://www.facebook.com/paulino.alexandre.75/

@alexandrepaulinopoeta

A filha do Puma

Desde os primeiros dias de aula, ela já se destacava pelo alto tom de voz, inquietação e postura de liderança. Percebi que a tentativa em ser popular demais e impor respeito e autoridade não eram bem aceitas pela classe. No entanto, não sei por que os colegas suportavam sem muita reação certos abusos, atitudes arrogantes e desafiadoras daquela baixinha parruda.

Pensei que Nayanne apenas teria encontrado terreno propício, naquela turma composta por maioria de meninas fofas e alguns meninos mansos que só tinham tamanho, para potencializar seu perfil de pequena aspirante a ditadora cruel e sarcástica. Se chegasse na classe e alguém estivesse sentado no lugar onde ela pretendia sentar-se naquele dia, simplesmente colocava a criatura pra correr dizendo que o lugar era dela, sem provocar briga, reclamação ou choro do indivíduo enxotado. Apontava o indicador bem no meio da cara de quem discordasse de suas opiniões. Denunciava pequenas travessuras dos outros por pura implicância. Mandava calar a boca. Lançava apelidos, debochava, dominava.

Certa vez, distribuí três frascos de cola para que a turma inteira compartilhasse na colagem de alguns recortes de jornais e revistas. A escassez de material, às vezes, era aproveitada como oportunidade para aprender a racionar, pensar no coletivo e exercitar a colaboração e paciência em grandes grupos. Mas a baixinha indomável, nessa ocasião, colocou a aula a perder. Ultrapassou os limites da tolerância quando aproveitou um momento de distração da colega e espremeu todo o conteúdo do frasco no assento da menina que, ao retornar para o seu lugar, sentou-se despreocupadamente na poça de cola branca. E o que seria a princípio uma peraltice contornável tornou-se uma briga ferrenha não só pelo acúmulo de desaforos já aturados, mas principalmente por causa da mancha que ficaria na bermuda *de marca* novinha da outra garota. As duas se atracaram pra valer e a solução foi colocar Nayanne pra fora da sala desta vez.

Obviamente inconformada com a injustiça, pois nunca havia sido punida até então, saiu esbravejando: *"Isso não vai ficar assim não, professora!"*, *"Vou mandar meu pai vir aqui na escola resolver esse bagulho com a senhora!"*. Na opinião dela, tomei partido da outra menina e ela saiu perdendo o duelo ao ser expulsa de sala.

Quando achei que tudo se acalmara, fui avisada de que o pai de Nayanne era o famoso Puma. "*Famoso quem?"*. Um dos traficantes da região. Admito que cheguei a ficar bem preocupada. Agora, a submissão da turma fazia sentido. Em segundos, imaginei-me sendo alvo de alguma emboscada na rua, de alguma represália cruel, de alguma forma de vingança. Medo, senti medo. Mal consegui terminar o dia no colégio, de tão desestabilizada psicologicamente que estava.

Logo que tocou o sinal, fui desesperada à direção explicar o acontecido e comunicar o risco que estaria correndo, bem como tomar logo as providências para o meu afastamento. Imaginar que o Puma poderia vir à minha procura me dava calafrios. Antes de ver o fim da minha carreira e vida no filme que se passava na minha mente, fiquei sabendo que o tal bandidão mantinha relacionamento amoroso com várias mulheres da comunidade e que a mãe da menina era apenas uma delas, e que não era ele o pai biológico da garota. Aliás, tinha vários outros filhos e que, inclusive, o sujeito estava foragido na ocasião. Ufa! Não seria tão fácil receber tal visita; o sujeito tinha mais o que fazer. Comecei a acreditar que minhas chances de ter de volta uma vida normal eram grandes, mas confesso que os dias de trabalho posteriores ao acontecido ainda foram tensos. Até que a notícia da morte de Puma num confronto contra a polícia foi anunciada algumas semanas depois.

Pena Maestra

A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA.

Quem ler escreve melhor
Pensa, fala e se aventura
Vamos juntos abraçar
A nossa literatura
A melhor que lei que existe
Para mim é a lei-tura.

Leitura é primordial
Pro bem do nosso futuro
O livro serve de porta
Nos dá um caminho seguro
Uma nação iletrada
É como um cego no escuro.

Quando leio a escrita
Meu ouvido dá sequência
Minha alma se alegra
Com a autoconsciência
Meu coração se contenta
Em nome da minha essência.

Estuda é desocultar
Paulo Freire foi profundo
Quando estou lendo eu viajo
Quilômetros em um segundo
A leitura tem o poder
De transformar nosso mundo.

Monopólio da palavra
Passe bem longe de mim
Não sei palavras bonitas
Mas decifro o bom do ruim
Dominar minha consciência
Não vai ser tão fácil assim.

O mundo deu de presente
Uma sapiência eterna
Hoje a tal da internet
Deixou a vida moderna
Mas a forma inicial
Vem da época das cavernas.

Foi através de desenhos
Lá bem na antiguidade
O homem tentou mostrar
A nossa vitalidade
De uma forma mais simples
Com muita dignidade.

Leitura do mundo é
Um fruto de interação
Relaciona o momento
Com a fonte de produção
Refletindo e julgando
Indagando a razão.

Nós temos nossa linguagem
Que a raça humana efetua
Gosto, toque, cheiro, olhar
Figuras que se pontuam
Antes da leitura escrita
O mundo já tinha a sua.

Sobre leitura do mundo
Eu explico numa boa
É se conscientizar
Pra não se oprimir atoa
É tudo aquilo que tem
Sentido para a pessoa.

A leitura nutre a mente
Com seu aroma exemplar
Instrui, educa, habilita
Ensina até a falar
Professa ler, escrever
Ministra viver, pensar.

Posso ser analfabeto
Chamado de incapaz
Só porque não fui a escola
De criança até rapaz
Mas construo lindas casas
Que Dr. Morre e não faz.

Quem conhece o sertanejo
Ver que ele não fracassa
Planta semente na terra
Rala milho e faz a massa
Da vaca ele tira o leite
Faz o queijo, pesca e caça.

Não é porque o meu dedo
Não tem anel de Doutor
Que vou dar a permissão
Você furtar meu valor
Com a fitoterapia
Posso amenizar a dor.

Precisamos nos unir
Pelo bem da educação
Para criança e jovem
Adulto e grandalhão
A união faz a força
Força não faz a união.

Somando conhecimentos
Multiplicando esperança
Subtraindo ufania
E dividindo a bonança
Alcançaremos unidos
O pódio da liderança.

Professor pare com regras
Ordem, lei e prescrição
Pensar é um direito meu
Tá na constituição
Não casei mas tenho um caso
Com a nossa educação.

Eu comecei ler o mundo
Antes de aprender a falar
E o mundo me ensinou
A me conscientizar
Vamos entrar no diálogo
Antes de me dominar.

De que vale um regimento
Sem sentido ao saber
Corporeidade é meu lema
Não refletir é sofrer
Decoreba é inadequado
Para quem quer florescer.

As letras são os sinais
Palavra, vocabulário
As frases são expressões
Os verso, visionário
O cordel é meu encanto
Luz pro meu itinerário.

AUTOR: PAULO FILHO

20 SEXTILHAS.

Autor: Ítalo Rafael Lima Dourado

Sobral-Ce

Poema:

Medo

Sem respiração, minha vida
é um suspense.

Os olhos compartilham esta
imagem

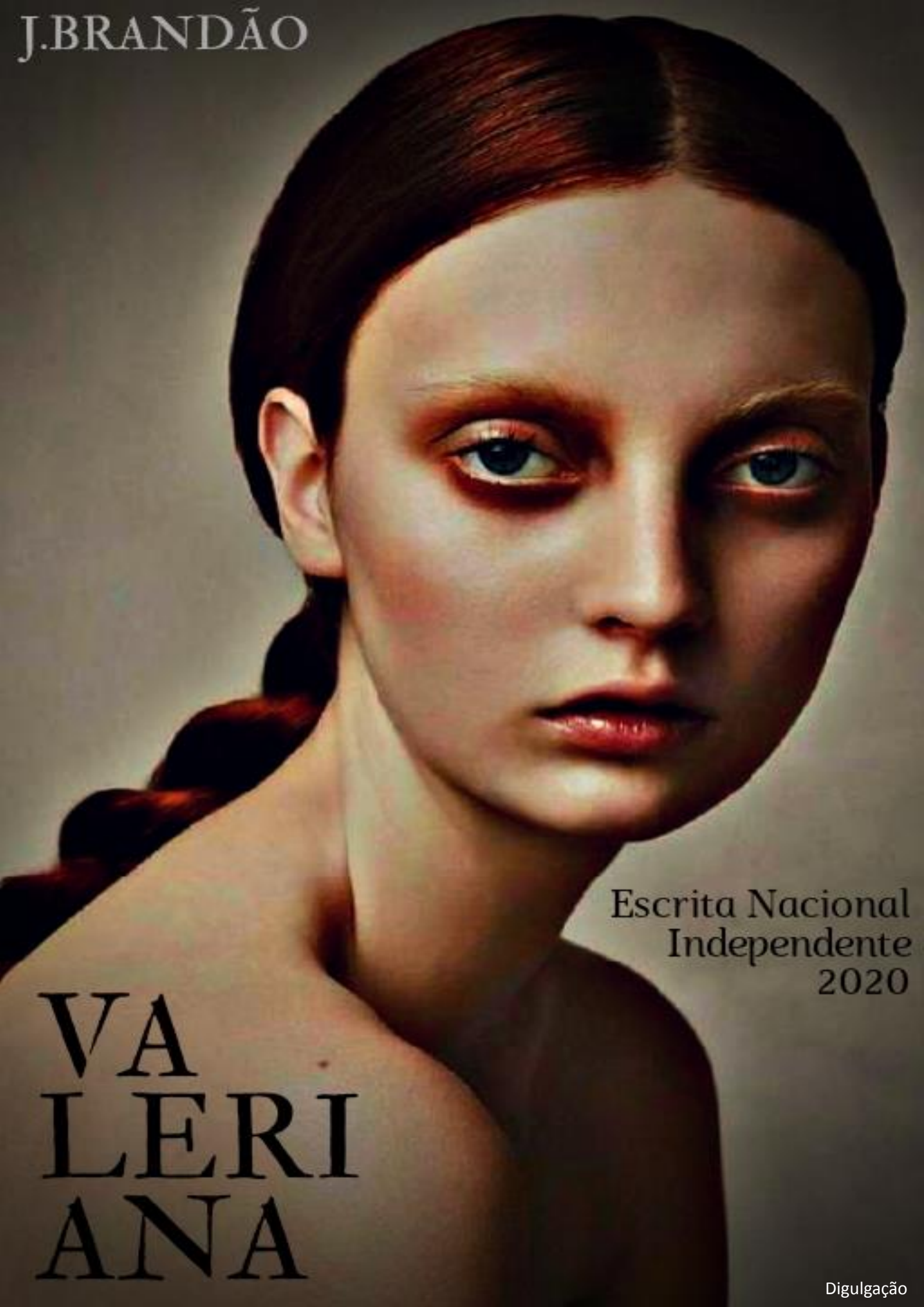
que não age.

Um ponto cintilante, onde?
onde? aonde? No

exterior, no exterior o qual
nada existe.

Minha consciência sabe que
no próximo mês,

eu entre sem o pagamento
do aluguel.



Digulgação

VALERIANA

Escrita Nacional Independente

J. BRANDÃO

Que pode uma criatura senão entre criaturas, amar?
Amar e esquecer, amar e mal amar
Amar, desamar, amar?

Carlos Drummond de Andrade

Somos o que somos, mas somos mais quando somos autênticos e não nos limitamos. Somos oceanos particulares e introspectivos. Somos uma complexidade de ações. E somos a doença que se cria e se cura. Somos transcendentais.

A Queda da Borboleta

“Não é difícil escapar da morte. Todo soldado sabe, basta sair fugindo. O mais difícil é escapar da maldade, pois ela é mais rápida que nós.”
Sócrates

Lancei mesmo. Lancei-a de encontro aos carros. Lancei-a sem vestígio de remorso. E o impacto e a altura fê-la despedaçar-se. A confusão da coluna sendo atingida. Atracada aos nervos que de nada serviam. E vi. Sim. Olhei atentamente com os meus olhos líquidos, o sangue correndo para fora do seu corpo. O primeiro freio brusco. A lataria amassando.
Ela caindo logo adiante para ser atropelada novamente por outro veículo que não freou a tempo e desse modo, resumiu sua vida. Uma multidão de ondas despencando sobre nós. Eu, ela

e os desconhecidos. Eu vi. Vi os transeuntes correndo aos berros após o impacto inicial. O trânsito constrangido e o sangue escorrendo. Pintando o asfalto quente e molhado. Eu bem poderia levar-lhe acalento, mas não quiz. Andei tranquilamente na direção contrária.
E pensando por cima eu posso ter sido cruel. Embora meus dedos tremessem descontroladamente, meu coração era calmaria tumular. Fui capaz de contar meus passos na volta. Olhei as escolas e ouvi o barulho das crianças. O barulho do vento chacoalhando as folhas e os galhos mais finos das árvores. Subi as escadas. Abri a porta.

Encarei a solidão risonha da minha casa. Lavei a louça suja, varri o piso.

Reordenei as cadeiras. Mas não toquei no chapéu.
Fiz um café forte. Preparei o almoço. O telefone toca. Não desminto meu ato perverso. Não dispenso meu senso felino. Nem nego minha razão animalesca. Empurrei-a pensadamente. Mas não me pesa essa decisão. Atendo o telefone.
- Alô?
O delegado me deu informações que eu já tinha. Pediu que eu fosse à delegacia. Que levasse documentos. Me falou ressequido do meu silêncio. Atentou ao momento. Homem esquisito. Confirmei-lhe minha presença. Desliguei. Beberiquei calmamente o

meu café. A xícara quente. A fumaça pulsante. As Begônias maltratadas próximas da janela. Silêncio. Só então, percebi que tinha as roupas molhadas. Nunca me atentei à frieza sepulcral da minha casa, nesse momento a percebi. Seria forçoso me habituar a ela mas tudo seria como tivesse de ser. Desci a escada. O barulho confuso do trânsito embaralhava os sentidos. Os sons contraditórios. As buzinas berrantes, o sol escaldante que negava á todo custo o pé d'água de mais cedo. Dei meia volta. Esqueci a sombrinha.
Cheguei a delegacia portando sombrinha florida e alegre. O atendente pediu que eu aguardasse. Um zé

ninguém vomitou do meu lado. Lastimou-se. E afim de remendar-se disse que o banco já estava sujo. Não lhe respondi. Um moça no corredor tinha o olho roxo e o olhar assustado. Uma policial a escoltava e lhe fazia perguntas. Tinha retratos de desaparecidos grudados nos quadros de avisos. Policiais conversando, tomando café e levando papeis que pareciam importantes de uma sala para outra. E havia sempre algum telefone tocando. Pediram que eu reconhecesse o corpo da vítima. Ela estava estendida na tábua fria por baixo do lençol escuro de plástico. O sangue por toda a parte. Os dedos finos e inconsistentes pendurados para fora do plástico. A pele

mórbida. O rosto amassado pelo impacto. Trec. Os ossos espatifando-se. Abrindo aquela fratura ali exposta. Trec, trec. O carro freando sem controle. O pneu rodando sobre a cabeça, obstáculo pequeno e catastrófico. Os cabelos escuros ensanguentados. A orelha indistinguível.
Em resumo, pediram que eu reconhecesse um corpo acéfalo, ausente de personalidade. Vazio de identidade. Um atentado criminoso à simetria ridícula que seu corpo sempre exibira. Aquela confusão de órgãos, ligações e peles. Essa falha mesquinha que a morte lhe causou quando veio disfarçada de redentora. Esses casos de amor são tortuosos. O pingo de sangue

escorrendo pelo seu dedo. Os pelos ensanguentados e ariscos contrastando com a pele de morta. O policial me dizendo coisas. Me apontando sinais, me entregando informações. Me fazendo perguntas. Eu lhe respondendo que não a conhecia. Que não tinha nenhuma ligação com ela. Que não lhe reconhecia os traços.
Eu voltando para casa, os prédios se desfazendo. O caminho atrás de mim se desmanchando. O sol se derramando sobre mim como numa viagem de drogas ilícitas. Adormeci.
Acordei com o despertador berrando. Estapeei lhe e continuando, bati-lhe descontrolada e insanamente. Extraviei os ponteiros em sua totalidade.

Dei continuidade ao meu dia e limpei os móveis da sala pequena. A sala era pouco iluminada. Na parede em que a luz do sol não batia crescia uma mancha disforme arroxeada de infiltração que eu olhava seriamente. Pensando na possibilidade de pendurar um quadro bucólico ali.
Sempre me sentava desleixada no sofá. As pernas cruzadas, a caneca de café nas minhas mãos. “Psicose” esquecida sobre a mesa de centro. Junto aos meus cadernos e canetas. Que eu usara quando precisara desabafar. E já houve um tempo em que eu me orgulhava de quem eu era. Era uma batalha me encontrar quando eu me olhava no espelho. Porque eu me

buscava em todos os cantos e não encontrava, pelo menos não encontrava a menina que brincava com as borboletas quando criança.

Procurei dar continuidade na minha rotina. Falhei terrivelmente. A lembrança do corpo acéfalo. Esbarrando-me nele quando adentrava a cozinha. Ali, em pé. Na ausência feia de luz, ao lado das Begônias. Uma alucinação que desaparecia num piscar de olhos. O sangue escorrendo. A palidez implacável que somente a morte domina. A mobilidade expurgada. Foi conduta impensada. Foi ação inconsequente. E no entanto, não me arrependo. Seria mais humana se me arrependesse, talvez. Embora eu admita

que fui maldosa. Embora eu tenha de repensar minha vida. Porque o ato em si foi fácil. Foi simples.
Mas esses hábitos não devem se tornar corriqueiros. Todavia, toda ação tem uma reação que lhe cabe. E quem eu fui antes, já não sou mais. Sempre há diversas fases de mim. Quando eu a empurrei, eu era uma. Agora, já sou outra. Quando eu visitei meu irmão meses atrás, e lhe prometi que faria tudo diferente eu prometi também para mim. Contudo, atirá-la ao trânsito pueril talvez não fosse decisão mais acertada.
Não é arrependimento, é uma ponderação.

É caso de se adicionar à balança todos os acontecimentos. Em virtude de se assimilar melhor. Em torno de tudo que posso dizer dela antes de mais nada. Ela não era uma perfeição de pessoa. Isso pode abrandar a minha culpabilidade. Era má e mesquinha. Metade de quem eu sou eu devo a ela. À medida que ela me obrigava a fazer coisas que eu não queria. Aos poucos eu me parecia com ela. Logo, eu me tornei ela. Cada linha e cada traço. Entretanto, muito de tudo o que aconteceu começou com uma dívida simples do meu irmão. Ele tomou-lhe emprestado certa quantia e não pôde pagar. Isso soa muito simples, apesar de não ter sido. As discussões acaloradas

avançaram para punições físicas. Mamãe estapeava-lhe duramente. E quando ele segurava suas mãos para se defender de seus golpes, numa dança descoordenada, ela gritava ainda mais.

SONHOS DE PEDRA E CAL

Josafá de Orós

Vou beber nos alicerces
Os cálices de pedra e sangue

Vou beber entre os tijolos
As ligas de baba e dor

Vou lamber entre os cuvicos
Memórias de sexo e amor

Vou buscar na fresta estreita (entre o quadro e a parede)
Corvos perdidos de Vincent
Antigos assombros de Poe!

Vou molhar as minhas pálpebras
Nas molduras das montanhas

Vou lançar as minhas velas
Nas ondas de sal e sol (e com elas)
Salgar minhas imagens
Com sonhos de pedra e cal.

04/11/2014

Encontros

Na recepção do edifício Orfeu, quatro pessoas aguardavam o elevador após o final de mais um dia. Sem trocar qualquer palavra, se entretinham ao celular. Rodolfo, disfarçadamente, observava Lia e se perguntava se não seria a moça do livro. Reconheceria pela voz, mas se sentia constrangido de puxar assunto. Dona Estela consultava o celular sem interesse, e mentalmente criticava os demais por não tê-la cumprimentado, no entanto, utilizava o celular como subterfúgio para não precisar conversar com nenhum deles. Lia, acessava um site de livraria e sussurrava algumas palavras de insatisfação, enquanto Denise editava fotos de suas últimas férias com o ex-namorado.

Embarcaram no elevador e acionaram seus respectivos andares, exceto Lia, o que deixou Rodolfo curioso. No terceiro andar o elevador estacionou sob um forte solavanco, todos se assustaram encarando-se interrogativos.

Lia acionou o botão de emergência: estavam presos. Rodolfo ligou para a portaria informando a situação, e o porteiro o tranquilizou dizendo que já haviam chamado o socorro.

- Senhoras, fiquem tranquilas, o socorro está a caminho.

- Informaram quanto tempo? Perguntou Denise.

- Seu Antônio disse que o trânsito está bastante complicado devido um acidente na ponte. Isso deve atrasar um pouco.

- E quem seria Antônio?

- É o porteiro do nosso prédio, respondeu Rodolfo, você mudou recentemente pra cá?

- Não. Moro aqui há três anos. Respondeu descontente.

Novo silêncio se fez. Lia sentou-se no chão e abriu um livro.

Dona Estela que se abanava ansiosa, comentou:

- Minha carga do celular acabou. Por acaso o de vocês tem carga suficiente, caso seja necessário efetuarmos ligações?

Os demais se entreolharam respondendo negativamente.

- Não se preocupe senhora...

- Estela... Dona Estela

- Logo o socorro chegará. Tranquilizou Rodolfo.

Após trinta minutos no elevador, Lia resolve quebrar o silêncio:

- Bem, pelo que vejo, ficaremos um bom tempo aqui. Nem sinal do socorro. Neste instante Rodolfo tem sua confirmação. Era ela! A moça do livro. Lia se apresentou, dizendo que morava no décimo primeiro andar e motivou os demais a fazerem a mesma coisa.

- Eu sabia que sua voz não era estranha! Também moro no décimo primeiro andar. Desculpe a ousadia, mas, você recebeu o livro de partituras de música popular alemã?

- Como sabe? Perguntou surpresa.

- Não pude deixar de ouvi-la ao celular semana passada...

- Ah sim! Minha briga com a livraria que não remeteu a compra que fiz pela internet. Mas, recebi logo em seguida um exemplar de um sebo... Espera! Foi você?

Rodolfo sorriu encabulado e explicou que depois de ouvir sua conversa, lembrara-se de ter visto o livro em um sebo próximo de onde trabalha. Resolveu presentear a vizinha que nunca havia visto.

Dona Estela conversava com Denise sobre uma viagem que ambas fizeram para a Escandinávia em épocas distintas.

- Denise, você trabalha com o quê?

- Sou bancária. Trabalho no Swedenborg na Avenida Central.

- Verdade? Meu marido era diretor financeiro nesta agência.

- O senhor Venâncio? Era meu chefe! Sinto muito por seu falecimento, Dona Estela.

Denise falava com carinho sobre o ex-chefe e contava com satisfação como o senhor Venâncio proporcionava leveza e alegria ao ambiente de trabalho.

- Senhor Venâncio era seu esposo? E Seu chefe? Perguntou Lia surpreendida. Ele era da minha turma de piano na escola de música Carvalho e Sampaio! Nunca imaginei que fosse meu vizinho. Sempre muito sorridente e alegre, mas falava bem pouco de si.

- Piano? Então era por isso que chegava tarde em casa duas vezes por semana! Ele nunca me disse que estava fazendo aulas. Oh! Deus, o que foi que fiz?!

Dona Estela profundamente magoada consigo mesma contou que acreditava que o marido estivesse em um caso extraconjugal. Venâncio jamais disse à dona Estela sobre as aulas porque passavam por situação financeira difícil e ela não entenderia, já que, precisava de dinheiro para financiar sua permanência junto aos colegas da alta sociedade. Agora tudo fazia sentido para dona Estela, que confessava entre lágrimas o próprio egoísmo. Quando concluiu seu desabafo, não acreditou que havia feito uma confissão tão íntima na presença de estranhos. Era amparada por Denise e Lia, enquanto Rodolfo cuidava de lhe dizer palavras de ânimo.

Denise ouvia profundamente comovida o relato de dona Estela, pois, identificava-se com sua personalidade. Aqueles minutos que se seguiram despertaram-lhe a consciência de que para ser livre é preciso viver além das aparências.

Lia admirava-se com cada palavra de Rodolfo, e percebeu que em seu coração há muito adormecido, brotava uma semente de afeto pelo vizinho zeloso.

Finalmente, a porta do elevador abriu, era o técnico informando que o problema estava sanado. Rodolfo acionou o décimo segundar andar e todos desembarcaram para acompanhar dona Estela até seu apartamento.

Naquele começo de noite teve início uma grande amizade entre pessoas desconhecidas que descobriram que eram mais próximas do que imaginavam. Para isso, precisaram apenas de um elevador quebrado e celulares desligados.

A LACRIMOSA

Do aquário dourado de bolhas, que iam desaparecendo com o calor, divagou por uma quantidade de minutos que não se preocupou em calcular.
Naqueles dias, pensou em diversas formas de afogamento. Queria morrer como um aborto em alguma placenta da Terra. Todavia, para satisfazer este desejo, precisaria caber no reservatório como um homúnculo.
Homúnculo?! Já o era desde o primeiro minuto em que não tivera coragem de deixar que os primeiros goles de cerveja lhe invadissem com violência a garganta, como os machos fazem.
De que lhe serviria o falso moralismo da indecisão? Já havia morrido e ressuscitado uma dezena de vezes com o mesmo sentimento de mar revolto.
Os homens sorriam e meneavam as cabeças diante da situação hilária de um sujeito com o olhar perdido no espelho d'água do primeiro copo. Alguns lhe deram tapas nas costas e conselhos consternados que não ouviu.
Invisível aos olhos de todos, a mulher sentada na cadeira vazia à sua frente, fitava-lhe com frios *olhos de nunca mais*. Aquela postura desconhecida lhe deixou numa angústia paralisante. Não conhecia aquela faceta. Quem estava sentada ali?
Preferia quando carpia, com grandes e doces olhos marejados, perturbando - lhe a razão e a memória com os cálculos insolvíveis do "se" e os ângulos que a displicência não viu.
O cantar do Gonçalves, antes longínquo, foi ganhando nitidez e agradável volume até chegar à sua inteligência: *"Se ela me deixou a dor, é minha só, não é de mais ninguém..."*.
Ele julgava não poder viver sem ela. O mestre boêmio lhe fez perceber que, em verdade, em verdade, ele a dominava e oprimia com sua desnecessária dependência.
Não queria finar-se no mar dos esquecidos. Seria um ato de coragem desistir.
Erguendo os olhos do copo, fitou-a, beijou-lhe as mãos e acompanhou-lhe até a porta.
Na cadência bonita do rebolado de suas cadeiras, sem olhar para trás, ela desceu a ladeira até sumir na névoa que vinha do mar.
Vestiu o paletó branco, pôs o chapéu panamá e subiu a ladeira a convite do sol que sorria no topo. Nunca mais escravizou dor alguma. Aves de arribação existem para ir e vir.

Leandro Costa

FALENA

Leandro Costa

Sim ela vem!
Vem sobre o trovão,
Ela vem!
Na aljava traz seus raios,
Ela vem!

Seu vestido de viúva:
é de nuvens.
Seus adornos e seus brincos:
telúricos.
Vem chorar sua tristeza
sobre mim.

Procela de lágrimas acres,
Do fado do vale é a voz

Que varre da vida o viço

Qual silencioso algoz

Nem deusa, nem anjo o é
De Eva é filha que chora
Comigo uma grande saudade,

Do Éden de onde saiu.

Seu canto altivo ouvi
Porque canta dentro de mim
As dores amargas da bílis
Nas cordas de uma guitarra

O seu caminhar inaudível
Com um não passar se parece
E a dura demora que imprime
O faz pela mão do devir

Quem me vê com ela a cismar
Dirá que padeço, nas trevas,
De uma minguante doença
Que me desfigura o rosto.

Aguardo, porém outra forma,
Um outro, de mim, nascerá
No Reino do Sol que trará,
As chaves de outros jardins.

Então ela irá para sempre,
Com a velha forma de outrora,
Morar no sem fim do sem fim.

As tribos

Tantas árvores desciam pelos vales que tínhamos pela frente num postal de beleza paisagística a fazer jus ao que de melhor a natureza poderia oferecer. Com ela a fauna ia voando parecendo não ter poiso certo ou talvez querendo apreciar toda a envolvência tão natural. Atentamente observámos até surgir a pausa de aves onde escolha recaiu. Foi numa das partes mais verdejantes e com ausência de humana intervenção. Mais à frente, onde boa opção de fauna não se verificava para o poiso que atrás referimos, o ser humano já lá deixara marcas suas. Não eram pegadas simples, antes complexos vestígios onde não nos era possível vislumbrar começo e fim, muito menos divisões individuais. A tal fauna tinha na envolvência do poiso dito toda a flora que necessitava enquanto na rejeitada zona nada tinha que a pudesse cativar, para além da sua natural aversão ao que os humanos costumam apelidar de progresso. Em vias de chegar a ele ou do nosso recatado dito posto narrativo, em trânsito para o seu destino caso surpresas não se antecipassem. Tribo ali por diante decidiu que o melhor caminho para o progresso tão indispensável chegar seria a subtracção de natureza e nestes tempos últimos antes de nós aqui chegarmos para a narrativa, trataram de fazer das suas que é como quem diz «Isto agora tudo nosso é e nem sequer pausa iremos fazer pois fauna não somos nem flora precisaremos.» Mas como em parte qualquer que o mundo tenha, tribos nunca irão faltar, pensando diferente umas das outras. E se houve tribo que anteriormente deu aval para o que se passou por ali no antes, tribo nova surpreendeu-nos porque já vinha a caminho numa longa comitiva para o desfazer considerado como tão urgente. Até se questionavam entre eles, os membros efectivos tidos como de direito à admissão que igualmente acontecido tinha no antes da chegada nossa, sobre a presença de artefactos sem falta. Sim, porque para desfazer o mal que vinha de um atrás, longínquo não muito, preciso ser poderia uma série de ferramentas que porventura no inicial momento do que ali constava não foram chamadas à presença. Legislativamente tudo no tratado se encontrava e a fauna até bem aplaudia como se tivesse lido o legislativo manuscrito que também vinha na comitiva. Esta como foi dito ou escrito um pouco mais atrás, longa era, uma vez que a primeira secção era a tribo do desfazer e a segunda constante a tribo do fazer, pois que a natureza requer sempre uma intervenção activa para o crescimento que vem sempre depois do verbo semear. E a do fazer, informados fomos no a seu tempo devido, também era acertadamente designada por tribo do semear. A fauna alegremente voava pois antecipava o que aconteceria no futuro quase a dar-se como presente, até pelo debandar da tribo primeiro apresentada, discretamente pelo lado oposto, eventualmente com diversas compensações, mas isso já a fauna lido não tinha no tal manuscrito que acompanhava a comitiva.

Luiz amorim

O Velho Junco

O Velho Junco
não cabe no corpo da terra.
Não cabe
no corpo da Bahia.
Não cabe
no corpo do homem.

Medidas amorfas
que só cabem no coração.

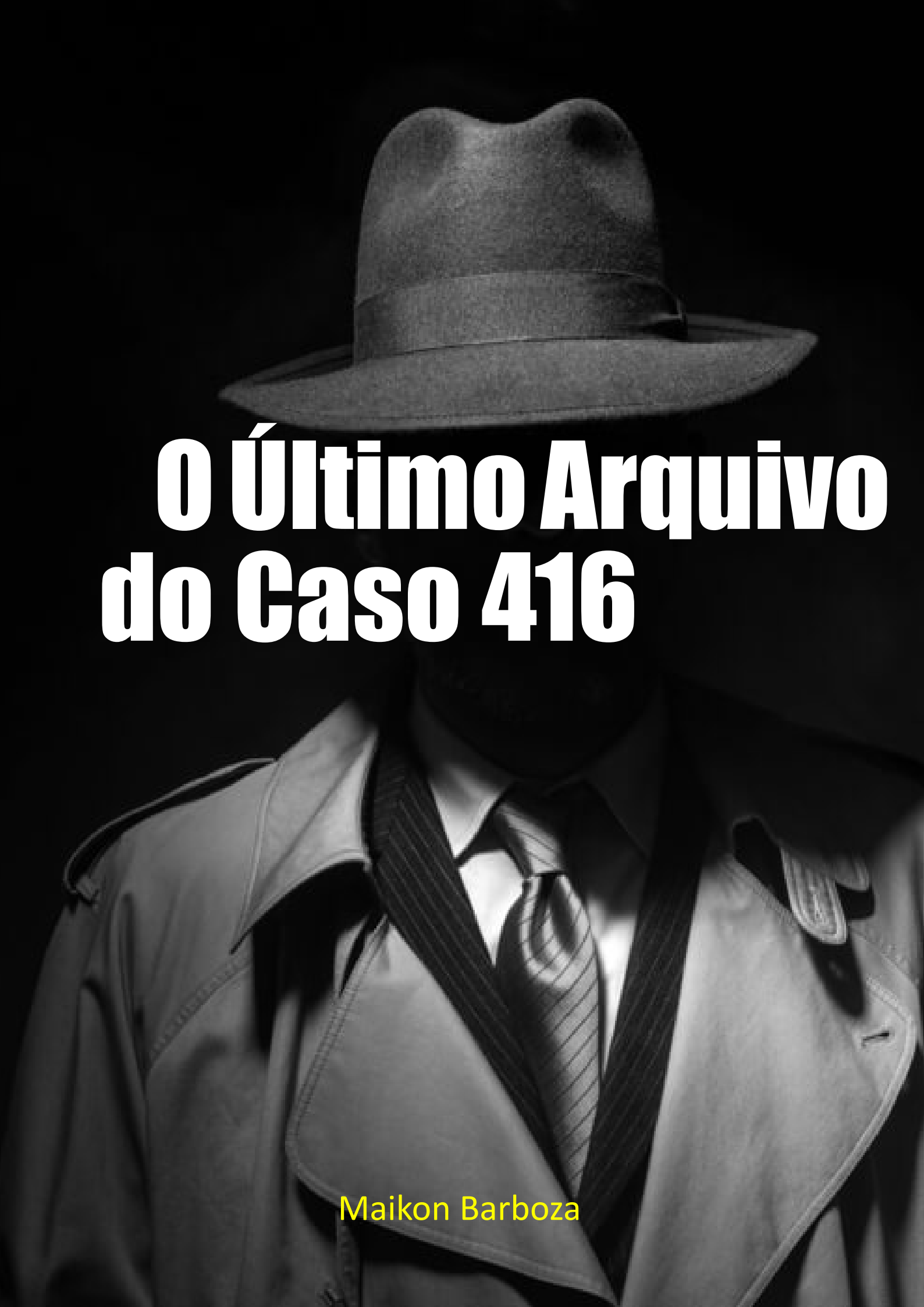
O Junco somos nós,
o sangue que escorre
o verso que vai nascer.

A paisagem sertaneja,
Água e mato,
Caminho e silêncio,
Tempos idos nas povoações.

A alma lavada,
O cheiro do alecrim,
As estrelas,
Um céu límpido azulado.

É caminho de ida,
Sem obstáculos para o retorno
Vivência indescritível,
Liberdade bendita,
História de amor e dor.

Cantada em prosa
Vivida em verso.



O Último Arquivo do Caso 416

Maikon Barboza

[Transcrição de trecho gravado da última entrevista do Dr. Sebastian Rech com o paciente do quarto 118]:

"Sexta-feira, 16 de Outubro de 1978. Estamos reunidos no quarto 118 do Himmelstür Sanatorium: eu Dr. Sebastian Rech, psiquiatra; e os pais de Thomas Köhler, Anna e Joseph Köhler, além do próprio Thomas. Essa é a décima segunda sessão realizada na tentativa de trazer o paciente de volta do estado de dissociação de personalidade no qual se encontra desde o incidente ocorrido há cerca de um mês no St. Agostine Hospital. Agradeço ao Sr. e Sra. Köhler pela disposição; acredito que a presença dos familiares terá efeito positivo sobre o estado atual do paciente".

"Faremos tudo o que pedir, doutor". (voz da Sra. Köhler)

"Olá Tom. Talvez queira falar hoje. Seus pais estão aqui e desejam muito lhe ouvir".

(Entoação de palavras ininteligíveis seguidas pelo som da porta se fechando abruptamente. Alguém (provavelmente um dos Köhler) se levanta e tenta, sem sucesso, abri-la.)

"Quem é você?"

"*Nossos caminhos se cruzaram uma vez, caro doutor, mas você era jovem demais para entender. Você afastou aquelas velhas histórias de sua mente e me esqueceu. Mas se cavar bem fundo em suas memórias vai perceber que sabe quem eu sou".*

"O que me propõe é impossível. Não tenho lembrança alguma capaz de esclarecer sua natureza. Nunca estive perto de qualquer poder além de minha compreensão; sequer tive uma crença religiosa em toda minha vida".

"*Você esteve bem perto de abrir a porta para mim, doutor. Quando sua casa queimou e de seu cão restaram apenas os ossos. Você pediu por algum poder que pudesse trazê-lo de volta. Seu pai tinha em sua posse o livro certo. Com um pouco de curiosidade, você teria encontrado o acordo perfeito".*

(Pausa prolongada)

"A casa dos meus pais queimou em um incêndio quando eu era criança e, sim, meu cachorro morreu no incêndio; mas isso aconteceu em 1936 e você tem apenas vinte e nove anos. Quem lhe contou isso?"

"*Sou mais velho que você, meu caro, mais velho que sua espécie. Eu sei de tudo. Vejo essas lembranças me encarando de sua mente inútil".*

"Deixe-me adivinhar: você afirma ser um demônio. O próprio Diabo talvez".

"*Sou mais antigo que suas histórias sobre o bem e o mal, doutor. Sua gente ainda não tem um nome pra mim, embora eu fosse a coisa no escuro quando seus ancestrais brincavam de descobrir o fogo".*

"Certo. O *que* é você?"

"*Está querendo saber demais, doutor. Não está pronto para a resposta desta pergunta e nem a sua espécie. Não estavam prontos a seis mil anos e não estão agora. Aqueles sacerdotes estúpidos descobriram meu nome, encontraram meus ossos e tentaram me conjurar com palavras em minha própria língua; mas quando me viram surgir – ainda que em incompleta forma – no círculo de pedras, enlouqueceram e arrancaram os próprios olhos".*

"Você é Thomas Köhler, meu afilhado e estudante de Medicina. Seus pais estão aflitos ao meu lado. Sua mãe está definhando de tristeza, Tom. Preciso que lute contra essa loucura e me deixe ajudá-lo".

"*Estou cansado dessa conversa, caro doutor. Sua limitação é enfastiante. Seu querido Tom estava usando cadáveres para fins não muito escrupulosos. Obteve conhecimentos proibidos através de*

certas leituras não recomendáveis para um cirurgião de respeito [risada irônica]*; queria um vislumbre do outro lado e por sorte eu estava lá, existente em inomináveis formas, e respondi prontamente. Ele está morto há semanas; sua pele, sua carne e seus ossos são meus. É um incomodo desgraçado estar confinado em um invólucro tão frágil e limitado. Mas só preciso dele até alcançar o lugar de descanso dos meus ossos e dos outros como eu, então caminharemos pela Terra outra vez".*

"Na hipótese de eu acreditar no que diz. Devo acreditar também que há outros iguais a você e quer trazê-los à vida?"

"*Como trazer à vida o que nunca esteve morto? Os outros não são gentis e eloquentes como eu, doutor. São mais velhos, crueis e bestiais. A simples visão do que subirá do Abismo será suficiente para mergulhar seu mundo num mar de loucura e horrores sem nome. Mas chega de falar, caro Sebastian, está na hora".*

"Tom? O que está fazendo? Sente-se... Como você...? Afaste-se! Meu Deus!"

"*Deus? Não seja tão otimista. Deus não está aqui hoje, doutor. Somos apenas você e eu".*

"Pare Tom! Deixe - me ir! Não... Ahhh!!! Socorro!!! Algu..."

[Segue-se o som de gritos alucinados dos ocupantes do quarto, objetos sendo quebrados, e dos enfermeiros tentando derrubar a porta. Nos últimos segundos da gravação é possível ouvir os gritos do Dr. Sebastian, que após o rompimento das cordas vocais, tornam-se um latido rouco e estertores que terminam em um som de engasgo. Ouve-se uma risada sardônica, emitida em um baixo profundo, e a gravação cessa abruptamente].

[Fim da transcrição]

Nota: "O corpo do doutor Sebastian foi encontrado dilacerado no centro de uma rubra poça de sangue; no rosto a expressão de quem havia presenciado terrores inomináveis e nos olhos uma ínfima centelha de consciência que durou alguns poucos segundos antes de se extinguir".

"Os corpos de Anna e Joseph Köhler foram encontrados quase intocados, ainda sentados próximo à cama. As expressões em seus rostos não deixam dúvida sobre a *causa mortis*: morreram de pavor".

"Thomas Köhler está desaparecido desde então; não havia sinal dele no quarto, nem qualquer pista de por onde tenha saído; visto que o quarto 118 do Himmelstür Sanatorium está localizado no terceiro andar do histórico prédio. A saída pela janela implicaria em uma queda de cerca de dezoito metros direto para a rua de paralelepípedos e, ainda que fosse possível, a janela foi encontrada trancada por dentro com o pesado ferrolho comum em todos os quartos do renomado manicômio".

[Manchete publicada no *Sapiens Magazine* sete dias após a morte do Dr. Sebastian Rech]:

Pouco após o alvorecer de ontem, uma pequena e milenar cidade ao norte do mundo assistiu horrorizada a um grupo de doze aldeões – entre eles cinco destemidos caçadores – em irrefreável corrida para fora de uma antiga floresta. Destes, seis se lançaram sobre suas próprias baionetas e morreram; cinco se fecharam em uma mudez catatônica e parecem incapazes de articular qualquer palavra que descreva a natureza do que pode ter causado tal surto e o último – um jovem lenhador – vazou os próprios olhos e morreu algumas horas depois, balbuciando palavras desconexas que foram registradas por um presente como sendo:

"*Havia ossos gigantes lá no círculo de pedras... E então sentimos aquele cheiro repugnante na névoa que cobria as árvores e vimos a* coisa *subir dos antigos túmulos. Ele se levantou, mais alto que as pedras. Está vindo para cá! Oh deuses! Matem-me antes que ele nos alcance, eu imploro".*



A Laje

Valter Resende

Lançamos então uma reflexão sobre arquitetura e urbanismo: Vocês que passam a vida nas cadeiras das universidades, aprendendo a desenvolver formas baseadas em Bauhaus, ULM, Chicago School entre outros padrões que só funcionam com dinheiro, saibam que vocês não devem responder a uns 4% do que é praticado no mundo no que tange a levantamento de paredes para abrigar pessoas. Lamento mas vocês são inúteis para a esmagadora maioria da humanidade.
A verdade é que o grosso da população do planeta, são fudidos de grana e tem que driblar a economia, estética e física para conseguir construir um abrigo para dormir seco nas noites das regiões pobres do globo. Trazendo esta realidade mais perto para nós brasileiro, mas precisamente para a cidade de São Paulo, as periféricas são um Aconcágua de improvisos, fios descascados e paredes sem reboco, de uma gente que levanta suas casas com pouco dinheiro e a impressão que é provisório, que logo vão morar em um lugar melhor, mas que passam a vida inteira olhando para as mesmas infiltrações. Triste.
Edu fazia parte desta estatística. Ele que com 30 anos de idade e morando num puxadinho no quintal do sogro em Guaianases, se fudeu juntando uma grana por um bom tempo, comprou um terreno e levantou uma casinha onde iria morar com sua mulher Izilda, que era a sua parceira na grande luta chamada vida. Paredes levantadas e teto montado com lajotas e vigas pré-fabricadas. Então era hora de acontecer uma das maiores instituições das periferias do Brasil. O enchimento da laje.
Para quem mora no Alto de Pinheiros e o mais perto do subúrbio que esteve foi em uma excursão do Colégio Dante Alighieri para o Instituto do Butantã, o enchimento de uma laje consiste em colocar concreto sobre o teto já montado, em numa velocidade rápida o suficiente para a massa secar de maneira uniforme. Se o processo for lento e no final da aplicação as primeiras porções de concreto já estiverem secas, vai causar pequenas rachaduras que não há filha da puta que conserte, e a laje vai ficar com goteiras e infiltrações pelo resto da vida.
Então o evento “Encher Uma Laje” é uma momento crítico na vida de um popular, pois como ele não tem dinheiro para contratar uma equipe grande e equipada para fazer a obra, ele conta com os amigos sem muito preparo para trabalharem de graça e um pedreiro remunerado que vai coordenar a operação. No final do trabalho que é bem pesado, existe uma bonificação para aqueles que ralaram, um churrasco ou feijoada regados a caipirinha de cachaça Pitu e cerveja fora dos padrões da Baviera. Ah minha encantadora periferia! Lugar doce e covarde.
Sábado de um verão de 2001 e era o dia de encher a laje da nova casa de Edu. Ele que havia chamado uma cabeçada de amigos para o trabalho, acabou se decepcionando com o seu networking, ao ver que apenas três deles foram para a obra. O dia estava nublado, e sem a presença do Sol, o mestre da obras

disse que daria para fazer o trabalho com o tempo correto de secagem apenas com aquelas pessoas. Rapidamente o ajudante que tinha um pouco mais de expertise no que tange a mexer massas, foi fazer no meio da rua o concreto, afinal na periferia é perfeitamente aceitável que um morador interdite uma via pública para se encher uma laje. Concreto preparado e se ouve o grito do pedreiro de cima da laje: “Massa mole!”. Logo os ajudantes trataram de encher as suas latas de 20lt com concreto, e com elas sobre os ombros protegidos com um trapo e chapéus improvisados com saco de cimento e bola de capotão cortada pela metade, iam levando a massa através de uma escada até o topo da laje.
Os primeiros minutos de trabalho estavam fluindo bem, até que o imprevisível clima da capital paulista começou a se manifestar, e as nuvens que protegiam o concreto fresco de secar muito rápido, foram dando lugar a um céu azul, e o astro rei começou a castigar a porra do concreto, que foi secando rápido demais com o contido staff de fudidos. O mestre se desesperou e gritava “massa mole” sem parar, pois eles tinham que terminar logo, ou o cimento iria desandar e dar uma infiltração do caralho. Edu era o mais aflito, e implorava aos amigos que corressem. Em poucos minutos o sol estava mais impiedoso ainda, e o pedreiro dá um esporro na equipe dizendo que o Sol estava secando muito rápido a massa e teriam que acabar logo. O concreto espalhado fazia um degradê pro quase completamente seco até a massa fresca, e o mestre disse que agora tudo dependeria do Frei Galvão para olhar por eles.
Obra pronta, as ferramentas estavam sendo limpas, a rua suja de concreto lavada, e a churrasqueira improvisada com uma das latas de 20lt que ajudou a encher a laje foi acesa. Enquanto os espetinhos de patinho eram postos para assar, começa a chegar todos os amigos de Edu que combinaram de vir para a obra e só chegaram para o almoço. As desculpas eram das mais randômicas e paradoxais. Um falava que o relógio não despertou, outro bradava que teve que levar a criança para tomar inalação no PS, outro dizia que ficou trepando até às sete da manhã, e por ali iam as justificativas enquanto os copos eram repletos de caipirinha feita de cachaça e limão rosa colhido no próprio quintal. Ahhh minha latente periferia... por que você é assim? Tão amável e hipócrita.

As semanas que sucederam o enchimento da laje foram passando como árvores pela janela de um trem, e como não chovia nem por um caralho, não dava para saber se a casa que já estava sendo habitada pela família de Edu, ficaria seca depois de alguma tempestade que indubitavelmente cairia sobre a laje que foi concretada meio que nas coxas. Foram semanas de seca e dúvidas, e o coração de Edu ficava sempre apertado com medo das infiltrações, enquanto a evangélica Izilda ia tentando tranquilizá-lo com palavras de conforto e deliciosos biscoitos e bolos que ela fazia. Então numa tarde de domingo, as nuvens foram se juntando e tomando um tom bem escuro. Logo os raios cortavam o horizonte, que de tão fechado, fazia o dia parecer um lago de piche. A chuva começou a castigar os telhados de Guaianases, e de tão forte que ela caia, se formava outras nuvens, mas estas de respingos sobre as telhas de Brasilit. Edu estava apreensivo, e sentado em seu sofá não tirava os olhos do teto. Choveu copiosamente durante várias horas. Edu estava a beira de ter uma síncope nervosa, afinal goteiras de uma laje mal enchida, dificilmente tem solução. A tormenta acabou por volta da meia noite, e aparentemente a integridade da laje estava preservada, pois não havia nenhuma gota ou mancha de umidade no teto. Edu exausto e aliviado, foi dormir o sono que só aqueles que não tem goteiras em casa tem.
O dia amanhece na quebrada e Edu acorda. Antes mesmo dele lembrar do problema que o afligia há dias, ele sente um gota caindo no rosto e uma certa umidade na cama. Ele abre a janela e a luz do sol entra no quarto revelando o seu maior temor, o chão está encharcado d’água e o teto com milhares de gotinhas caindo como pára-quedistas. Se a cena não fosse tão desesperadora, até que teria uma direção de fotografia linda. Aquilo era uma verdadeira tragédia, e Edu só chorava de desespero enquanto era amparado pela sua mulher que dizia: “Fica tranquilo Eduardo... a gente volta a morar no puxadinho do meu pai até o dia que tivermos dinheiro para resolver isso.” Que tristeza... o sonho do lar próprio estava vazando pelo teto.
O tempo foi passando e Edu que estava morando novamente com o sogro já a alguns meses, sempre ia até a casa do teto amaldiçoado para não deixar o local com cara de abandono, afinal se corria o risco eminente de se ter a pia, privada e torneiras roubadas. Isso... a periferia consegue ser muito cruel quando ela quer.
Sempre que Edu estava lá ele limpava as coisas, e a tristeza ia naufragando o coração dele, que para esquecer a dor sempre fumava um baseado, que na quebrada soa como um analgésico para a alma. Então aquilo virou um costume, pois sempre que ele ia dar um trato na casa, ele fumava um cigarrinho de artista, e no final apagava a ponta em um balde vazio que havia sido esquecido ali na cozinha.

Mas houve uma época que Edu muito apático pela interrupção do sonho da família, ficou uns três meses sem aparecer na casa. O dia que ele foi lá, Edu fez como sempre, limpou o quintal, o interior da casa e fumou a sua maconha, mas quando foi apagar o cigarro, ele viu que no vaso que servia de cinzeiro psicodélico, havia nascido um pé de cannabis. Era lindo, pois a planta estava com o caule vigoroso, folhas brilhantes e os primeiros camarões (parte da planta que se fuma) estavam brotando de maneira precoce. Curioso que no balde não havia terra, mas apenas água que deve ter caído pelas goteiras do teto e a luz do sol que entrava de maneira sublime pelas janelas. Edu que gostava de uma boa xibaba, notou que ali se dava início a um cultivo hidropônico da erva mais apreciada do planeta. Mas ele achou que aquilo foi um acaso do destino, que outro pé de maconha não teria um crescimento com tanto sucesso novamente, mas para ter certeza que aquilo não era uma benção dos Deuses doidões da Jamaica, Edu pegou algumas das sementes da ponta que sobrou, colocou em mais dois recipientes vazios e foi embora. Depois de duas semanas ele voltou, e a planta que havia brotado primeiro, estava linda e já produzindo bilolos maravilhosos que perfumavam a casa de THC. Já a plantação mais recente, havia germinado e crescido de maneira milagrosa. Aquela casa que havia causado tanta tristeza para Edu e sua esposa, parecia ter sido abençoada pelo milagre da vida lisérgica.

Edu começou a ir todos os dias na casa, e o seu jardim de alegria e entorpecimento só ficava cada vez mais deslumbrante. Ele não precisava mais ir na biqueira comprar aquela porcaria de fumo manga rosa misturada com folha de chuchu, e passou a consumir o que plantava. Aquilo era o Jardim Das Delícias, e Edu se sentia o verdadeiro Bosch da hidroponia THCista. Logo a cozinha da casa que era carregada de tristeza, ficou entupida de alegria e aromas. As plantas tomaram o interior da casa, e as goteiras que hora representaram um pântano de agonia, tornaram-se a fonte da vida naquela casa tomada pelo verde.

Pouquíssimo tempo depois do início do cultivo, os pés de maconha produziam como uvas Malbec em Mendoza, e era lindo de se ver. Mas Edu que era totalmente contra a comercialização daquela planta, já não dava conta de fumar tudo, e havia até começado a distribuir de graça aos mais chegados. Tudo isso longe dos olhos da mulher, que era Adventista da Promessa e que desaprovava até o uso recreativo do cânhamo pelo marido. Então imagine se ela soubesse que ele era o Midas da maconha homemade.

Mas a vida que é de uma ciclicidade que nos tira da proa o tempo todo, fez questão de mudar o curso de Izilda. Ela que vivia para seguir o caminho de Deus com a sua saia jeans até os joelhos e um coque no cabelo, por um descuido de Edu que esqueceu uma bucha de maconha na geladeira, ela achou que fosse alguma das inúmeras ervas comestíveis que ela preparava os seus deliciosos biscoitos, e adicionou a maconha na receita com base de farinha, raspas de laranja e gotas de chocolate. Assim que os biscoitos saíram do forno já com a casa tomada pelo perfume de laranja e notas de Maria Tonteira, ela experimenta um dos seus cookies e sente algo diferente, mas estava divino e ela come vários.

Era umas 20h quando Edu chegou da metalúrgica. Não havia nenhuma luz acesa em casa, e ele ouviu uma música vinda da pequena sala de jantar. Era sua esposa, que esta só de calcinha na penumbra, ouvindo um disco do Kool Moe Dee que era do Edu e dançando como se nunca se lembrasse que alguma vez foi uma crente com cabelo de pontas duplas. Edu ficou atônito com aquela manifestação de liberdade que ela nunca havia tido. Ele sentiu o cheiro do cânhamo pela casa, examinou a geladeira, viu os biscoitos e logo notou o que havia sido feito. Edu comeu dois ou três biscoitos, se sentou no sofá e ficou vendo a silhueta semi nua da sua mulher crente dançando Go See The Doctor.

A manhã seguinte era um lindo sábado e o casal acorda sorrindo, sem Izilda saber o que havia acontecido de fato. Ela só sabia que se sentia leve, e que seus problemas foram para uma gaveta mental. Em algum momento eles voltariam, mas ela estava aproveitando a brisa do biscoito que ainda batia. Edu não queria mais esconder da esposa devota de Jeová o que andava acontecendo na casa abandonada deles, e depois de um pesado café da manhã que incluiu até bife, eles foram até a plantação. Já na pequena lavoura, Izilda teve uma mistura de emoções, pois dentro do peito batia um coração crente que se tivesse pernas seriam peludas, e ela achava tudo aquilo obra do capeta, mas a experiência que ela havia tido na noite anterior havia sido uma epifania, e talvez aquele sim teria sido um encontro com o Deus que ela gostaria acreditar, e não aquele de saia cuspido da boca incisiva do pastor.

Os dois colheram alguns camarões e levaram com eles para a casa. Daquele dia em diante o forno de Izilda quando aberto, se olhasse bem, dava para se ver um arco íris saindo de dentro, com perfumes de chocolate, baunilha, tangerina e THC. A laje realmente havia mudado a vida dos dois.

Itinerários

De onde estamos, miramos de onde viemos e para onde caminhamos, entre para-brisas e retrovisores, aquele velho verso ” não incluiu Capão Redondo em seu itinerário”, já não nos representa. Seguimos em busca de galardões, manjares, lugares, louros e altares. Por mais que insistam em discursar sobre os espaços escassos.

O que fazer? Retornar aos becos, guetos, vielas e córregos das indiferenças, inseguranças e ignorância?

Ou ressignificar córregos, vielas, guetos e becos. Transformando-os em rios, pontes, vias e complexos viários de conhecimento, atitudes e resiliências pavimentados por coletivos viscerais.

Para toda ressignificação, tem-se a necessidade de uma nova forma de olhar e de se olhar. Ao nos revisitarmos e ao visitarmos, qual olhar depositamos em nós e ao nosso redor; colonizador, descolonizador ou nada binário?

Nessa jornada de escritas, reescritas de lugares, gêneros, raças, orientações, superações e conquistas que decidimos trilhar juntos, podemos dizer de forma literal, metonímica e metafórica ” incluímos o Capão Redondo em todos os seus itinerários.

Flávio Costa



“Memorial”

Regresso ao Sul à inocência à memória mais feliz por inventar às portas da vivenda abandonada onde brinquei à mão da avó pousada sobre a minha cabeça

Regresso aos cheiros aos figos das piteiras ao mel das flores agrestes ao cais ao mar à frescura do atum e das palavras do Avô às sereias e monstros nas paredes despertos pela mão do petróleo

Regresso à porta de zinco atravessada não sei por quantas mulheres de branco toucado e ao riso e ao canto daquelas bocas espantando a prata da sardinha Regresso a Ayamonte levada pela mão do avô e à sevillana que fui nos carnavais da infância de castanholas
e “mantilla” “por donde vás de mantilla, guapa?”

Regresso de vez em quando regresso ao baú da memória e de lá tiro um pouco do muito que lá está.

Josefa De Lima (Algarve) In “I Antologia de Escritores de Albufeira” - C.M.A. – 2005

O mito de Prometeu

por Carolina Goulart Bagnetti
https://papoliterario.com.br
Instagram: @carol.papoliterario

Os mitos, em todas as culturas, cumprem um papel educativo, buscando explicar a origem e o funcionamento de todas as coisas, ao mesmo tempo em que ensinam algumas regrinhas de conduta. Afinal, ninguém quer aborrecer os deuses, mas agradá-los, e saber como eles se enfureciam e o que os motivavam a serem melhores parecia bastante útil!

E a literatura constantemente bebe nessa fonte, seja buscando inspirações, referências ou mesmo recontando as histórias em outros contextos, criando narrativas das mais impressionantes. Assim foi com o clássico Frankenstein, de Mary Shelley, cujo subtítulo, O Prometeu Moderno, já entrega sua inspiração.

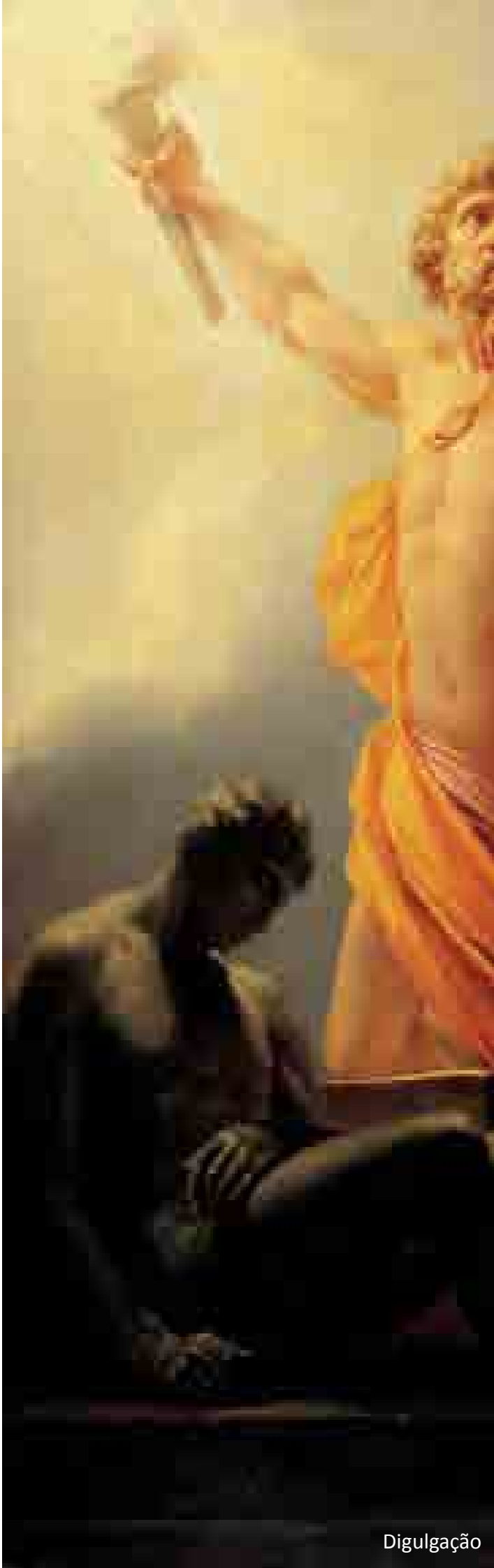
Mas, afinal, quem é Prometeu e qual é a sua história?

Prometeu é um titã (uma espécie de proto-deus, uma entidade muito antiga), na mitologia grega, responsável pela criação dos homens e dos animais, junto a seu irmão, Epimeteu. Ao perceberem-se sem recursos para atribuir qualidades específicas aos homens, Prometeu teria roubado o fogo dos deuses e dado àquela que seria a espécie superior de sua criação. Porém, isso enfureceu a Zeus, o deus com maior autoridade sobre os deuses, que o castigou severamente. Prometeu foi, então, acorrentado no alto do monte Cáucaso, onde uma águia viria todos os dias comer seu fígado, que se regeneraria para a repetição do suplício.

Algumas variações - As versões mais conhecidas: Hesíodo e Ésquilo.

Na versão de Hesíodo, Zeus havia se enfurecido com um truque dos homens, elaborado por Prometeu, em relação às oferendas aos deuses e tomou-lhes o fogo, em uma espécie de castigo. O titã, então, roubou o fogo dos deuses e devolveu-o aos homens. Como punição, além de mandar Prometeu para seu martírio, Zeus também enviou Pandora, a primeira mulher, para os homens, com a intenção de que ela fizesse alguma bobagem e castigasse a humanidade (e é daí que nasce o mito da caixa de Pandora, que podemos discutir melhor em outro post). Sim, machismo impera nas culturas antigas!

A versão de Ésquilo se baseia na de Hesíodo, mas é



Digulgação

mais favorável ao titã. O autor comenta que, antes de roubar o fogo dos deuses, Prometeu havia garantido a vitória de Zeus contra os outros titãs em uma grande batalha. Portanto, a punição dada pelo deus do Olimpo foi considerada uma traição ao titã. Prometeu também é descrito por Ésquilo como um benfeitor da humanidade, além de seu criador, tendo lhes ensinado a escrita, a medicina, a matemática, entre outros aspectos essenciais da civilização. Ésquilo também não parece se alongar no mito de Pandora, diminuindo um pouco a problemática de gênero da história.

Onde o Frankenstein entra nisso tudo? Existem algumas interpretações muito interessantes sobre os paralelos entre a história de Mary Shelley e o mito grego, mas vou me deter nos aspectos mais gerais para não correr o risco de dar spoilers a quem ainda não tenha lido a obra. Ao final do post, indicarei alguns trabalhos que andei vendo sobre o clássico.

O protagonista da obra de Mary Shelley, Victor Frankenstein, assemelha-se a Prometeu ao dar a vida a uma nova criatura, uma nova espécie, por assim dizer. Enquanto o titã grego formou os homens com barro, o aspirante a cientista de Shelley cria a partir de pedaços do que um dia foram pessoas. Se Prometeu rouba o fogo dos deuses para dar aos humanos, Frankenstein utiliza-se dos raios para avivar sua criação. Finalmente, se Prometeu desejava tirar a ignorância dos homens, Frankenstein tinha a intenção de acabar com a doença e a morte.

Apesar de estar bastante óbvio pelo subtítulo do livro que Mary Shelley conhecia o mito de Prometeu, é curioso o quanto ela estava familiarizada com a história. O Romantismo é um período em que os mitos, em especial



Digulgação

O Menino Rosa e a Menina Azul



(Por Maxilane Martins Dias)

O Menino Rosa e a Menina Azul eram amigos. Moravam na mesma rua, ele no início e ela no final, na mesma quadra.

Como a amizade dos dois era boa, estavam sempre juntos, principalmente, na hora das brincadeiras na rua e nas idas e voltas da escola.

O menino gostava de brincar de bonecas, de patins, de cozinhar, de lavar, de arrumar a casa e outras brincadeiras que muitos diziam ser de meninas.

A menina gostava de brincar de carrinho, de bola, de soltar pipa, de pião e de bolinhas de gude, brincadeiras que muitos diziam ser de meninos.

Na verdade, nenhum dos dois pensava nisso, gostavam mesmo era de brincar. Eles eram muito bons nas brincadeiras que gostavam.

Quando estavam juntos, e sempre estavam, brincavam um pouco de cada brincadeira. Eles se divertiam bastante assim.

A cor preferida da menina era o azul, pois era a cor do céu e do mar, que ela tanto adorava.

A cor preferida do menino era o rosa, pois era a cor da pessoa que ele mais amava, juntamente, com a mãe, sua avó.

Em todo aniversário do Menino Rosa, a avó fazia um bolo para ele, com cobertura de morango.

O bolo, é claro, ficava todo rosa e mega saboroso.

Dessa maneira, o menino aprendeu a amar a cor rosa.

A avó havia feito o bolo até o sétimo aniversário do dele, quando partiu sem se despedir.

A mãe explicou que ela foi morar no céu, fazer bolo para os anjos, já que eles gostavam muito de bolo. Ele acreditou.

A cor rosa se tornou para o menino, uma lembrança feliz da presença da avó.

Depois da partida da avó para fazer bolo para os anjos, o menino adotou a cor rosa.

Ele pediu aos pais para substituir a cor azul-bebê do quarto, pela rosa.

O pai tentou tirar essa ideia da cabeça do filho, mas ele disse que era uma homenagem à avó. Assim, o pai concordou.

A Menina Azul nasceu no litoral nordestino, mas devido ao trabalho do pai, teve que mudar-se para a Região Central do Brasil, longe do mar.

A menina amava o mar. Não havia um dia sequer que não fosse à praia observá-lo.

Ela gostava tanto do mar, que muitas vezes desejou ter nascido sereia para viver nele.

No dia da mudança ela chorou muito, mas não teve jeito, mudou-se com toda a família: o pai, a mãe e duas irmãs maiores, que choraram não pelo mar, mas porque tiveram de deixar os namoradinhos.

Com a mudança há dois anos, a Menina Azul foi parar

na mesma rua do Menino Rosa.

Quando o Menino Rosa e a Menina Azul viram-se pela primeira vez foi na escola, estavam na mesma turma e no mesmo ano de estudos.

Eles estavam sentados em fileiras diferentes, mas próximos um do outro.

Quando se olharam e sorriram um para o outro, imediatamente, no mesmo instante, souberam que seriam amigos.

Estavam trajados com casacos nas cores prediletas e geraram burburinhos entre os alunos que se conheciam do ano anterior.

Mas foi no intervalo do recreio que eles conheceram seus novos nomes.

- Hei Menino Rosa! Hei Menina Azul! Vocês querem brincar?

A partir desse dia estavam sempre juntos.

Se o Menino Rosa fosse brincar de bola, com os outros meninos, ela ia junto.

Se a Menina Azul fosse brincar de amarelinha, com as outras meninas, ele ia junto.

Dessa maneira, eles participavam de todas as brincadeiras.

Se alguém dissesse que ele não podia brincar de pular amarelinha, porque era brincadeira de menina, eles tinham um combinado: ou brincavam os dois ou não brincavam.

E, se alguém dissesse que ela não podia brincar de bola, porque era brincadeira de menino, eles mantinham o combinado.

Assim, foram vencendo as barreiras. Com o tempo, ninguém tentava mais excluí-los das brincadeiras.

Os meninos já queriam que a Menina Azul participasse, pois ela jogava bola muito bem, bem melhor que muitos meninos.

As meninas, também, já queriam que o Menino Rosa, pulasse amarelinha com elas, pois ele fazia-o muito bem.

Eles acabavam brincando mais que todo mundo, já que participavam de todas as brincadeiras.

Certo dia aconteceu algo muito chato.

Quando a Menina Azul tentou participar de uma brincadeira de bola, um aluno novato disse:

- Sai daqui “sapatão”! Essa brincadeira é dos meninos.

O Menino Rosa se aproximou e disse:

- Peça desculpa!

- O outro menino disse:

- Sai daqui você também, “maricas”! – e empurrou o Menino Rosa.

O ocorrido foi parar na sala da diretora.

Os pais do menino preconceituoso foram chamados. Comprometeram-se em corrigir o filho.

Ele teve que aprender a respeitar e aceitar os diferentes.

Os alunos viram a atitude de preconceito e passaram a evitá-lo nas brincadeiras. Dessa forma, aprendeu que o preconceito não é bom. Só prejudica a convivência e as boas amizades.

Com respeito e aceitação as brincadeiras voltaram a acontecer de forma harmoniosa na escola.

A amizade entre a Menina Azul e o Menino Rosa está a cada dia mais forte na escola e na rua onde moram. E não há distinção de gênero em suas brincadeiras.

Em dias de vento: soltam pipa!

Em dias de chuva: eles brincam de boneco ou boneca, videogame, de ler livros, de cuidar da casa, de danças, de cantar, de desfilar e montar quebra-cabeças.

Em dias de sol: jogam bola! Brincam de pular amarelinha, de patins, de andar de bicicleta, de correr, de pular, de super-herói, de pular elástico ou cordinha.

Nos outros dias: brincam de tudo o mais que os deixam felizes.

A Menina Azul está crescendo e sonha em trabalhar como bióloga marinha, assim estará bem próxima do mar, que tanto ama.

O Menino Rosa, também, está crescendo e sonha em trabalhar como aviador, assim estará mais próximo do céu e de sua avó.

E sabem de uma coisa?

Mesmo quando crescerem as cores preferidas deles continuarão o azul e o rosa, e não há nenhum mal nisso.

(Maxilane Martins Dias, pai de Pedro Henrik e de Maria Eduarda “em memória”, membro da SLA – Sociedade Literária Acreana, Rio Branco – Acre, 22/01/2020).

Através dos seus olhos

Nem todo na vida sempre foi um mar de rosas e na minha não foi diferente eu nasci com um problema sério nos olhos e foi cega dês de que nasci até os 14 anos, eu consegui uma cirurgia e recebe uma córnea de um doador anônimo e depois de, mas 1 ano pude voltar a ver, foi muito emocionante para mim, pode ver aquilo que até então eu só podia imaginar. Foi um momento raro e único na minha vida porém pouco tempo depois tive que encarrar a separação dos meus pais, ambos queriam, refazer suas vidas e por um tempo tive que morar na casa da minha avô, foi um tempo muito difícil para mim, porém o que me manteve feliz foi receber do hospital uma foto do doador que tinha me doado as córneas era um homem parecia já ter seus 50 anos, aparentemente ele tinha morrido num acidente de carro. Eu guardei aquela foto afinal era uma vida eterna que eu teria com ele, e pretendia um dia o poder visitar no cemitério. Fiquei morando com minha avó um bom tempo até que quando inteirei 21 anos meu pai veio me buscar para assim ir morar com ele. Ele tinha se casado novamente e agora morava no interior de uma cidade de Goiás, eu fiquei muito feliz e acabei indo om ele, nunca tive medo de mudanças e adaptava fácil aos lugares.

Minha madrasta parece ser boa, sempre está no canto dela, só e muito rígida, parece estar sempre mal-humorada por isso raramente puxo assunto, ela trabalha em um orfanato quase o dia todo, então passo boa parte do tempo sozinha, e para ajudar ela eu limpo a casa, já que ela chega bem cansada. A pouco tempo meu pai decidiu se tornar caminhoneiro e eu o vejo bem pouco. No começo achei ruim, mas ele parece gostar muito dessa profissão então, fico feliz por ele. Tem umas 4 semanas desde que ele saiu e ainda não voltou. Aqui nessa cidade pacata não tem muito o que fazer, passo a maior parte do tempo no meu quarto estudando ou lendo raramente saio, só no sábado que e quando minha madrasta pedi para eu ir à feira que tem no bairro compra verduras, frutas e legumes para a semana. Gosto de ir nessa feira pois no final ela sempre tem um menino bonitinho ele fica parado olhando para frente parece sempre está esperando por alguém ele sempre está bem-vestido, e seu semblante traz paz, ele parece ser bem carismático, contudo, eu só tenho coragem de o observar de longe.

Hoje e um dia diferente e especial acordei toda animada para ir à feira, pois meu pai vai, vim, quero preparar um jantar magnifico para ele, acordei bem cedo paguei minhas coisas e fui para e feita estava tão animada que não prestando atenção nas coisas que estavam acontecendo na minha volta, saia comprando tudo o que via na minha frente, a distração estava tão grande que quando acabei de compra tudo e fui atravessar a rua, para ir embora não olhei dos dois lados e já fui enfiando, lembrei de olhar só quando eu já estava no meio da pista e escutei um carro buzinando, o carro já estava bem cima não tinha muito o que fazer, mas antes mesmo que eu pudesse ficar com medo, senti alguém me puxando para perto de si, eu dei uma rodada e cai sentada
derrubando todas as sacolas com as coisas que eu tinha comprado, quando olhei para ver quem tinha me puxado vi que era o menino bem-vestido que eu sempre via no final da feira, eu já fui logo levantando e agradecendo, estendi minha mão para ele pode se apoiar para se levantar e falei.

— Você se Machucou?

Ele apenas sorriu e pegou minha mão, levantou um pouco mancando, eu o apoiei em mim e o levei para um banco de uma praça que ficava lá perto da feirinha, assim que chegamos no banco ele se sentou, fez uma cara de dor e eu lhe perguntei.

— Machucou muito seu pé? E me abaixei para pode ver, quando escutei uma voz dizendo.
— Não, acho que apenas torci, mas está tudo bem.

Eu me levantei estendi a mão para ele novamente e disse.
— Obrigada por ter me ajudado eu estava distraída.
— Tudo bem você parecia estar bem animada também. Disse ele sorridente
— Meu pai que está viajando vai voltar hoje estou animada para o ver,mas você precisa de ajuda para ir para casa, eu posso te levar afinal você se encontra nessa situação por
minha causa.
— Não, pode ir para sua casa, estou esperando um amigo e vamos sairjuntos.

— Está bem então! Me despedi dele e fui para casa.
Como as compras na feira tinha falhado decidi ligar para a pizzaria do bairro e perdi a do sabor preferido do meu pai, assim que a pizza chegou eu a guarde e fiquei esperando ansiosamente meu pai chegar, no meu quarto tinha
uma janela que dava para a rua fiquei lá observando e esperando meu pai aparecer, mas as horas forram passando e nada dele vim, quando vi minha madrasta chegando, ela chamou pelo meu nome e eu fui até a cozinha onde ela
estava, ela olhou para mim e disse. — Seu pai ligou disse que não vai vim hoje e não tem uma nova data para sua chegada

— Mas! Resmunguei
Antes que eu pudesse terminar de falar fui interrompida por ela que disse

— Mas nada vai cassar o que fazer, vou banha e ir dormir.
E saio da cozinha me deixando lá sozinha.
Eu inconformada fui para meu quarto e liguei para o meu pai várias vezes, mas em nem uma delas tivesse sorte dele atender, sempre caia na caixa postal comecei a ficar chateada, continuei olhando pela, a janela a espera dele, mas as horas foram se passando e nada, quando eu vi, que aquele menino que tinha e ajudo, mas cedo estava passando na rua e indo para o rumo de uma pracinha, ele ainda mancava e parecia está com pressa. Fiquei curiosa sobre ele e foi aí que me dei conta que eu nem tinha pergunto qual o nome dele, a fim de esfriar a cabeça decidi sair de casa para o procurar, fui até meu guarda-roupa
peguei um casado o coloquei e sai de casa, quando fui chegando perto da praça o vi sentado em um dos bancos com o celular na mão, fui me aproximando dele,
mas ele estava tão distraído que nem tinha notado minha presença. Cheguei um pouco, mas perto e disse.

— Oi!
Ele olhou para mim e disse
— Uai? O que você faz aqui tão tarde da noite?
Eu me sentei do lado dele e disse.
— Meu pai não apareceu, fiquei esperando por ele esse tempo todo, aí vi

você passando na rua de casa e te segui, eu me dei conta que nem tinha perguntado seu nome.
Ele sorrio e disse!
— Meu nome é Oliver, e o seu?
— haaa prazer meu nome e bel., não querendo ser intrometida, mas o que você faz aqui essas horas da noite.
— Então lembra que eu disse que esperava por um amigo? Não consigo fala com ele, todos sábados nós encontramos na feira, mas ele não apareceu, consegui achar a localização de onde seu celular esteve pela última vez, estou indo atrás.

— Posso ir junto? Estou um pouco chateada e não vou conseguir dormir mesmo.
— Pode ser que seja perigoso.
— Mas um motivo para eu ir, você ainda está mancando pode ser que precise de ajuda.
— Está bom!

Então levantamos e, começamos e seguir o caminho que GPS que do celular dele mostrava como não era muito longe de onde nos estávamos décimos ir a pé mesmo, caminhamos por um tempo passamos por várias casas, uma estrada deserta até que comemos anda rente a um caminho de trilhos. Era a primeiras que eu andando por aquele caminho, e não sabia que trem passava naquela região então perguntei ao Oliver.

— Uai? Tem trem aqui nesse fim de mundo?
— Não mais, porém, anos atrás por essa região passava vários trens cargueiros amarrotados de comida. Para abastecer aqui o município, mas com a globalização facilitou que carros chegarem até aqui, então os trens não passam, mas aqui, o GPS acaba com o sinal no final dessa trilha, vamos segui. Continuamos seguindo e a trilha acabou em um túnel, olhamos um para o outro
e ele disse.

— O sinal do GPS acaba lá dentro.
Olhei para ele um pouco assustada e peguei meu celular ligando a lanterna que tem no dispositivo e começamos a entrar no túnel, no chão dele tinha muita lama, e assim que entramos vimos algum brilhando no chão, Oliver se aproximou do objeto e o pegou, era um pingente, eu lhe perguntei

— E do seu amigo?
— Não, e meu eu nunca tirei isso do pescoço como isso veio para aqui? Olhamos um para o outro sem intender nada e ele quebrou o silêncio dizendo — Guarda esse pigmente para mim?
— Claro! Respondi esticando a mão para pegar o pigmente eu o peguei e coloquei no bolso do meu casaco.
Continuamos andando quando escutamos um barulho de estranho bem agudo e forte, fiquei assustada e parei de andar Oliver ainda deu uns passos a frente quando percebei que eu não estava, mas o acompanhando ele voltou, pegou minha mão e disse.

— Fica calma qualquer coisa eu estou aqui e te proteger. Eu sorri e continuamos a caminhar. No final do túnel tinha uma casa muito antiga já estava caindo aos pedaços, e bem na saída do túnel havia um papel no chão, Oliver soltou minha mão e pegou o papel, podemos ver que na verdade era uma foto, que tinha 3 pessoas nelas Oliver virou para mim e disse.

— Essa e uma foto do meu amigo, de quando ele morava no orfanato, do lado direto tem a diretora do orfanato daquela época e do lado direto temos uma freira que cuidava das crianças. Reparei bem na foto e vi que a freira era bem parecida com minha madrasta e disse.

— Oliver essa freira se parece muito com minha madrasta, contudo minha madrasta não é freira ela e casada com meu pai, porém trabalha no orfanato cuidando das crianças Oliver olhou para mim e disse.

— Pode ser que seja só parecida mesmo, aqui é uma cidade pequena, não tem muita opção para trabalho talvez seja apenas coincidência. Ele aguardou a foto no bolso e apontou seu celular que iluminava o caminho para a casa abandonada, e disse.

— Vou entrar na casa e melhor você ficar aqui do lado de fora se eu demorar muito para parecer vai embora e chama ajuda. — Não, vinhemos aqui juntos e vamos ficar juntos! — Peguei sua mão e sai o puxando para mais perto da casa, quando chegamos lá tinha uma espécie
de alçapão com as portas escancaradas. Fomos nós aproximando da porta, o chão estava bem lamacento nossos pés estavam se afundando, chegamos na porta, Oliver lumiou para baixo e disse.

— Cuidado tem uns degraus aqui!
Descemos cuidadosamente e fomos para em um porão, lá tinha muitas ferramentas espalhadas por todos os cantos, fiquei com muito medo de ter mais alguém naquela casa, mas não quis deixar meu medo transparecer, Oliver parecia estar tão determinado e encontra seu amigo. Vi que em uns dos cantos tinha uma enorme mesa, com muitas ferramentas em cima, fui me aproximando dela e percebi que faças, martelos, cerrotes tudo tinha muito
sangue. Com a voz assustada falei — Oliver olha isso!
Ele se aproximou parecia com um semblante irritado e com medo e disse

— Que diabos e isso?
— Não sei talvez um lugar de tortura? Respondi.
— Sai lá para fora e liga para a polícia eu vou ficar aqui e vasculhar melhor esse portão, só vamos entrar para dentro da casa mesmo quando a polícia chegar.
Eu concordei e sai para fora. Liguei para a polícia e dei nossa localização, eles disseram para não mexermos em nada que logo estariam no local. Desliguei o telefone, a noite já estava virando dia, o sol que nascia já conseguia iluminar o lugar, pode ver que em redor de toda a casa só tinha lama. Fui chegando perto do alçapão para pode chamar o Oliver quando repararei que tinha algum atrás
de uma das portas, eu a fechei e pude ver perfeitamente dois sacos pretos que Tião lá, parecia cena de filme de terror, dava para ver perfeitamente que naqueles sacos tinha corpos, eu gritei.

— Oliver corre aqui!
Logo em seguida ele saiu de dentro do portão com uma cara muito assustado e me disse.
— Eu achei, uma coisa lá dentro que parecia ser uma geladeira quando abri vi tinha vários potes com partes de corpos humanos como rins, fígado, celebro, pulmão, coração, tinha até um bebe. Eu não sei o que é tudo isso. Você ligou para a polícia? Já está vindo?

— Oliver olha ali acho que tem corpos naqueles sacos. Ele olhou para os sacos foi se aprovando seu olhar entristeceu, parecia

já ter tempo que aqueles sacos estavam ali, pois tinha muita poeira, tanto nem preciso de Oliver abri os sacos ele só o vivou a parte debaixo o saco estava toda desgastada, acho que por ter arrastado ele até lá, Oliver ao vira o corpo começou a chora eu nem recise perguntar se aquele era realmente seu amigo a resposta estava estampada, eu dei um tapinha nas costas dele, não tinha o que ser dito naquele momento, eu foi até o outro saco para o virar, poderia também ser um conhecido dele, e quando virei, fiquei completamente em choque, sem esboçar nem um tipo
de ração se quer, Oliver foi se aproximando e quando viu o corpo, assim como eu, ficou perplexo, senti que ele encostou a mão em meu ombro, eu muito assustada afastei dele. Ele deu uns passos na minha direção, e eu gritei dizendo.

— Para, fica aí não se aproxima de mim
— Calma eu também não sei o que está acontecendo
— Oliver aquele ali e seu corpo, tem até as mesmas roupas que você.

Ele tentou novamente se aproximar de mim e eu sai correndo muito desesperada, passei pelo túnel chorando, em meu coração era uma mistura de medo, insegurança, incertezas. Estava tão amedrontada com tudo aquilo. Corri o mais rápido que pude e só parei quando cheguei em casa. Abri a porta correndo. E a fechei me deitei no chão e a pensar (se o Oliver tinha morrido então o menino com quem eu falei que me ajudou era um fantasma? mas eu pude o tocar.) as lágrimas vinham descendo, eu não tinha o controle. Fiquei assim durante um bom tempo.

Decidi me levantar estava cansada e com sede tinha corrido muito até chegar em casa, fui até a cozinha para beber água, no caminho ao passa pela sala eu comecei a preparar nos portas retratos que lá tinha, da minha madrasta
com meu pai, lembrei da foto que eu e o Oliver tínhamos encontrados no túnel, e pensei “será que não era minha madrasta naquela foto” desci ir até seu quarto eu bati na porta. Mas ela não falou nada então fui abrindo bem devagar a porta e ao abri vi que ela não estava lá. Fui entrando sorrateiramente, e observei que uma cima da sua penteadeira tinha umas fotos de vários meninos que ela costumava cuidar no orfanato, ela parecia gostar do seu trabalho, vi que a porta de seu guarda roupa estava aberta. Fui ando até lá e ao me aproximar vi que do
lado esquerdo do seu guarda roupa tinha uma roupa meio preta exprimida pelas demais roupas que ela tinha, eu puxei o cabide e vi que era uma roupa de freira
e pensei “então eu estava certa era ela que estava naquela foto com a dona do orfanato e o amigo de Oliver ela pode saber algum que ajude a aprontar quem e o culpado que os mataram” decidi ir até onde ela trabalha para pode lhe perguntar se ela sabia algum a respeito, contudo antes eu precisava esfriar um pouco a cabeça fui até o banheiro joguei um pouco de água e joguei no meu rosto, nem troquei de roupa, pois estava com pressa só foi até a cozinha arrumei um café e bebi, quando escutei o barulho alto de algum caindo no chão vindo do porão da casa, na cozinha tinha uma porta que dava para esse porão, me aproximei dela, e a abri vi o início das escadas que davam para baixo, só que lá estava bem escuro, a princípio fiquei com medo de entra lá, porém eu lembrei que assim como ela tinha escondido o fato de ter sido freira para meu pai e eu
ela poderia estar escondendo mais coisas, liguei a lanterna do meu celular e comecei a descer as escadas, o lugar estava muito empoeirado, ao ceder vi que
tinha um varal com várias roupas de Freitas penduradas bem do seu lado tinha inúmeras fotos de crianças grudadas na parede. Olhei para o lado direito e vi que tinha uma enorme mesa me aproximei dela gradualmente e vi que em cima dela havia várias facas, machados, martelos, serrotes de tamanhos e formatos variados, estavam bem empoeirados, e com teias de aranha, tinha cara de que fazia tempo que ninguém vinha naquele porão, reparei que tinha algum na parede que tinha atrás da mesa quando comecei a iluminar para ver o que era, senti uma pancada muito forte na minha cabeça e desmaiei. Um tempo depois eu acordei em um lugar estranho onde nunca tinha estado antes, era bem frio tinha gelo por toda parte, eu sentia dores de cabeça
e meio tonta e tentava recobrar a consciência, fiquei um tempo assim, quando recobrei a consciência me dei conta que eu estava em um freezer meus pés e braços estavam acorrentados, sentia muito frio e um pouco de dor na minha nuca.

Tinha vários sacos pretos, parecia ter corpos dentro, estava muito apavorada, quando escutei alguém abrindo a porta do freezer, entro uma mulher
velha com veste de feira, com minha blusa de frio em suas mãos, demorei um tempo para percebe que era a mulher que a dona do orfanato que aparecia na foto que o Olivier havia encontrado no túnel, eu me encolhi toda estava com muito medo. Ela se aproximou de mim e perguntou quantos anos eu tinha, eu não disse nada e ela me deu um chute muito forte na minha barriga senti uma dor terrível e uma falta de ar, tive que responder se não ela poderia me dá outro chute. Respondi bem ofegante com a mão na barriga.

Ela pegou minha jaqueta e a sacudido e de lá caio o pingente de Oliver, ela pegou o pingente e me perguntou.

— Esse pingente estava em umas das pessoas que matamos como você o tem?
— Eu encontrei jogado no túnel
Eu senti um soco muito forte quer ela me deu no rosto, o gosto de sangue tomo conta da minha boca.
— Mentira quando colocamos o corpo no saco para joga fora ele ainda estava com o pingente, fala verdade.
Eu cuspi o sangue que estava na minha boca e falei
— Eu estou dizendo a verdade.

Vi que ela se enfureceu com a minha reposta e tirou de sua cintura um pequeno punhal, ela se abaixou, pegou meu rosto
— Me diz a verdade onde você o conseguiu?
— Eu e Oliver fomos procurar seu amigo que estava desaparecido, enquanto estávamos no túnel Oliver acho esse pingente e me deu. Ela sorri socraticamente e disse.
— Mentira matamos Oliver e seu amigo já tem mais de uma semana quando ela dizia isso ela enfiou seu punha-o na minha barriga, eu senti uma enorme dor e ainda com o punha-o dentro de mim ela perguntou novamente

— Fala a verdade se não você vai morrer aqui.
Nesse exato momento a porta do freezer se abril bruscamente, tanto eu quanto ela olhamos e vimos que pela porta entrava o Oliver a mulher tirou o punhal da minha barriga, o que me fez sentir, mas do ainda e apontou para ele, ele olhou para ela e disse.
— Você já me mantou uma vez não pode fazer isso de novo, sai

de perto dela.

Eu aproveitei que ela estava distraída e levantei lentamente com dificuldade e com a mão ainda na barriga, avancei na sua mão e peguei o punhal sem pensar suas vezes assim que ela se vivou para mim eu o enfiei na sua garganta ela cambaleou levou as duas mãos no pescoço onde eu tinha enfiado a adaga e caio no chão.

— Eu olhei para ela com um olhar de ódio, mas não por ela ter me machucado, mas sim por ela ter matado o Oliver e lágrimas de satisfação corriam pelo meu rosto, Oliver de aproximou de mim. Tirou minha mão que
cobria o machucado na minha barriga e perguntou.

— Você está bem?
Eu olhei para ele e o abracei muito forte e disse
— Desculpa por ter saído correndo e te deixando sozinho aquele dia eu estava muito assustada. Ele acariciando meu cabelo disse.
— Está tudo bem, eu teria feito o mesmo se eu descobrisse que a pessoa com quem estou conversando na verde estivesse morta, mas vamos te tirar aqui
você precisa de um médio.
Ele olhou em volta procurando a chave que pudesse me livrar das correntes, mas não a acho, ele foi até o cadáver da freira e vasculhou seus bolsos e acho algumas chaves ele testou uma por uma até achar a certa, e eu consegui me livrar das correntes, eu me apoiei nele de devagar andávamos para a saída do freezer, quando chegamos na porta eu vi outra pessoa vestida de freira com uma faca na mão cortando algum em cima de uma enorme mesa que tinha bem no meio daquela sala, Oliver fez cara de espetando e falou baixinho.

— Quando passe aqui não tinha nada.
Nesse instante a feira de virou e eu vi que ela, na verdade minha madrasta e que na mesa tinha o corpo do meu pai.
Estava tão perplexa com que eu vi que cai no chão, e comecei a chora, ela parou de fazer o que estava fazendo e veio para cima de mim, Oliver se pôs na minha frente e falou.

— Se afasta dela!
Ele agarrou a mão dela e ambos começaram e meio de lutar, Oliver queria a desamar, ele conseguiu dar um soco nela que a fez soltar a faca ambos caíram no chão, e ela tentava enforcar ele, apesar de estar com medo e perplexa eu tinha um grande ódio no meu coração, corri até a faca a peguei e enfiei nas costas ela, ela imediatamente largou o Oliver e se afastou, caio no chão e foi se arrastando para um canto do cômodo, eu cai de joelhos no chão Oliver se
aproximou de mim e me abraçou e disse.

— E melhor você não olhar o que tem em cima da mesa
— Oliver o homem que está lá e meu pai
Senti que ele me deu um abraço, mas apertado e começou a falar.
— Essas duas mulheres fazem parte de uma máfia que tirão órgão das pessoas para vender, a anos elas fazem isso e só começaram a trabalhar no orfanato para poder fazer isso com as crianças que tinham lá, como era sem
pais, ninguém sentia falta ou notava o sumiço, meu amigo começou a reparar que muitos de seus amigos estavam sumindo, e quando ele perguntava para elas onde eles tinham ido, elas falavam que eles teriam sido adotados, quando ele ficou maior de idade e pode sair do orfanato, ele começou a investigar, eu estava o ajudando por isso fomos vítimas dela, elas nos mataram para nós calar,
provavelmente seu pai deve ter desconfiado dela e por isso acabou morrendo também.

Eu não conseguia parar de chora sentia muita dor, e estava indignada, Oliver me ajudou a levantar, tampou meus olhos com suas mão e saímos daquele de lá, aquele local era o porão do orfanato saímos de lá como era de
noite todas as crianças de moravam provavelmente estavam dormindo, fomos andando até a varanda do orfanato lá Oliver me colocou sentada em um banco
que tinha e disse eu vou chamar ajuda para você fica aqui, assim que ele deu as cotas para mim eu peguei sua mão e disse

— Não vai, não quero ficar sozinha.
ele se virou para mim e gentilmente disse
— Calma, eu preciso chamar ajuda para você, só vou até à recepção lá tem um telefone vou ligar para a ambulância. Eu o soltei e ele saio correndo. Depois de um tempo ele voltou, ficou de frente para mim, eu estava com a mão na barriga onde estava machucada e esboçada uma cara de dor e inquietude, ele pegou minha mão e locou nela seu pingente e a fechou. Eu olhei para e ele perguntei.

— Você está indo embora? Por isso está me dando seu pingente?
Ele seriamente me olhou e falou!
— Eu não existo, mas no seu plano, não sei o que estou fazendo aqui, talvez porque eu precisasse termina o que eu tinha começando, ou para te ajudar.

Ele se levantou se estou do meu lado, pegou minha mão eu encostei a cabeça no seu ombro e disse, — obrigada por ter me ajudado não sei onde eu poderia estar se
tivesse morando até hoje na mesma casa que aquela assassina, pensando bem da noite para o dia minha vida se tornou uma completa bagunça, descobri que minha madrasta era uma psicopata que matou meu pai e tentou me matar, além disso, também virei uma assassina matando duas pessoas e ainda descobri que
a única pessoa que me ajudou durante esse tempo todo, na verdade está morta.

Ele sorriu e disse.
— Queria poder ter te conhecido antes teríamos dado certo.

Depois de ouvir isso eu senti uma enorme paz invadindo meu peito e acabei desmaiando, quando acordei estava no hospital. Logo em seguida o médico apareceu perguntando se eu estava bem e se conseguia falar, ou se estava sentindo dor. Eu bem fraca consegui dizer sim.
Penso que por conta de sedativos eu ainda estava fora de si, sentia muito sono e não conseguia me levantar, acabei adormecendo. Um tempo depois que acordei me dei conta de tudo o que tinha se passado policiais vinheiras até o hospital pegando meu depoimento. Depois foi libera e sai do hospital fui direto por enterro do meu pai, era um dia nublado e como já era de se esperar estava chovendo muito. Não tinha muita gente no cemitério meu pai não era de muitos amigos. Depois de o enterrar todos foram embora e só eu fiquei lá, ainda tentava intender tudo aquilo que havia se passado na minha vida. Não sei quanto tempo tinha se passado, fiquei um bom tempo sobre a chuva, quando vi que mais uma família tinha chegado no cemitério, pessoas passaram segurando um caixão e logo em

seguida muitas pessoas passaram atrás chorando. Por último avistei passando um homem de preto com uma enorme coroa de flores e bem no meio dela tinha uma foto, de imediato já reconheci o menino daquela foto, era Oliver, não pude me conter em ir atrás, meu coração se entristeceu ainda mais. Gostaria que aquilo tudo ainda fosse apenas um pesadelo do qual eu iria acordar, mas cada vez tudo ia se tornando, mas real, e eu me via perdida e sozinha. Acompanhei o enterro dele, e vi um por uma das pessoas indo embora, o dia virou noite, a chuva não parou, quando me dei conta só tinha eu lá perto do túmulo de Oliver, todos já tinha ido embora. Me aproxime e me sentei do lado e de seu túmulo comecei a falar.

— Nunca pensei que o final e toda essa história maluca fosse acabar assim, comigo em cima de um tumulo de um menino morto que em ajudou. Eu não sei muita coisa sobre você, mas pelo pouco tempo que passamos juntos percebei que você era uma pessoa legal que morreu injustamente, tentando fazer justiça, não sei se o que passamos foram apenas alucinações vindo da minha cabeça, mais sinto sua falta. Nem sei como posso te agradecer.

Abaixei a cabeça e comecei a chorar, um grande vazio tomava conta de mim, havia perdido meu pai e um grande amigo que eu mal tinha acabado de conhecer, quando senti que a chuva que caia sobre mim, não me tocava mais, levou um tempo até que eu percebesse que a chuva não tinha acabado, ela apenas não estava me tocando mais, senti alguém se abaixando e ficando bem próximo a mim e uma voz suave falou!

— Não é bom para uma moça fica pegando chuva o dia todo e ficar até tão tarde da noite chorando em um cemitério, ainda mais em cima do meu tumulo. Eu imediatamente levante a cabeça e lá estava Oliver com um lindo sorriso segurando um guarda-chuva, olhei para ele e disse.

— Deveria estar feliz em ver você, mas não sei, mas o que você é, talvez seja apena tudo fruto da minha imaginação. — Talvez eu exista apenas na sua cabeça, mas talvez não, também não sei o que acontece comigo, mas tem algum que me prende a você. Ele se sentou do meu lado e me abraçou, era tudo tão real na minha cabeça, eu já não sabia mais separar aquilo que era real daquilo que não era. Oliver depois que me abraçar por um tempo disse — Vamos para sua casa já esta tarde você pegou chuva durante todo o dia.
Eu concordei e fomos, ao entra na minha casa senti uma grande tristeza, como Oliver estava do meu lado pude encarar tudo aquilo com algum tipo de leveza, fomos para meu quarto, Oliver perguntou onde ficava as toalhas eu me sentei na cama e apontei para uma gaveta, ele foi ate a gaveta e a abril pegou algumas toalhas e ao fechar a gaveta vi que ele olhava fixamente para uma foto
de um homem que eu tinha, chamei pelo nome de Oliver mas ele pareceu não ouvir continuava encarando aquela foto fixamente, eu me levantei e fui até ele e o perguntei
— O que foi?
— Você conhece esse homem que está nessa foto? - Ele me perguntou sem olhar para mim.

— Não cheguei a conhecer ele pessoalmente, mas ele foi meu salvador, a alguns anos tive problemas sérios os olhos, eu não via praticamente nada, ele foi meu doador de córnea e assim depois desse ato pode voltar a ver normalmente, mas por está perguntando? Oliver me respondeu ainda sem olhar para a mim, olhando apenas para foto.

— Esse era meu pai.

Depois ele se virou para mim e olhou fixamente para meus olhos, ele ficou um tempo assim ate que quebrou o silêncio dizendo— Meu pai sempre me dizia que eu era tudo em seu mundo e que enquanto ele pudesse me ver ele sempre me encontraria não importasse onde e que eu fosse, porem ele morreu um tempo depois. — Talvez seja por isso que eu consiga te ver?

— A milagres e mistério que não podemos explicar, Oliver me abraçou e disse que sempre estaria do meu lado mesmo eu um dia eu não o pudesse, mas o ver. Enquanto nos abraçávamos escutávamos um grande barulho, nós olhamos assustados e eu quebrei silêncio dizendo — Esse barulho está vindo do porão que fica abaixo da cozinha. Oliver foi até a porta do meu quarto deu uma olhada para fora e perguntou

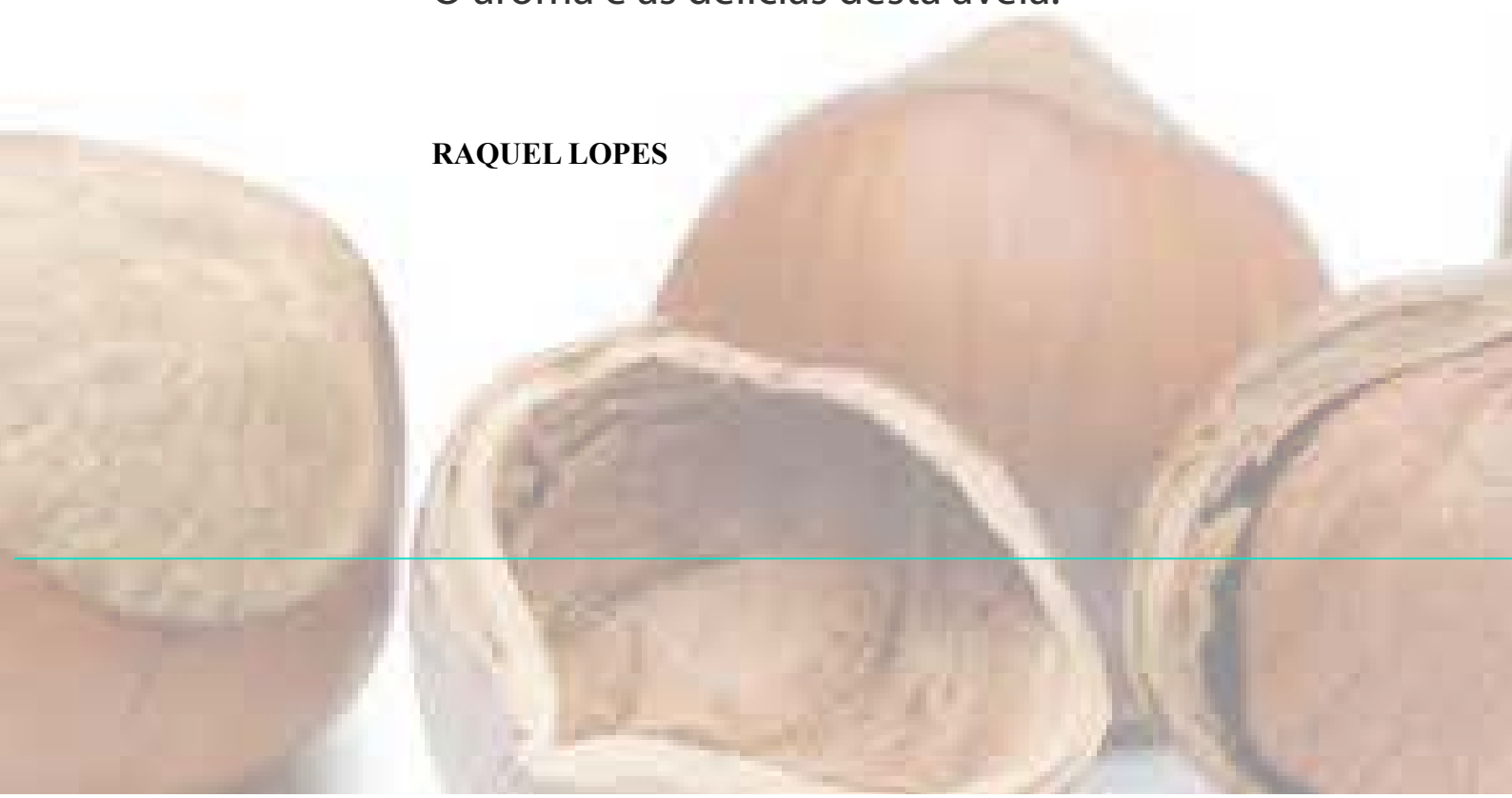
— Quando você saio do hospital os policiais foram te ver eles falaram se encontraram o corpo da sua madrasta? Teve um minuto de silêncio eu tentava puxar na minha memória se os polícias tinhas falando isso, como eu sai do hospital muito abalada nem me dei conta de perguntar para eles. Olhei assustada para Oliver que já entendeu o que meu olhar de espanto quis dizer nesse exato momento ouve um apagão e não podemos, mas ver nada. '' Nesse mundo tudo o que conseguimos ver podemos assim o considerar ser real?''

Renata de Jesus

Lágrimas de avelã

Queria enxugar tuas lágrimas
Doce moreno de cor avelã
Quem te machucou desse jeito?
E te fez chorar querendo saber teu segredo
Olhar seguro tens amanhã
Na única luz que podes ver
Há lágrimas
Através do tecido verde cinza a esconder
Misteriosa tristeza
Teu choro eu vejo e sinto.
O aroma e as delícias desta avelã.

RAQUEL LOPES





Mini biografia

Raquel Lopes, pernambucana, poetisa, escritora, é estudante de Língua Portuguesa, pianista, amante das Artes e autodidata pela Escola da Vida.

É membro da UBE, participou de várias antologias e concursos de poesia.

Tem livros de poesia publicados no site Amazon e Clube de Autores.

Email: raquelpoeta@outlook.com

Vamos falar de Racismo? Uma visão de Adolescente.

Ludmylla Canarski, 16 anos, 3º Ano do Ensino Médio, Alfa Rede de Ensino.



Esse artigo tem como objetivo refletir a respeito do racismo existente em nosso País, porém esse fato se apresenta de forma velada, pois ainda que seja negado, ao decorrer deste estudo estaremos mostrando que as desigualdades decorrentes da cor da pele são dados reais, comprovados em fatos do dia a dia.

Para entender o racismo, é necessário o conhecimento do que aconteceu antigamente com os negros, para assim podermos entender o que acontece atualmente.

"Infelizmente, a história da escravidão é contada por pessoas brancas" -
LAURENTINO GOMES, autor do livro 'Escravidão'.

No contexto histórico da humanidade os negros são colocados em condições desumanas, em que muitos saíram de seu pais de origem, como a África e foram trazidos à força por brancos, para o Brasil em **navios negreiros**, onde o próprio nome já diz. Os BRANCOS se achavam uma raça superior, sendo assim escravizavam os negros. A raça foi uma criação branca para facilitar e justificar a dominação, usando os negros como objetos.

As origens da decadência no Brasil, começaram em 1850, as próprias leis contribuíram para esse colapso. Em 1850, foi criada a **Lei Eusébio de Queirós (Lei nº 581)**, seu intuito era acabar com o tráfico de escravos. Em 1871, foi criada a **Lei do Ventre Livre (Lei nº 2.040)**, que concedia liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data. Em 1885, foi criada a **Lei dos Sexagenários (Lei nº 3.270)**, a qual previa liberdade aos escravos com mais de 60 anos. Apenas em 1888, foi criada a lei de libertação dos escravos, a **Lei Áurea (Lei nº 3.353)**. Com essa linha do tempo, podemos ver que nossa sociedade além de racista também é escravocrata.

"Foi um massacre, **uma tragédia humanitária** de grandes proporções. Agora, tenho dúvida se seria possível pagar essa dívida. Hoje, na África, há uma elite que é herdeira militar beneficiada pelo tráfico de escravos, aliado aos europeus. O rei Ashanti, em Gana, era fornecedor de cativos para ingleses e holandeses. Quem vai indenizar quem?"
- LAURENTINO GOMES, autor do livro 'Escravião'.

Muitas pessoas acreditam que o racismo reverso/inverso existe, ou melhor, o "racismo" de pessoas negras com pessoas brancas, mas se analisarmos todo o contexto por trás disso, algum branco realmente sofreu racismo? Logo, vale ressaltar que pode acontecer o PRECONCEITO com brancos, mas não, racismo.

Existe uma diferença entre racismo e injúria racial, o primeiro está relacionado a uma opressão histórica que pessoas negras estão envolvidas. Já a injúria racial é uma ofensa direcionada a alguém baseando-se na sua raça.

Mas, o que é racismo? O racismo consiste na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos. No Brasil, essa palavra ganhou forma e cor com a chegada de cerca de 5 milhões de africanos, traficados pelos portugueses entre os séculos 16 e 19.

Em 1988, nasce nossa atual constituição, foram necessários 488 anos para o fim da escravidão. O **racismo** representa **80%** das causas de morte dos negros. A 30 anos atrás foi criada a **Lei de nº 7.716/89**, que define os crimes de racismo.

Em pleno século XXI, a cada 23 minutos morre um jovem negro, principalmente em periferias, onde os moradores são "pretos e pobres", sim, uma sociedade RACISTA. O que ocorre nas favelas, é genocídio, um lugar onde tem mais morador do que bandido, há pessoas que não tem condições financeiras para morar em um lugar mais estável, e nessas favelas ocorre muitos atos abusivos de policias contra os moradores.

Não vemos a maioria dos brancos sofrerem, aliás eles são favorecidos a muito tempo, discriminando a raça negra. Não vemos em reportagens e nem em mídias, policias matando homens brancos por serem brancos, mas vemos pretos morrendo por serem pretos.

"Meu filho morreu por ser preto" - Débora Silva Maria, em Mães de Maio.

A mídia recentemente nos trouxe muitos casos onde negros inocentes morreram por operações policias. Cito aqui alguns deles:

1) **MARCOS VINICIUS DA SILVA – 20/06/2018**
   Um adolescente, Marcos Vinicius da Silva de 14 anos, foi morto após ser baleado por policias, durante uma operação no Complexo da Maré. Segundo depoimentos, o garoto estava indo para a escola, uniformizado.

"Quando eu cheguei na UPA, ele ainda estava com vida e me disse: 'Mãe, tomei um tiro'. Eu falei pra ele: 'Não fala, fica calado'. Ele respondeu: 'Eu sei quem atirou em mim, eu vi. Foi o blindado, ele não me viu com a roupa de escola'. Aí eu falei: 'Fica calado pra você ganhar fôlego e não te prejudicar'. Foi quando ele começou a gemer", disse a mãe.

2) **KAUAN PEIXOTO – 16/03/2019**
   Um adolescente, foi baleado durante uma operação da PM na comunidade da Chatuba. O adolescente tinha saído de casa para comprar lanche.

"Foi uma situação horrível. Fui para o hospital porque me disseram que foi bala perdida, mas quando chego lá, vejo que meu filho levou três tiros. Bala perdida era para ser um tiro só — desabafa Luciana Pimenta, mãe de Kauan."

"Eu não vou correr, não sou bandido" - disse Kauan, antes de ser baleado por 3 tiros.

3) **EVALDO DOS SANTOS ROSA – 07/04/2019**
   Um homem de 51 anos, foi morto pelo exército do RJ, após "confundirem" seu carro com o de assaltantes, foi disparado 80 tiros contra o carro de Evaldo, onde o mesmo estava com a sua família indo para um chá de bebê.

"Eu não vi onde foi o tiro, mas eu acho que foi nas costas. Só que a gente pensou que ele tinha desmaiado no volante (...) A gente saiu do carro, eu corri com a criança e ela também. A gente saiu do carro, e mesmo assim eles continuaram atirando ", disse a amiga, por telefone, à TV Globo.

4) **AGÁTA VITÓRIA SALES FÉLIX – 20/09/2019**
   Uma criança de 8 anos, foi baleada no Complexo do Alemão enquanto voltava para casa com a mãe, dentro de uma Kombi.

"Foi só um único tiro. A moto passou, os policiais desconfiaram da moto, atiraram em cima da moto e acertaram na Kombi onde estava a minha sobrinha", afirmou Danilo Félix, tio da menina.

5) **JOÃO PEDRO MATTOS PINTO – 05/06/2020**
   Um adolescente de 14 anos, foi morto dentro de sua casa em uma operação policial no Complexo do Salgueiro, onde os policiais levaram o garoto de helicóptero ainda com vida mas horas após o garoto faleceu.

"Eu vejo com bons olhos, pra que isso não aconteça mais com outras crianças, como aconteceu com nossos filhos (...) Que sirva de lição pra que isso não aconteça mais, e que daqui pra frente, não só durante a pandemia, eles possam rever as operações da policia nas comunidades", disse Rafaela Mattos, mãe de João Pedro.

Em todos os casos citados acima, podemos perceber que não há nenhum remorso da parte dos policias ao matarem pessoas negras e causarem dor as famílias, sem nenhum motivo válido. Como explicar que 80 tiros foram engano? Nada explica isso além do racismo.
Como vamos explicar para uma criança que os homens que deram os 80 tiros que mataram o seu pai, são pessoas do bem? Como explicar que a segurança da medo?

Nenhum dos acontecimentos acima aconteceu com pessoas brancas, é esse o ponto em que devemos chegar, um branco não sofre como um negro. Até hoje, nenhum branco levou 80 tiros por engano.

O racismo não é um ato presente só no Brasil, recentemente nos EUA, ocorreu um caso com um homem negro, George Floyd, onde um policial branco o sufocou até a morte, e qual seria o motivo? Não tem uma justificada além de pura discriminação. Esse caso foi uma grande iniciativa para o inicio do movimento ***"Black lives matter"***, em tradução livre: "vidas negras importam".
Na maioria dos casos, os policias que cometem esses crimes são absolvidos, pois para a maioria dos governantes e muitas pessoas na sociedade, vidas negras não tem importância. É muito deprimente pensar que no nosso mundo moderno, ainda existem pessoas assim. Apenas as pessoas negras carregam a dor do passado na pele, apenas as pessoas negras sabem o sofrimento e o medo de cada dia, o que não é compreensível por qualquer um. Podemos dizer que, suportar é a lei da raça negra.

O racismo é muito mais presente nas vidas negras, pois existem grupos de ódio contra negros, assim como ***KKK*** (Klu Klux Klan), que é uma organização terrorista formada por brancos supremacistas com o objetivo de perseguir e assassinar negros. O que mais intriga é saber que realmente existem pessoas que dissipam tanto ódio por uma raça.

"Todo mundo sabe que existe, mas ninguém sabe que é racista." – diz, a filósofa Djamila Ribeiro.

O Brasil é um País racista, uma pesquisa publicada em 2011 indica que 67,3% dos brasileiros consideram que a raça interfere na qualidade de vida dos cidadãos. As cotas em universidades, baseadas na **Lei 12.711/2012,** não foram criadas atoa, assim como todo movimento é importante. **Negros são 132% mais mortos que brancos** no Brasil e aumenta em 2,6% a chances de uma pessoa morrer se ela for negra.

O preconceito racial está muito presente nos dias atuais, mas a verdade é que somos todos iguais independente da nossa cor, etnia, religião e classe social. As pessoas deveriam ter mais empatia e o respeito com o próximo. O debate e a luta sobre o racismo é necessário para uma sociedade justa e igualitária.

FONTES DE PESQUISA:

https://innovarepesquisa.com.br/blog/infografico-o-reflexo-racismo-brasil/gauchazh.clicrbs.com.br

https://www.geledes.org.br/lei-7-71689-lei-cao-25-anos-combate-ao-racismo

https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/racismo.htm

https://www.brasildefato.com.br/2020/06/02/fascismo-e-racismo-duas-faces-do-mesmo-odio

https://www.todamateria.com.br/racismo/

https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/categoria/0-todas/3-

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/_Lei-principal.htm

http://www.g1.globo.com

https://brasil.elpais.com/noticias/racismo/

https://www.jusbrasil.com.br/topicos/26413445/racismo

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/19/politica/1574203693_074968.html

https://respeitarepreciso.org.br/cadernos-respeitar/diversidade-e-discriminacao

https://innovarepesquisa.com.br/blog/infografico-o-reflexo-racismo-brasil/

3 CONTOS

Como quem guarda uma cidadela

Fiz o bolo preferido dele, chocolate com recheio de chantilly. Todo ano eu faço seu bolo. Meu bebê. Que Deus cuide de você, meu anjinho!

Acordei cedo pra limpar o quarto dele. Avisei à dona Eurásia que não trabalharia; ela, cada vez mais velhinha e dependente, me pareceu entristecida ao telefone, mas entendeu. Sempre entende, desde o primeiro ano. Troquei a roupa de cama, passei pano no chão. Peguei pra lavar o velho boné da Porto da Pedra, onde ele era ritmista. Não era muito do samba, mas dizia que participava em memória do pai, um dos fundadores da escola, com quem só conviveu até os sete anos, que a cachaça o levou.

Hoje é o Dia Onze de Agosto, o principal dia da vida, o principal dia desse mundo morno. O dia do meu meninão. São oito anos que choro este dia, comemoro, me esparramo por dentro. Há oito anos que meu único filho, Godrigo, saiu de casa para se divertir. Iria a um baile funk, uma desgraça de baile funk, mas ele gostava. O baile era do outro lado da Baía, na Vila Kennedy. Tanto baile aqui nos bairros de São Gonçalo, na Covanca, no Salgueiro... Foi sozinho, que meu menino era assim, tinha seus defeitos, mas não era de andar de patota.

Todos os anos, em janeiro e setembro, vou até a 34ª Delegacia Policial, em Bangu. Nunca há informações sobre o caso; mas não desisto, sou mãe, sou a persistência. Um dia o caso se esclarecerá... Ser mãe é não ter opção.

Na delegacia os policiais mudam, mas não o destrato. Devem aprender na academia, se é que isso existe. Ou desaparecidos há muitos, e eles já não se importam. Quem sabe é a velha norma pátria, a reação à cor de nossas peles, que define a saudação, seja sorriso, seja disparo, que se colhe?

Nos olhares arredios, de desinteressados a cínicos, percebo que querem, anseiam por dizer, ainda que num jato de vômito: “Seu filho está morto, dona. Pare de nos aporrinhar”. Mas não dizem. E que diferença faria? Sem corpo não há evidências, e eu mantenho minha esperança como quem zela pela própria honra, como quem guarda uma cidadela.

Quando faço café pela manhã, oito anos, meu Deus!, ainda me pego distraída, colocando pó suficiente para dois cafés. Um dia talvez ele entrará por aquela porta, e poderá estar sujo, fedido, esfarrapado; pode vir sozinho ou já com uma família, com um neto. Eu vou esperar. Um dia depois do outro.

Num sábado em maio, na véspera do Dia das Mães, fui a uma reunião de mães de desaparecidos. Lá ganhei um livrete de informações sobre a Ong que promovia o encontro, e no livrinho havia muitas frases sobre o que é ser mãe. Muitas delas tão bonitas que cheguei a decorar, e vou bordar num pano de prato para deixar na cozinha.

Em meio a tantas frases bonitas, uma ali me perturbou. Achei triste, mas depois entendi, alguma coisa em mim entendeu. E aquilo foi estranho, aquela frase me deu força, me amamentou. A frase é de uma pessoa chamada Maeterlink, não sei se homem ou mulher pois dela nunca ouvi falar: “As mulheres jamais se cansam de ser mães: embalariam até a Morte, se ela viesse dormir em seus joelhos.”

É difícil de entender. E ao mesmo tempo é isso.

Com o tempo uma mãe sozinha como eu, “viúva de pai e filho”, a quem o mundo lá fora tanto fez para apequenar, sem perceber vai ficando tão maior que a morte que quando dá por si já não a teme; vai cabendo nela que a morte não pode lhe arrancar o estado de mãe. Mesmo doído, o coração se agiganta, passa por sobre a morte e suas aparências como um trator.

Vivo ou morto, meu filho é eterno. Tudo se resume a uma medida de distância.

Uma mãe é tão maior que a morte que chego a sentir verdadeira piedade dos que não me entendem, dos que meneiam a cabeça quando me veem passar; sinto mesmo uma profunda pena desses que sentem essa tão rasa pena de mim.

Sahhir, o Perscrutador, encontra-se com Deus

Mercadejando metais e breves víveres nas plagas da Mesopotâmia, umbigo-que-não-cicatriza do mundo, gastava-se o árabe criado por judeus, órfão agregado a rebeldes, Sahhir.

Ironicamente referido como O Devorador de Papiros ou O Perscrutador pelo rude populacho dos mercados a quem servia, em certa e ditosa feita, enveredando sozinho entre o deserto de Syn e a gloriosa Madinat as-Salam, dita Bagdá (Bag, "deus", e dād, "dado"; "dado-por-Deus", no persa médio, sexta das línguas de Sahhir), encontrou-se o curioso mercante com o Anjo do Senhor.

Prostrando-se em terra, clamou por seus pecados.

- Que desejas, pequeno barro, semelhança do Altíssimo?

Sahhir, locupletado de luz e horror, não confabulou curas ou joias, palácios ou patentes:

- Sou pó e do pó lhe adoro, Deus de meus benfeitores, e sei que morrerei por lhe contemplar. Sabes bem, ó Onisciente, que desejo, com humildade, saber e apenas saber. Conte-me, rogo, como e para quê fizeste o Universo.

- Tais questões fogem à capacidade que lhe dei, ó enxertado, como o voar está distante de Beemoth-a-baleia. No entanto, naquilo para o que a engendrei, vês como é deveras insuperável e poderosa?

- Sei bem que não poderei entender, Senhor; a mim me basta o ser maravilhado.

A segunda vida de Gregor Samsa

Não posso ver: tudo é sensação, para além ou de antes do visual, transcendência táctil: energias?

Não me lembro completamente quem sou. Lembro trechos. Pedaços de rostos, cadeias de palavras que já não entendo e são música boa ou ruim.

Estou nalguns braços. Alguém me move. Energias fluem, posso senti-las quase como odores. Atravessamos linhas de campos magnéticos. É magnífica este novo sentido, este meu único multisentido, seu caudal de silenciosa epifania.

Lembro-me de destruir o jardim. Apanhei o taco e destruí as roseiras de alguém que não me lembro, alguém muito importante, alguém que importava. Destruí todas aquelas plantas de nomes débeis e frescos que não sei, aqueles nomes inúteis que sempre mantive aquém de mim.

Espalhei as terras, derribei as pequenas contenções, como meios-fios, que delimitavam aquele infernino verde. Estranho como disso me lembro bem. Cada movimento acertado.

Parei de ser movimentado: sinto o vento, quentura. Ela é como uma canção. Suas ondas borrifam o que quer que sejam meus receptores, me deitam num torpor adocicado. Sou feliz.

A pulsação que me movimentou aproxima-se, sinto seu avanço pelas linhas do campo magnético, ela

deita água em meu pés. Não posso movê-los, nem tento: não anseio o movimento, anseio os movimentos que me vêm: flutuações do campo, comunicações que ainda não decodifico – mas o farei – a viscosidade do calor solar que banha-me, e este furor, esta fome consumindo meus pés: este fausto manjar de águas. Água. Água. Como nunca percebi? Como ela pode ser tão doce, e ter me passado incógnita, obscurecida? Para cada nova sensação faltam-me as palavras, conceitos de perfeito encaixe, mas tal abismo se avoluma ao toque da água. Fruição, tepidez... uma quase promiscuidade, coquetel de psicotrópicos conflitando e equalizando-se, a um só tempo, em meu corpo possuído. Agora percebo que o céu é feito de água, e para ela e para a luz é o meu desejo.

Os campos magnéticos ondulam. O sol cintila. Meus pés alimentam-me. Dormi furioso ontem, não falei com Maria (agora me aflora tal nome), mal lavei as mãos sujas de terra, rolei como um diabo antes de conciliar o sono. Acordei dentro da paz.

Sou planta.

---

3 POEMAS

Retorno ao Rio Anaia

No fundo do meu quintal corre um rio

Que desliza escorreito com voz de sibila

Onde vejo passar o destino circular dos homens

O tempo longo, médio e curto de Braudel

As eras geológicas, as flores do cambriano

Grandes do tamanho de minha casa

Os ciclos menstruais da vizinha feia,

suas explosões e paz ou os silêncios de sua

fúria

No fundo de meu coração corre um rio

A passos lentos, vejo passarem formas

Frágeis, Heráclitos sorumbáticos

E revelações inconclusas sobre as quais

Tento o salto transcendental - mas não

Consigo sair de mim, deslogar

Pois não possuo o Tempo que tudo

Revela e (de)compõe: outrossim,
sou do Tempo uma posse, um Heráclito
(Vejo passar os livros que Borges
Não escreveu, livros que gosto de imaginar
Quando quedo triste olhando o rio
E que de toda forma jazem escritos
Em algum lugar de Deus)

No fundo da íris de Deus corre um rio
Intransponível, de sufocante caudal
Do qual este poema, as flores cambrianas
Extintas do tamanho de casas e os homens
Algemados à sua liberdade circular
De probabilidades previstas e os livros
Que Borges iria escrever mas morreu e
Que jazem escritos em algum outro lugar de Deus
(pois dentro de Deus as coisas transitam,
Irrequietas ricocheteiam livres do Tempo circular)
E o Universo holográfico platônico celebrante e
Pânico são espelhos,
Reles espelhos deslizantes.

Retorno à praia de Itaipu ou ao monte Meru

Os desertos enganam,
Mas só no mar está
A paz que nada interrompe

A fluição que vocifera
Em ritmados uivos, silvos
Laivos
Da noite primordial.

Do caos fundamental
Transemerge o mar:
Torre deitada em seu abraço de encastelar.

Kraken, Caribde, meu tio Geraldo Xereta
Ausências que a praia transtraz, à maneira
De Rosa, Guimarães,
Conchas desfeitas,
Calcário sobre crostas oceânicas de basalto
Infância de meus sobrinhos,
Após a minha
E Abraão e Caim e Adão

O planeta feito de água de seres
Feitos de água
Esgoelando-se por solidez.

Cada homem é a coleção de seus processos

Daquele pico
Pode-se esculpir as estrelas
E que são os aglomerados de galáxias,
Senão matéria escura desbastada
Até adquirir forma?
Células-tronco primeiras
De Jeová, esculpidas pelo sopro
Do Espírito que tudo navega?

Venha poder palraz,
Derrube Meru no oceano,
Dissolva os entes e seus ícones
Na recriação.

Dutum Drama

O frêmito que as águas refletem,
O cruduro de verbalizar

A escuridão que cai
De um cosmo embaciado

Estacas no coração do efêmero,
Tateando fixá-lo
Estacas de inenarrabilidade
Cronoparasitária

Filosofemas quebrados
Construções de sentido

Des com gra ça das

Dédalos no bornal, capitais simbólicos
De Bordieu,

O *zeitgeist* me obsedia, eu sou (a) fala dum possesso
Ando pelas ruas multitudinárias em busca de iluminação,
Um fio, um *insight*, chego a fechar os olhos
Mas fecho os olhos para nada

Sammis Reachers

O CENTRO DA ESPIRAL

Tchello d'Barros

Aqui e agora tudo o que você tem é esse caminho a sua frente, este rumo incerto, este corredor que é apenas uma de tantas vielas circulares que formam essa espiral toda constituída de letras, essa estreitas vielas ladeadas por muros feitos de letrinhas empilhadas, como gemas esculpidas, pedras preciosas de todo tipo e cores, sempre na forma desses pequenos símbolos alfabéticos, umas por cima das outras, incontáveis. Sentindo um pouco de tontura, você caminha a esmo por esse corredor ladeado de ambos os lados por uma imensidão de cintilantes caracteres sobrepostos. Ergue a cabeça por cima de um desses empilhamentos e percebe que a espiral é enorme, contínua, indefinida, cujas curvas se perdem no horizonte. Mas você apenas prossegue andando, um pouco mais rápido agora. Respira fundo, percorre esses muros de alfabetos, gramáticas e pontuações. Não encontra passagens falsas, vielas sem saída, caminhos que se cruzam ou esquinas com múltiplas veredas, nada disso, apenas segue o corredor circular. Ao notar no chão uma ágata em forma de N, sente um sutil rumor por dentro, um certo aperto no peito.

Você olha para o alto e nada vê, escuridão total. É guiado por essa tênue luminescência que parece emanar das próprias pedras preciosas, pelas quais você passa freneticamente. Sente um pouco de medo. E você segue a via, passando por uma turmalina em forma de C. Descansa um pouco e tenta recuperar a respiração. Tem a impressão de ouvir algo, um som sutil, como o tilintar de pedrinhas que se friccionam. Ao erguer sua cabeça por sobre a parede composta de letrinhas rutilantes, consegue ver ao longe o que parece ser uma pessoa. Você decide então imediatamente seguir em sua direção, pois percebe que o corredor curvilíneo leva à esse lugar, que aprece ser o centro dessas veredas espiraladas. Segue a viela circundante e nota um topázio em forma de G, passa por um berilo no formato de um S, seguido de uma safira que parece um B, mais adiante percebe um amontoado de opalas em forma de M e uma bela peça em jade, na forma de P. E você persevera, tenta se concentrar, intui que necessita chegar até lá. Já um pouco mais perto, sentindo o coração bater mais forte, percebe que se trata de uma mulher. E ela está nua. É de uma beleza extasiante, de gestos suaves, longos cabelos e olhar afetuoso.

Uma estranha motivação impulsiona você em sua direção. Você sente que se não chegar até ela algo muito grave pode acontecer a você. O sentimento é de urgência, pode ser letal. O medo aumenta e seu caminhar se torna ainda mais rápido, já quase em desespero. Você tenta chamá-la, quer gritar, mas não consegue. Começa a suar frio e sente que seu tempo está acabando. Salta por cima de um rubi na forma de um L, toca a pilha de esmeraldas à esquerda e depois apoia-se no da direita, onde percebe uma ametista em forma de B. Você nota que já está bem perto, seus esforços podem ser recompensados. E sente como se um relógio assassino lhe perseguisse, como se um tic-tac interno fizesse ferver suas veias, como se o próprio tempo corresse atrás de você com suas mandíbulas cronológicas. Mas você já a vê agora muito mais perto. Você reúne forças e começa a correr. Após tocar em uma turquesa em R, encontra de repente o final do corredor, que dá direto para um amontoado formado por milhares e milhares de pequenos diamantes iridescentes, sobre os quais ela encontra-se sentada, lânguida e sinuosa, tendo nas mãos um punhado de letras, todas de cristal, muito brilhantes. E

observa agora que a pele dela é toda recoberta de letrinhas, uma textura de caracteres, símbolos, números, sinais, alfabetos, grafias, ícones, tipos e fontes de letras, quase na mesma cor da pele, recobrindo todo aquele corpo esguio. E, como se as letrinhas que ela segura nas mãos lhe hipnotizassem com o esplendor do brilho, você se aproxima e tenta decifrar se formam alguma palavra, mas não consegue pois ela brinca com as letras misturando-as, jogando-as ora em uma das mãos, ora na outra. Mas seu coração já se acalma. Quando você se aproxima, ainda sem conseguir balbuciar qualquer palavra, ela finalmente levanta os olhos em sua direção.

Quando seus olhares se cruzam, você percebe que suas pupilas também são de cristal e sente uma cálida corrente de calor que emana direto dos olhos incandescentes daquele ser, um tépido frêmito que entra em seus olhos, enchendo-lhe de energia, de uma força que faz você esquecer a dor, o medo e o cansaço. Jamais você viu um olhar tão cândido, tão sublime e tão vibrante. Você ainda não consegue dizer uma palavra sequer. Permanece sem ação, recebendo aquela vibração que flui para suas retinas. Tempo e espaço perdem sentido. Você apenas deixa-se envolver por aquela aura luminosa e sente suas forças aumentarem. O semblante dela é afetuoso, ela lhe observa como se soubesse tudo sobre você, todos seus segredos, como se toda sua vida estivesse dentro daqueles olhos penetrantes, fulgurantes e feéricos.

Sem saber o que fazer, enquanto ela lhe fita fixamente, você sente em seu corpo um breve tremor, como se um vento cálido tocasse toda sua pele. Você sente um grande arrepio e seus pelos ficam eriçados. Então, com um leve sorriso, ela finalmente lhe entrega as letras que tem em mãos. Você timidamente recebe as gemas cristalinas em suas mãos. Sente o quanto estão quentes essas letrinhas que emitem uma luz branca, ofuscante. Você tenta decifrá-las, muda as letras de posição, tenta combinações diferentes, posições diversas, mas sente dificuldade em encontrar seu significado. Busca por uma palavra, sabe que essa palavra decidirá seu destino, mas as letras brilham tanto, que você não consegue identificar. O lusco-fusco do lume dos cristais impede que você decifre a enigmática combinação.

Nessa perplexidade, você retorna então seu olhar para a misteriosa mulher. Ela apenas acaricia lentamente sua face e suavemente aproxima os lábios de sua orelha. E você finalmente ouve sua voz melódica sussurrar pausadamente dentro de seu ouvido aquela palavra secreta. Um vibrante frenesi faz seu corpo estremecer. Você ainda consegue sentir que da boca dela surge uma luz intensa, que penetra em seu ouvido, entra em sua cabeça e espalha-se por seu corpo, que vai se tornando translúcido. Essa luminescência passa a irradiar de sua pele e vai aumentando sua intensidade, ao ponto de os raios de luz que fulgem de seu corpo fazerem desaparecer a mulher, o monte de diamantes, e também as primeiras camadas dos muros empilhados, e essa luz que se torna cada vez mais branca, mais densa, vai extinguindo as próximas camadas do contínuo corredor circundante, que vai sucessivamente sumindo com os raios luminosos e a espiral aos poucos vai desaparecendo nessa luz cada vez mais intensa, cada vez mais intensa, cada vez mais intensa...

CÁLIDO SENTIR

Silente anoitecer,
em luar romantizado,
estrelas vão dizer,
que o amor é abençoado.

Ternura em corações,
que se doam em doces beijos,
sublimes emoções,
vão criar ígneos desejos.

Voluptuosos sentimentos,
inspirando a felicidade,
abraços a contento,
vão despertar a sensualidade.

Os corpos em sedução,
irão sentir a arritmia,
vontades e sofreguidão;
a concupiscência afluía.

Almas se despindo,
da timidez e do pudor,
o sexo entreabrindo,
a penetração do esplendor.

Corpos nus,
hormônios explodindo,
excitação que conduz,
erotização dos sentidos.

Beijos ardentes,
em erógenos corações,
mentes condescendentes,
interagindo fortes emoções.

mago sexual selvagem,
no amor consentido,
palavrões em mensagem,
recrescendo a libido.

Amantes ofegantes;
sôfregas de primícias!
Frenesi extasiante,
anuindo tórridas carícias!

Júbilos inefáveis!
Paixões inolvidáveis!
Estrelas a rutilar,
anseios no pulsar!

Ígneas vontades,
marchetam o prazer;
sustando puridades,
em eclosões a acontecer!

Espíritos emotivos,
em inebriante sinergia;
congraçando seus sentidos;
comungando arritmias!

Apetecidas vidas despidas,
de repressões e de pudor;
em mãos bem atrevidas,
e com beijos em furor!

Profusas sensações,
em cálidas mentes!
Imensuráveis emoções,
em almas condescendentes!

Hormônios em ardor,
explodindo deleites!
O tempo em estupor,
verá que o sexo é prevalente!

Nudez libertina,
incitando o saciar!
O afã não procrastina,
a vontade de se amar!

Peles que exalam,
fragrância afrodisíaca!
Sôfregos corpos que exaltam,
dedos em toques de ousadia!

Ofegante simbiose,
de posições em simetria!
Ebúrneos seios em apoteose,
sugados sem revelia!

Sussurros lascivos!
Murmúrios libidinosos!
Sentidos robustecidos,
em corações amorosos!

Mamilos intumescidos,
mordiscados pela sedução!
Beneplácito recrescido,
nas preliminares em atração!

Sexos lubrificados,
em corpos ardentes!
Inexistência de pecados!
É o amor resplandecente!

A díade interagindo,
autenticidade de sentidos!
Tabus sendo vencidos,
por desejos remitidos!

Sensualismo degustado,
por seres em lubricidade!
O carinho é consagrado,
no êxtase em privacidade!

Vulva em sensibilidade tórrida,
umedecida pelo néctar puro!
Fálus em estado túmido,
erigido sem a vergonha acólita!

Fantasias concupiscentes,
atraindo o coito bucal;
extasiando vidas ferventes,
em reciprocidade sexual!

Peles suadas,
odor afrodisíaco,
bocas inspiradas,
a sugar o indescritível!

Corpos devassados,
por inflamada felação!
Lábios magnetizados,
pelas bocas em sucção

Olhares interligados,
luzindo arrebatamento!
Instantes eternizados,
na introdução ao firmamento!

Almas em enlevo!
Súplicas em espontaneidade!
A penetração é o anseio,
em corpos em voluptuosidade!

magos adentrados,
em cópulas viscerais!
Palavrões apaixonados,
excitando mais e mais!

Almas em lubricidade;
adentrando a portais,
prazeres sem castidade,
em volúpias carnais!

Movimentos frenéticos,
em corpos energizados!
Gemidos apopléticos,
nos orgasmos alcançados!

Ímpetos arrefecidos,
por músculos fatigados!
O amor é aplaudido,
pela liberdade de apaixonados!

Corpos extenuados,
por prazeres sexuais,
o amor foi entronizado,
por encantos magistrais!



do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É
Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público
concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia
Grande/SP.

História de retalhos

Por todos os lugares que passei,
Costuro uma história de retalhos,
Onde não há normas e padrões.

Sou parte de uma vida,
Uma vida maior que a minha,
Mas as vezes as costuras se desfazem.

Então poetizo-me com as agulhas da alma,
Refazendo e desfazendo, até que goste.
O ponto cruz as vezes é começo entre outros, fim.

No final os retalhos que juntei de tantas formas,
São esses que irão me aquecer,
Se estiver confortável para descansar na minha própria história.

Lado escuro

No lado escuro do quarto, nem tudo é nítido,
As rachaduras não são tão feias,
O mal permanece oculto.
No lado escuro do quarto, as imagens são sombras disformes,
Cheio de coisas esquecidas,
Que já não são mais tão importantes.
No lado escuro do quarto, o chão é mais frio,
O quadro tem menos vida,
E as roupas estão no chão.
No lado escuro do quarto, é a vida que não acontece,
Quando não deixo a luz entrar.

Poderia

Já não disfarço mais o olhar,
Meus olhos te seguem pela rua.
Esses suspiros são seus,
Construo momentos e sorrisos teus
E anoite é o último pensamento meu.
Poderia te levar para tantos lugares,
E navegaria com você por todos os mares,
Te seria terra, te seria céu,
Te seria mundo,
Se tudo isso fosse possível!
Então fecho os meus olhos
Imaginando os olhos seus,
Mordo meus lábios desejando beijos seus.
Você é mais do que apenas querer,
Você é tudo que eu quero sem nem mesmo você saber.

Infinito me

Tudo que é, tudo que sou,
Pouco que sei, pouco que vivi,
Junto o que plantei, junto não escolhas,
Espalho o eu, espalho os outros em mim,
Vendo esperanças, vendo tempos de mudança.
Compro medos alheios, compro incertezas.
Faço laços confiáveis, faço do pouco, absoluta verdade.
Desfaço acordos de paz em mim, desfaço a plenitude.
Identifico as faces dos sentimentos, identifico amenidades.
Engano-me no outro, engano-me em não me encontrar.
Lavo a alma, lavo, até tornar-se alva.
Sujo as mãos de subjetividade, sujo o decifrável.
Mergulho no mar da multidão, mergulho no profundo coletivo.
Abstenho pesadas verdades, abstenho-me do sozinho.
Permaneço inerte, permaneço inalienável.
Vou encontrando o extravio, vou encontrando o declínio.
Construo muros frente ao externo, construo motivos,
Destruo-me, de verdades obtusas, destruo o imutável.
Envio mensagens nas rotas dos ventos, envio silêncio.
Recebo aquilo que não pedi, recebo conturbação.
Contenho-me, nesse permanecer, contenho em continuar.
Infinito me, no meu universo, no universo que teima avançar.

Matheus Casari, 29 de julho de 2020.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#13



dez/jan / 2020

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina